

esdi

ELIO
GROSSMAN

E
MARCOS
MILBERBERG

T-110
1976

O ESPAÇO DO HOMEM E DO OBJETO

Elio Grossman

Marcos Zylberberg

Trabalho de Formatura- ESDI
1976

P110
1976
190000 4133



Reg. de Registro

~~Reg. 1109/77~~ Reg. 4133/90

ÍNDICE

JUSTIFICATIVA

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

I O HOMEM OCUPA A TERRA	pag. 5
O HOMEM CRIA ESPAÇOS	
AS PAISAGENS DO HOMEM	
II A CIDADE	pag. 8
A CRIAÇÃO DA CIDADE	
A EVOLUÇÃO DA CIDADE	
A CIDADE NA ERA INDUSTRIAL	
III O ESPAÇO URBANO	pag. 12
A HUMANIDADE SE URBANIZA	
AS NOSSAS CIDADES	
A QUALIDADE DA VIDA URBANA	
A POLÍTICA URBANA	
O MITO DA CULTURA URBANA	
IV A CIDADE BRASILEIRA	pag. 17
A DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO	
A URBANIZAÇÃO DO BRASIL	
AS MIGRAÇÕES INTERNAS	
O CASO RIO DE JANEIRO	
As migrações do ponto de vista carioca	
O espaço urbano do carioca	
A configuração física do cenário carioca	
V TECNOLOGIA E COMUNIDADE	pag. 45
O PROCESSO TECNOLÓGICO	
TECNOLOGIA E MUDANÇA SOCIAL	
TECNOLOGIA E INTEGRAÇÃO SOCIAL	
TECNOLOGIA E CONTROLE SOCIAL	
O "panoptismo" e as "formas facistas"	
TECNOLOGIA E A ADMINISTRAÇÃO	
VI O BEM PÚBLICO	pag. 59
O BEM PÚBLICO, OS PROBLEMAS URBANOS E AS SOLUÇÕES TÉCNICAS	
Os problemas urbanos, o técnico e suas limitações	
O BEM PÚBLICO E O DESIGN PARA COMUNIDADE	
Equipamento urbano e cotidiano	
O BEM PÚBLICO E O LAZER	
VII PONTOS DE ENCONTRO	pag. 68
PONTOS DE ENCONTRO?	
O ENCONTRO DE QUEM?	
PONTOS DE ENCONTRO E COMUNIDADE	
O ACASO E O DESCASO RIO DE JANEIRO	
EQUIPAMENTO DE ENCONTRO	
Novos tempos e contratempos	
PONTOS DE ENCONTRO E LAZER	

JUSTIFICATIVA

A escolha da presente proposta como tese de formatura é consequência, a princípio, de um processo que pode ser constatado através dos trabalhos por nós apresentados no decorrer do curso na ESDI. Já no início, foram apresentados, para uma das cadeiras, um pequeno desenho animado e estórias em quadrinhos, que revelavam uma preocupação com o problema da poluição urbana. Posteriormente, movidos por uma necessidade de reunir ferramental que nos permitisse compreender e atuar sobre a realidade, partimos para um estudo das representações simbólicas inerentes ao objeto e às relações que, no mesmo nível, se dão entre ele e o homem pressupondo que os objetos configuram um sistema de representações, uma linguagem.

Em seguida, a partir de uma proposta para desenvolvimento de um assento público, tentamos colocar na prática os frutos do estudo anterior, estabelecendo conceitos de privado e público e buscando ressaltar a relação, a troca, a interação entre o homem e os objetos.

Promovemos um ciclo de debates sobre problemas urbanos, numa primeira tentativa de compreender o cenário onde atuaríamos.

Numa etapa seguinte, procuramos localizar o objeto na economia de mercado, abordando problemas de consumo e criação tecnológica, com trabalhos práticos,

utilizando materiais específicos, como a argila, ou maximizando a utilização de elementos com uma unidade eletro-doméstica popular.

Tentamos então localizar o objeto no cenário urbano, a partir de uma proposta para estudo da estação de trabalho do motorneiro de bonde, quando percebemos a determinação do comportamento humano a partir do cenário, no cotidiano; entendemos a reciprocidade de transformação do homem sobre o meio e do meio sobre o homem.

A nossa aproximação ao estudo do urbano dá-se, também, na medida em que, além de sermos futuros profissionais atuantes nesse meio, nos sentimos seres humanos agredidos, num certo sentido, pela cidade. Daí nossa identificação, em determinado momento, com a escola sociológica de Chicago, que vê a cidade como causadora de uma série de problemas da sociedade moderna, para os quais, porém, em realidade, ela não passa de um cenário.

As acusações à metrópole, pela escola de Chicago, referem-se ao início de questionamento do "urbano", muito a partir das agressões ao habitante, que a metrópole começava a provocar, principalmente após a revolução industrial. Vem daí a coincidência da nossa primeira aproximação dos problemas urbanos, acusando a metrópole, com o início do questionamento ao nível do estabelecimento de ligações do espaço físico com o espaço social.

APRESENTAÇÃO

São três os níveis de leitura deste trabalho; três foram as formas de aproximação do problema.

São três os pontos principais deste trabalho; três foram os níveis de análise do universo do discurso.

O universo, aqui tratado, permitiu a colocação e apresentação do trabalho em três discursos paralelos e inter-relacionados.

Na elaboração de um desses níveis, recorreremos a fontes que exploravam o problema de maneira "científica", analítica, isto é, buscamos material que, a partir de uma visão crítica, apontasse as causas de determinadas situações, comparando e analisando as conseqüências, e que permitisse formar um quadro de razões e alternativas, dentro do qual um raciocínio preventivo pudesse determinar uma posição e um caminho.

Em outro nível, buscamos, principalmente, alinhar e documentar os reflexos que toda essa estrutura analisada determinava quando se abatia sobre a população. É exatamente a medida, na prática, dos problemas apontados de forma ordenada no nível anterior. Para isso, utilizamos principalmente recortes de jornal que, por mais que este veículo esteja comprometido com a ordem ideológica estabelecida, seria uma maneira de avaliar no dia-a-dia as manifestações e solicitações do universo estudado.

Por fim, num terceiro nível, procuramos documentar em forma de imagem tudo que foi acima exposto, ou seja, uma prova do assunto tratado, encerrando, porém, em si mesmo um discurso com conclusões próprias, também apontando causas-conseqüências-alternativas, embora relacionando-se com os outros níveis.

Achamos que a apresentação das três aproximações, como forma de comunicação, dentro de um só projeto, está perfeitamente coerente com nossas idéias, segundo as quais o técnico atuante deve levar em consideração, nas suas decisões, uma realidade científica, os anseios da comunidade, sua posição pessoal e sensibilidade.

A apresentação desses níveis ou formas de compreensão, está estruturada segundo leis naturais de cada meio, isto é, da forma como normalmente cada um deles se manifesta e é percebido.

INTRODUÇÃO

A cidade, o centro do nosso estudo, é o meio ambiente do homem moderno no mundo desenvolvido e, segundo previsões, será, num futuro bem próximo, a forma do habitat do homem no mundo inteiro, já que a humanidade se encontra em processo de urbanização global. Este parece ser um processo que independe de sistemas econômicos determinados. Pode-se observar o aparecimento de cidades, no seu sentido moderno, consequência da revolução industrial, em toda parte da terra, seja nos Estados Unidos da América ou na Rússia, seja na África, América Latina ou China, o fenômeno urbano se dá; com características próprias, configuração física do cenário econômico a que pertence, o espelho do sistema, mas conservando características básicas, comuns a qualquer uma delas.

Certamente, este tipo de cenário acarreta, num modo e qualidade de vida com traços característicos, o que procuraremos delinear no nosso trabalho, sobre as metrópoles, fundamentalmente, capitalistas ocidentais e, especificamente, subdesenvolvidas brasileiras.

Para fazer uma leitura ou investigação de "problemas urbanos", poderíamos escolher um grupo de objetos ou de seres: um bairro, uma rua, uma praça, um edifício, um apartamento, uma

sala de jantar, um faqueiro, um determinado grupo de pessoas, animais domésticos, etc. Mas como nosso trabalho não é de cunho, fundamentalmente, sociológico, fizemos uma leitura diagonal, uma tomada de consciência do que seria o "urbano", seu conteúdo social e suas formas ecológicas.

Nossa intenção é, como profissionais atuantes nesse meio, conhecer o consumidor ou usuário potencial de bens industriais, a massa urbana, saber onde nos situar, com que ferramental tecnológico trabalhar, e por fim, para que estaríamos projetando. A cidade seria o modo de organização espacial que permite agrupar toda a série de serviços e funções, as quais permitem a circulação de informações e tomadas de decisões num espaço de tempo ótimo, por infra-estrutura organizada ou por "proximidade" de maneira geral, seja física ou técnica.

A cidade originalmente é o lugar do encontro e da troca,

A metrópole, fenômeno mais recente, implica um tipo de cidade com características e funções mais determinadas. Sua função centralizadora, em termos de polarização regional, implica criar um modo de funcionamento que atenda não a uma supercidade, mas sim a um tipo especial de cidade, uma cidade com características internacionais, cosmopolita, uma população gigantesca, um centro com alto grau de atividades político-

culturais, centralizadora de decisões de alto nível e amplas conseqüências. Seu funcionamento implica num alto grau de sofisticação e complexidade; seu sistema de comunicações, além de mantê-la coesa e em funcionamento harmônico, em função de dimensões e população bastante extensas, deve mantê-la integrada em todo o sistema internacional. Seus habitantes têm um modo de vida e preocupações, à altura deste universo em que vivem, têm um raciocínio altamente abstrato e consomem uma diversidade e uma quantidade de informações espantosas.

É interessante notar que este tipo de espaço metropolitano se formou em função de relações de produção determinadas, e que o tipo de estrutura social e familiar, pertencente a outro espaço ou outro tempo, não encontra, nesse espaço, o ambiente adequado para seu desenvolvimento. É curioso notar as tentativas, de alguns grupos, em busca de novas formas de organização e relacionamento que se adequem mais a este cenário específico, onde as famílias não possuem, dentro do mesmo lar, geralmente mais do que duas gerações, isto é, pais e filhos, os quais têm atividades isoladas, encontrando-se, praticamente, apenas na hora de dormir. É interessante reparar as origens da cidade enquanto "tecnologia de poder", e acompanhar sua evolução até hoje, com

características e funções distintas, como produtora de "civilização" e até como civilização em si: a cultura urbana.

Nosso estudo sobre o processo de urbanização não é especificamente para propor algo para sua última etapa, isto é, a Metrôpole, mas principalmente entendê-la dentro de um processo, com uma visão preventiva, tendo desde já consciência da desintegração das relações primárias nos grandes centros urbanos e da sua cada vez maior influência sobre os outros meios.

A tecnologia vista como instrumento capaz de ordenar este espaço, determinando comportamento, de certo modo, previsíveis; e até certo ponto, programáveis.

Ressaltamos ao final da "leitura" das características de toda a parafernália urbana, baseada numa conjuntura "socio-econômica-tecnológica, a ação de rompimento das relações humanas primárias nessa metropole, e a descaracterização dos pontos de encontro.

I. O HOMEM OCUPA A TERRA

Tracemos um breve perfil histórico do nosso crescimento demográfico; vejamos as proporções e as dimensões da ocupação do solo pelo homem. Tomemos por ponto de partida o ano de 25 A.C.: nosso planeta contava com menos de 250 milhões de habitantes; Júlio César acabava de morrer e aproximava-se o nascimento de Cristo. Mil anos depois, 975 D.C., a população cresceu apenas para 350 milhões. Os próximos 100 milhões são incorporados na metade do tempo, ou seja, em 500 anos. Em 1475 contava-se, então, 450 milhões de habitantes: Vasco da Gama circunavega a África, Colombo descobre o Novo Mundo e Copérnico descobre que a Terra não é o centro do universo. Em apenas um ano, um terço da população da Europa é aniquilada pela peste negra. Em 1800, o mundo se transforma, a revolução industrial campeia. As estradas de ferro cruzam os continentes. As doenças começam a ser controladas; por volta de 1830, a população humana se eleva para um bilhão. Nesta época Malthus escreve o "Ensaio sobre a população". Por volta de 1900, somos 1.650 milhões. Aparecem os primeiros automóveis e o primeiro avião. A expectativa de vida do homem aumenta.

Em 1975, somos 4 bilhões, isto é, desde o começo do século a população cresceu mais do que o dobro. Prevê-se que por volta do

ano 2.000 sejamos 6,5 bilhões, quatro vezes mais do que no início do século. Enquanto este processo de crescimento demográfico se desenvolvia, outro processo paralelo tinha lugar: o da concentração da população em determinados pontos do planeta, em cidades e metrópoles, o desenvolvimento urbano determinando a eleição deste tipo de organização espacial pelo homem moderno.

O HOMEM CRIA ESPAÇOS

As modalidades de ocupação do espaço pelo homem vêm mudando através do tempo; uma das transformações assinaladas foi a concentração populacional em termos de urbanização e metropolização.

Tentaremos então entender este espaço para buscarmos compreender sua organização/desorganização e as possíveis repercussões acarretadas à vida do homem.

"A noção mais consagrada de espaço é, aparentemente, a de ESPAÇO GEOGRÁFICO, entendido como um conjunto de elementos físicos que compõe um território e que se define, para efeitos práticos, pelos limites de um país ou município. Este conceito costuma ser confundido com a noção de ESPAÇO POLÍTICO, mas seria conveniente entender este como um território subordinado a uma autoridade política, juridicamente estável e institucionalmente organizada.

É importante deixar claro que, o espaço político pode projetar-se fora do espaço geográfico, quando seu centro dinâmico exerce efeitos de dominação sobre outros estados políticos mais débeis. Encontramos também a classificação de ESPAÇO ECONÔMICO, em contraposição ao espaço geográfico cuja principal característica é a continuidade. Seria um espaço descontínuo, formado por agentes econômicos ativos e/ou potenciais. Quando os agentes estivessem vinculados por mecanismos econômicos definidos (mercado), tratar-se-ia de um espaço diferenciado ou polarizado, enquanto que esses agentes existem em condições de subsistência ou auto abastecimento, pode-se definir este espaço como indiferenciado e homogêneo.

O espaço econômico diferenciado (ou polarizado) pode ultrapassar os limites do espaço geográfico no qual se localiza o centro de polarização. A periferia deste espaço se definiria como a posição limite dos agentes integrantes do espaço econômico indiferenciado, ou quando existem dois ou mais centros polarizadores, agindo simultaneamente nas posições em que os agentes econômicos estão sujeitos a ação simultânea destes centros polarizadores" - (JOCA SERRAN).

Permitido, ainda seria observarmos outras subdivisões destes espaços, como por exemplo:

a noção de espaço sócio-cultural, que poderíamos definir como um espaço psicofísico, no qual e através do qual os interesses políticos e particulares encontram expressões não só coletivas, mas também incorporadas, fundadas num corpo de costumes e tradições, dos sentidos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição.

Possível, ainda, falar-se a respeito de um espaço pessoal, um espaço que os animais, ditos de não-contacto mantêm entre si mesmos e seus congêneres, um espaço de segurança pessoal.

AS PAISAGENS DO HOMEM

Procuraremos, neste ponto, definir superficialmente, para efeito de entendimento, uma distinção de espaços que fica bastante clara aos olhos, mesmo enquanto paisagem, embora não seja, fundamentalmente, o que diferencia o espaço rural do espaço urbano. A primeira pista nos vem pela imagem que temos do campo e da cidade, caracterizando-se cada um desses espaços por uma fisionomia própria, por ritmos de atividade, por densidades humanas e por fluxos diferentes, embora, nas sociedades industriais desenvolvidas, as fronteiras entre o espaço rural e o espaço urbano tendam a ir tornando-se cada vez menos precisas e mais flutuantes. O espaço urbano

deixou de constituir um ponto para estender-se em manchas criadas pela urbanização, urbanização esta que, na medida em que vai levando para os campos equipamentos e modalidades de consumo análogos aos da cidade, vai-se estendendo pelas regiões rurais.

Teríamos então o espaço rural bastante extenso, pelas características de suas atividades básicas, agrícola e pastoril. A densidade populacional é bastante elástica, dependendo da região, mas, em princípio, a população rural é muito dispersa, a sociedade é bem menos diferenciada, do ponto de vista profissional, que a sociedade urbana. O nível de vida médio e o padrão de consumo dos indivíduos são ali inferiores aos dos habitantes das cidades. É um espaço com poucos elementos para comunicação local, serve mais de suporte para as comunicações que possibilitam as relações inter-urbanas. O espaço urbano é a superfície ocupada pelas cidades ou pelo menos a superfície necessária ao funcionamento interno da aglomeração. Compreende áreas construídas, a rede urbana de ruas, sistemas de saneamento, as implantações de empresas industriais e de transporte, os jardins, os parques de diversão e de lazer, colocados ao alcance imediato do cidadão. Durante muito tempo, não houve dificuldade alguma para se

estabelecer a distinção entre espaço urbano e rural. A superfície da cidade era delimitada e frequentemente cercada de fortificações. Basta lembrar as cidades medievais.

Dentro de sua diversidade, o espaço urbano é suscetível de ser definido quase que em toda parte do mundo por um certo número de dados. Caracteriza-se pela concentração do habitat numa área limitada e com freqüente acúmulo da população em imóveis de diversos andares. É um espaço completamente equipado que, devido a forte densidade das instalações e da pronunciada concorrência para utilização dos terrenos, atinge um preço muito elevado (em princípio, pois em nossa sociedade existem outras formas de criar-se valor); esta circunstância, devido às exigências da rentabilidade, leva à concentração de atividades altamente produtivas por metro quadrado. Suas transformações se tornam muito mais delicadas e onerosas que as efetuadas no espaço rural, não somente em razão do alto custo do terreno como também por causa da densidade dos fluxos operados numa superfície exígua. Trata-se, por consequente, de um espaço dificilmente permeável às transformações, contudo a diversidade das solicitações de que é objeto, faz com que este espaço venha sofrendo modificações muito profundas nestes últimos decênios, provocadas tanto pela evolução das técnicas,

modificando atividades, mas sobretudo pela extensão de todas as cidades do mundo.

II. A CIDADE

De modo a conseguir uma aproximação mais abrangente do que seria o espaço urbano, é necessário que se façam algumas observações. Primeiramente, é necessário salientar que as noções de espaço urbano e rural estão permanentemente associadas e uma referencia a outra, quando se trata de espaços ocupados pelo homem. As relações campo e cidade se dão na medida em que o campo fornece parte de sua produção em troca de certos serviços, reais ou imaginários. Esta afirmativa nos leva a idéia de função de cada espaço e a articulação entre estas funções e espaços.

Duas idéias que se associam ainda: a cidade e concentração; uma terceira idéia, igualmente associável, é a do intercâmbio, da troca, que implica acumulação de algo passível de troca e encontro de parceiros de intercâmbio.

A CRIAÇÃO DA CIDADE

Enquanto o homem vivia em pequenos grupos homogêneos e auto-suficientes, dedicados inteiramen-

te à busca de alimentação, não havia a possibilidade do acúmulo de comida. Na medida que o desenvolvimento das forças produtivas permite ao produtor primário produzir mais que o necessário à sua subsistência, nesse momento histórico torna-se possível o aparecimento da cidade, que pode receber o excedente de produção alimentar do campo, que possibilita sua existência. Esse excedente alimentar permite a especialização do trabalho e dá origem à sociedade de classes, a partir do momento em que se diferencia uma classe que passa a se dedicar a certas atividades não produtivas, por exemplo, condicionar a liderança e organizar a mão-de-obra, de modo a desenvolver e manter sistemas capazes de multiplicar a produção e facilitar a distribuição.

A produção do excedente alimentar é condição necessária mas não suficiente para o surgimento da cidade. É preciso que se criem instituições sociais, uma relação de dominação e exploração. Essas relações asseguram, inclusive, a transferência do mais-produto do campo para a cidade. Enfim, a existência da cidade pressupõe uma participação diferenciada dos homens no processo de produção e de distribuição, ou seja, uma sociedade de classes.

A constituição da cidade foi, ao mesmo tempo, uma inovação na técnica de dominação e na

organização da produção. A cidade concentra gente num ponto do espaço, constituída, em parte, por soldados que têm sua eficiência aumentada na cidade, profissionalizando-se. Deste modo, a cidade proporcionava a classe dominante a possibilidade de ampliar territorialmente seu domínio.

A EVOLUÇÃO DA CIDADE

Segundo PAUL SINGER, a partir da transformação da cidade em centro de produção (e não só de exploração do campo), redefiniu-se o conjunto das relações nela vigentes. O mais-produto vindo do campo deixa de servir apenas como valor de uso (manutenção da cidade) para ser usado com sentido de valor de troca. No intercâmbio generalizado da cidade se destaca uma mercadoria que se transforma em equivalente geral de todas as outras, tornando-se moeda, e é a troca monetária que finalmente torna possível a ampliação da divisão social do trabalho. Temos, então, a cidade como o modo de organização espacial que permite maximizar a transformação de excedente alimentar em poder militar, e este, em dominação política.

Segundo ADAM SMITH, o limite da divisão do trabalho é o tamanho do mercado. Este tamanho é dado pelas fronteiras políticas e pelo custo dos transportes. A cidade rompe

a barreira, ao aglomerar num espaço limitado uma numerosa população. Nestas condições, a proximidade entre produtores e consumidores, propiciada pelo convívio urbano, reúne num mesmo mercado uma considerável massa populacional, cuja demanda permite uma multiplicação das atividades especializadas. O passo seguinte é a articulação entre as cidades (conservando o mesmo espírito de intercâmbio, concentração de excedentes, estrutura de classes e divisão do trabalho). O crescimento da cidade e a expansão da divisão do trabalho intra-urbano originam uma divisão de trabalho entre diferentes núcleos urbanos. Surgem atividades especializadas que suprem uma demanda muito mais ampla que a do mercado local. A condição para esta nova realidade é que a rede urbana integrada nesta divisão do trabalho esteja politicamente unificada. Têm lugar, então, as nações e impérios. Isto é, a economia urbana, ao mesmo tempo em que requer um espaço político para seu desenvolvimento, proporciona fundamentos materiais para que este espaço se constitua. Uma vez estabelecida, a economia urbana integra as diferentes partes do território, ao especializá-las produtivamente, tornando-as interdependentes o que reforça sua unificação política. Pode-se entender desta maneira, como o ressurgimento da economia urbana, na Europa, no fim da Idade Média, tenha coincidido com a criação

dos primeiros estados nacionais.

Quando a divisão do trabalho entre cidade e campo se estabelece firmemente, a cidade deixa de ser apenas sede da classe dominante, onde o mais-produto é apenas consumido, para se inserir no circuito metabólico homem-natureza. A transformação dos elementos da natureza, pelo homem, passa a ser apenas iniciada no campo, mas é completada na cidade. Desta forma, o homem do campo passa a ser consumidor de produtos urbanos, estabelecendo-se uma verdadeira troca entre cidade e campo.

A partir do século XIII, a libertação de certas cidades do domínio feudal, a fuga dos servos para estas cidades, o estabelecimento das ligas de cidades comerciais e o surgimento de uma nova classe de comerciantes e banqueiros, preparam terreno para a revolução comercial, que estabelece, finalmente, uma divisão do trabalho interurbano no plano mundial, assegurando um amplo e contínuo desenvolvimento das forças produtivas.

A partir do enfraquecimento da aristocracia feudal, o comerciante passou a aproveitar a mão-de-obra liberada nas aldeias camponesas e, fornecendo matéria-prima e ferramentas, passa a produzir mercadorias, sem estar sujeitos à regulamentação corporativa, cuja vigência se limitava à área urbana.

Aprofunda-se a divisão do trabalho, com o surgimento de

novas funções especializadas, elevando-se o nível das forças produtivas. Assim chegamos à revolução da manufatura, que se dá fora da cidade e contra a cidade. Forja-se uma aliança entre o capital comercial e a aristocracia real, que se dirige, simultaneamente, contra a aristocracia feudal e contra as corporações urbanas, cuja resistência à ampliação da escala de produção obstaculizava o desenvolvimento das forças produtivas. O capital comercial triunfou, abrindo caminho a novos avanços das forças produtivas. A expansão da manufatura, cuja extensa divisão do trabalho tendia a desmembrar os antigos ofícios em funções especializadas e mutuamente dependentes, tornava possível empregar homens sem longo aprendizado anterior, que eram adestrados com relativa rapidez no trabalho e que se inseriam no processo produtivo apenas como assalariados. O resultado deste processo - a moderna unidade de produção, a fábrica - é necessariamente um fenômeno urbano. Ela exige, em sua proximidade, a presença de um grande número de trabalhadores. O seu grande volume de produção requer serviços de infra-estrutura (transporte, armazenamento, energia, etc.), que constituem o cerne da moderna economia urbana. Quando a fábrica não surge na cidade é a cidade que se forma à sua volta.

A CIDADE NA ERA INDUSTRIAL

A revolução industrial determinou profundas mudanças nas relações entre campo e cidade; foi eliminada aos poucos a produção de subsistência do campo, transformando o camponês num agricultor especializado. A partir de certo momento, a indústria urbana revolucionou também a economia agrícola, passando a fornecer ao campo seus principais instrumentos de produção; arados de ferro, fertilizantes, tratores, colhedadeiras, energia elétrica, vacinas, etc. A população do campo, nos países industrializados, foi totalmente integrada no mercado da grande indústria. Nos países não industrializados surgiram importantes setores de mercado externo, integrados na divisão internacional do trabalho e cuja população também passou a demandar produtos da grande indústria.

Nos países que chegaram tarde ao cenário industrial, o processo de mudança de sua estrutura social, econômica e ecológica tende a se dar de maneira concentrada. Muitos desses países não passaram pela fase da economia urbana manufatureira (pré-industrial) e os que chegaram a ter esse modo de produção viram-no ser exterminado pelas forças de penetração, inicialmente político-militares e depois econômicas, dos países onde já dominava a grande indústria. Nas cidades

desses países, o aparecimento de uma burguesia capaz de resistir ao esmagamento e fazer desabar a poderosa arquitetura sócio-política da velha ordem colonial deu-se tardiamente e em condições completamente diferentes das que presidiram o seu aparecimento original na Europa.

As economias de mercado desenvolvidas, altamente urbanizadas, controlam 70% dos recursos mundiais, com apenas 20% da população do mundo. Por volta do ano 2.000, a área desenvolvida poderá conter cerca de 1 bilhão e 400 milhões de habitantes com apenas uma quarta parte deles nas zonas rurais. Enquanto isso, no mundo em desenvolvimento os habitantes poderão ser 5 bilhões, mais da metade rurais. Nesse período, no mundo não desenvolvido, os habitantes de cidade terão duplicado de número. Algumas das maiores concentrações quase com certeza ocorrerão em países que dispõem de menos recursos e capitais. E continuarão cercadas por massas empobrecidas de camponeses, prontas para transbordar sobre as cidades. Essas desproporções jamais ocorreram na Europa e na América do Norte, durante a primeira etapa do desenvolvimento das sociedades industriais urbanas. Cidades foram criadas pela demanda ativa de mão-de-obra para as novas fábricas. O elemento dominante era uma industrialização bem sucedida, com as cidades expandindo-se em resposta às novas formas

de trabalho.

As cidades dos países não desenvolvidos foram construídas para atender ao comércio atlântico, embarcando matérias-primas e recebendo produtos manufaturados. Neste século, elas se tornaram polos de atração de migrações torrenciais, isto ocorrendo muito antes dessas cidades ou zonas rurais terem a base industrial (ou a eficiência agrícola) para apoiar um sistema urbano completamente desenvolvido.

O Rio de Janeiro, metrópole portuária, desenvolveu-se de maneira peculiar. Na época do descobrimento, foi uma localidade escolhida, juntamente com Salvador, por suas características geográficas, pelo movimento das correntes marítimas e facilidade de defesa e de aportagem. Desenvolve-se, porém, mais do que Salvador devido ao envio para Portugal do minério e ouro extraído de Minas Gerais, feito através do Porto do Rio de Janeiro e de Paratí. Com a transferência da Família Real para o Brasil e a Abertura dos Postos às Nações Amigas, o Rio começou a participar diretamente do mercado internacional, até aqui feito através de Portugal. A partir de 1822, ano da Independência, o Rio juntamente com Santos passa a funcionar como porto de exportação de café, principal produto brasileiro nesta época. O processo de urbanização do Rio se deu de maneira acelerada, uma vez que, desde o descobrimento,

precisou de infra-estrutura capaz de absorver a movimentação que se realizava em seu porto; sempre foi um mercado de serviços bastante amplo; mesmo sem contar com uma atividade industrial ou agrícola muito desenvolvida, manteve-se como centro administrativo e de prestação de serviços, explorando também a atividade do turismo.

III. O ESPAÇO URBANO

A HUMANIDADE SE URBANIZA

O processo de urbanização da humanidade está sendo bastante radical e acelerado. Esta mudança vem acompanhada de profundas transformações nos modos de vida, na mentalidade e na sensibilidade da parcela da população que se urbaniza.

Segundo dados fornecidos pela ONU, em 1925 os cidadãos representavam apenas um pouco mais de 20% da população mundial. Hoje correspondem a mais ou menos 40% e talvez 50% até o final do século.

A população começou a urbanizar-se, efetivamente, por volta de 1920 na América do Norte e Oceânica, 1930 na Europa, 1960 na União Soviética e 1965 na América Latina. Segundo previsões, por volta de 1995, atingirá o leste da Ásia, 2015 a África e 2025 o sul da Ásia.

Este processo cria situações que merecem, neste ponto, ser

mencionadas.

AS NOSSAS CIDADES

Quando se tem debatido a experiência urbana da humanidade, tem sido a insatisfação e a preocupação cada vez maiores com as grandes urbes que se desenvolveram, sem planejamento nem diretivas, nos primeiros séculos da industrialização, a tônica das discussões. Essas cidades, crescidas por força de pressões privadas e de um mercado especulativo de terras. Espalhar-se e produziram uma série de tensões humanas e deficiências ambientais que, em algumas delas, já começam a mostrar sinais de colapso. Nos países desenvolvidos, a fuga para os bairros residenciais, nos arredores das cidades, separou grande parte das classes médias ascendentes da vida íntima do centro urbano, e ajudou a estabelecer o panorama dos cortiços e favelas próximos aos centros industriais e as linhas de transporte. O crescimento dessas cidades tem dado origem a formações deste tipo que, às vezes, chega a reunir nada menos que aproximadamente a terça parte da população da área. Segundo estimativas da ONU, em 1965, esse subproduto da cidade grande abrigava 30 milhões de pessoas nos países desenvolvidos e 150 milhões nas nações em desenvolvimento. Em muitos dos grandes centros, a indústria

manufatureira e os serviços de transporte declinaram, levando consigo os empregos não qualificados e estimulando o mercado não formal de empregos. Aumentaram os empregos no setor terciário e no novo setor "quaternário", de sistemas gerenciais baseados em conhecimentos, que dependem das altas abstrações das comunicações mundiais, bancos de dados e computadores. Notamos, pois, que estão desaparecendo os empregos que os pobres, não qualificados, podem assumir. O novo mundo do centro da cidade serve melhor aos educados e abastados.

Nos países não desenvolvidos, o problema se dá com características próprias, e agravantes como a pobreza, cada vez maior, e por uma crua segregação. O crescimento da população é explosivo, os recursos insuficientes, a urbanização desequilibrada e crescente o subemprego - difícil exagerar a pressão sob a qual dois terços da população mundial se encontra.

Haverá mais de 2 bilhões de moradores nas cidades no ano 2.000 (em comparação com 622 milhões em 1970), sobre eles pairando os movimentos migratórios potenciais de um número ainda maior de camponeses.

A QUALIDADE DA VIDA URBANA

A cidade oferece, a quem participa do seu espaço, uma série de estímulos, vantagens e desvantagens; isto é, a cidade tem um

modo de vida e um ritmo característicos que procuraremos descrever.

A princípio, a cidade oferece um certo número de facilidades de encontro e troca. A concentração de uma população, num ponto, acarreta proximidade e fácil acesso a atividades, sejam culturais, de lazer ou sociais, abastecimento, trabalho, educação ou saúde. O sistema de comunicações e o aparato urbano criam facilidades que permitem ao indivíduo ligações necessárias ao dia-a-dia. O comércio urbano e os aparelhos de divulgação mantêm sempre a comunidade a par dos fatos do mundo. Seus sistemas de reprodução e armazenagem de informações permitem um acúmulo e desenvolvimento do repertório técnico, científico e artístico. O habitante do espaço urbano dispõe de uma "mobilidade" planetária.

Além disso e por causa disso, os negócios e as decisões comunitárias podem ser mais intensos e resolvidos de forma eficaz, gerando um ritmo acelerado de progresso. As possibilidades de produção e distribuição de bens, apoiados num sistema de transporte, armazenamento e manutenção eficientes são infinitas.

Esse núcleo de contatos humanos facilitados, de produção, circulação e armazenamento de bens materiais e de informações, com um sistema de abastecimento e saneamento estruturados, uma demanda ativa de mão-de-obra para

indústrias, serviços e equipamentos urbanos, são o cerne do modo de vida e da filosofia do urbano.

O complexo urbano, porém, nem sempre funciona de maneira harmônica e natural, seja por carência de recursos fundamentais ao seu pulsar, seja por hipertrofia deste sistema. Tão logo a população ultrapassa um certo número, a necessidade de comunicação exige recursos técnicos que, até certo limite de volume e complexidade, facilitam o contato mútuo. Quando esse limite é excedido, a comunicação técnica, ou seja, a comunicação feita através de recursos tecnológicos, em vez de auxiliar, transforma-se num estorvo; a comunicação através de recursos naturais do homem é impossível, dados os obstáculos da cidade, mesmo simplesmente a distância nos grandes centros.

Tal estágio é alcançado quando o ritual mecânico de um novo sistema requer um dispêndio de tempo e energia muito grande, às vezes, até maior que um antigo. É fácil ilustrar esse estado de coisas. O uso do telefone, do ônibus, de elevadores, etc., em determinada hora do dia, num centro do tipo do Rio de Janeiro, pode tornar-se tarefa exasperante.

A dificuldade de comunicações é um perigo da vida urbana moderna. Sua ação de rompimento das relações humanas provoca o isolamento e a solidão do indivíduo, que aumentam com o tamanho da cidade e o seu grau de complexidade. A cidade, muitas vezes, sofre transformações e ocupação de sua superfície, que

implicam o desaparecimento ou descaracterização de parte de seus pontos de encontro e contatos humanos. O resultado deste processo de fracionamento das comunicações é a multidão, a transformação da cidade num superajuntamento. Dentro da multidão, dela fazendo parte, estamos sozinhos. A saúde mental é determinada pela natureza e qualidade das relações inter-humanas. Que dizer de certos locais onde tais relações se atrofiam?

É de se supor que o gasto de quatro horas, ou mais, no percurso de ida e volta ao trabalho, exerça efeito perturbador sobre a vida familiar do homem urbano. Os subúrbios representam todas as desvantagens e nenhuma das vantagens da cidade ou do campo, anulando a redução das horas de trabalho e dilatando o tempo gasto no transporte etc. Eles são uma triste herança da civilização industrial séc. XIX. Podem ser considerados pouco mais que favelas "desenvolvidas" e engrandecidas.

Problemas urbanos costumam resultar também de instalações inadequadas ou ineficientes de água e esgoto, habitações anti-higiênicas em regiões insalubres, locais mal escolhidos para fábricas, poluição da água e do ar por produtos químicos, assim como da ausência de um mobiliário urbano adequado, principalmente equipamento para lazer.

Isto gerado pelas dificuldades de investimento sobre o bem público, especulação imobiliária, etc, e principalmente uma atitude imediatista com que se determinam as operações sobre o espaço urbano (no caso das metrópoles brasileiras), implicando assim um espaço que dificulta as atividades de convívio e lazer, onde se definham as relações humanas.

O acúmulo de lixo, industrial e residencial, para o qual as cidades não dispõem, muitas vezes, de recursos para remoção, ou mesmo por características materiais deste lixo, também é causador de apreensão. O ruído excessivo das grandes cidades contribue substancialmente para doenças nervosas. A insônia, tensão, irritação, etc.

Imagine-se os inconvenientes sofridos pelo sistema produtivo, diante das dificuldades de funcionamento e fluidez, consequência de crescimento desmedido e desordenado de certos centros que justificam a preocupação, recente, das classes dirigentes com os problemas urbanos.

A POLÍTICA URBANA

Se observarmos a evolução dos movimentos populares, constataremos um fenômeno bastante significativo nos últimos anos, qual seja, a eclosão de numerosas ações reivindicatórias e de protesto social relativos a questões

urbanas e de meio ambiente. A cidade e seus problemas aparecem como tendo cada vez mais peso nas práticas que constituem o poder. A intervenção do estado no urbano, direta ou indiretamente, é elemento fundamental na organização do conjunto dos equipamentos coletivos que constituem a estrutura urbana.

Pode-se explicar essa "politização do urbano", primeiramente, pela concentração do capital e, conseqüentemente, dos meios de produção e das unidades de gestão e da força de trabalho necessária. A concentração espacial dos trabalhadores implica a concentração do conjunto de meios de consumo dos quais eles têm necessidade. A interdependência crescente das diferentes unidades de produção e de gestão obriga a um funcionamento ininterrupto de um extenso complexo econômico, tanto na produção quanto no consumo.

Estes processos se desenvolvem dentro da estrutura urbana das grandes cidades. Desenvolve-se a tecnologia, a força de trabalho aumenta seu papel no processo de produção: cada trabalhador deve fazer valer uma fração cada vez maior de capital investido em máquinas; a interdependência das unidades técnicas e econômicas exige um funcionamento cada vez mais articulado da força de trabalho; e finalmente a aceleração do progresso técnico reforça o papel da

informação e do conhecimento e, conseqüentemente, da qualificação de uma parte da força de trabalho, na criação de valor.

O papel estratégico da força de trabalho aumenta, e consigo, o papel dos meios de consumo que lhe são necessários, em particular aqueles em torno dos quais se organiza o conjunto do consumo: os equipamentos coletivos. A moradia, a escola, os serviços de saúde, as creches e os jardins de infância, os equipamentos culturais, os transportes, etc., tornam-se deste modo pontos vitais da estrutura urbana e das exigências indispensáveis do processo de produção.

Por outro lado, existe no Brasil quase duzentas e cinquenta leis sobre o meio ambiente, tantas outras sobre o uso do solo, e o Rio de Janeiro já vai para o quarto planejamento urbanístico. De que vale isto tudo, se cada vez mais bens públicos são viabilizados em bens rentáveis?

De fato, a partir de que o espaço começa a ser um recurso escasso, devido a concentração populacional, passa a ser uma variável nas decisões econômicas. Vivemos num sistema em que a posse da propriedade não é dissociada do seu uso.

O MITO DA CULTURA URBANA

Dentre as escola sociológicas, que se dedicaram ao estudo do

urbano, se destacou a escola de Chicago, com premissas e pontos de vista de seu tempo, o início do século. Dentre suas premissas podemos alinhar o seguinte: é sua crença que as leis da evolução operam tanto na natureza como na cultura, estabelecendo uma continuidade entre ambas. Apoiados na formulação dos naturalistas do Século XIX, com relação a ecologia animal e vegetal, definiam como fundamental o estudo de uma comunidade como fato físico para a compreensão do fenômeno social.

Mais recentemente, e criticando a posição da escola de Chicago, uma nova linha de pensamento, representada na figura de MANUEL CASTELLS, aborda o problema urbano de maneira diversa: realmente não tem havido nunca, nem pode dar-se, na evolução das cidades, fenômeno perceptível unicamente em termos físicos, por exemplo, de tamanho. Toda a evolução da dimensão e a diferenciação de um grupo social, é, em si, produto e expressão de uma estrutura social e de suas leis de transformação. A "cultura urbana", tal como é apresentada, não é nem conceito nem uma teoria. Propriamente falando, é um mito, já que conta, ideologicamente, a história da espécie humana. Por conseguinte, os temas sobre a "sociedade urbana", que se fundem diretamente sobre este mito, constituem as palavras-chaves de uma ideologia da

modernidade, assimiladas de forma etnocêntrica.

A cultura urbana é o que serve de base a toda uma série de discursos que substituem a análise da evolução social no pensamento das elites dirigentes ocidentais e que, por isso, são amplamente veiculadas pelos "mass-media" e formam parte do ambiente ideológico cotidiano.

Sendo o fenômeno urbano a expressão do sistema de valores em curso na cultura própria de um lugar e de uma época, podemos pensar que as cidades serão mais tipificadas numa sociedade mais consciente dos objetivos que persegue. Enfim, é o que diferencia uma cidade européia, que procura livrar-se da proximidade de indústrias produtoras de poluição, de cidades dos países não desenvolvidos que aceitam, no seu espaço, essas indústrias.

IV. A CIDADE BRASILEIRA

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO

Segundo o I Censo Demográfico, realizado em 1872, contávamos cerca de 10 milhões de habitantes. Cerca de cem anos mais tarde, de acordo com o VIII Censo Demográfico, éramos 94,5 milhões (quase dez vezes mais); possivelmente até o final do século somaremos 200 milhões de habitantes, segundo

o Centro Latino Americano de Demografia. Simultaneamente ao crescimento absoluto da população, processam-se movimentos migratórios significativos.

Historicamente, houve um permanente deslocamento das populações do Nordeste para as regiões sudoeste e sul, revelando fortes concentrações regionais. Por volta de 1870, o Nordeste concentrava 46,7% do total da população (quase metade), enquanto o Sudeste retinha 40,6% e o Sul 7,27%. Por volta de 1970 apresenta-se o seguinte quadro: o Sudeste revela a maior concentração demográfica, contando 42,68%, o Sul 17,65% e o Nordeste, apenas 30,34% do total (menos de 1/3).

A URBANIZAÇÃO DO BRASIL

Em 1900, apenas 10% da população residia nas cidades, em 1950, este percentual subiu para 36,1%, de acordo com o censo realizado em 1970, verificava-se uma percentagem de 56% dos habitantes nas cidades, isto é, um percentual urbano maior que o rural. Estima-se que até 1980, 2/3 da população se concentre nas cidades (65%).

Paralelamente a esta urbanização, processa-se ainda a metropolização. Observa-se um desequilíbrio que se tem agravado no processo de urbanização do país. Enquanto, de

um lado, observa-se um processo de metropolização prematura em ritmo acelerado, na costa atlântica, dá-se uma excessiva pulverização de pequenas cidades, sem um número adequado de cidades médias que dê razoável equilíbrio ao conjunto.

Tomemos, por exemplo, o processo de metropolização do Rio de Janeiro. O censo de 1970 acusava aproximadamente 9 milhões de habitantes, o que correspondia a quase 10% do conjunto nacional. Enquanto a população urbana do país era de 56%, a do Estado do Rio de Janeiro era de 88%. Entre 1950 e 1970, o crescimento da população urbana do Estado foi de 133%, enquanto, neste mesmo período, a área rural sofreu um decréscimo de 15%.

AS MIGRAÇÕES INTERNAS

O movimento de migrações internas, que determina em grande parte o processo de metropolização, pode ser explicado pelas mudanças tecnológicas, e seus efeitos socioeconômicos, que nos países não desenvolvidos se dão num ritmo muito acelerado. Enquanto nos países desenvolvidos, as mudanças são consequência de um amadurecimento progressivo, nos países não desenvolvidos, complexos inteiros de produção são implantados de uma só vez, submetendo a estrutura econômica a choques profundos. Em segundo

lugar, nos países não desenvolvidos, boa parte da população ainda se encontra em economia de subsistência. Na medida em que o desenvolvimento se processa, vai atraindo parcelas crescentes da população para a "economia de mercado". Aos fatores de mudanças somam-se os fatores de estagnação: na medida em que uma parte considerável da população permanece em economia de subsistência, e também, graças à queda da mortalidade, seu crescimento vegetativo aumenta, os fatores de estagnação geram um fluxo migratório considerável.

O CASO DO RIO DE JANEIRO

Uma análise da distribuição da população no espaço metropolitano do Rio de Janeiro indica uma concentração de 60% da população no município do Rio de Janeiro (1970). Verifica-se, entretanto, que esta concentração vem diminuindo relativamente (77,4%, em 1950, e 65,3%, em 1960) como resultado do crescimento dos municípios das unidades urbanas integradas. Assim é que, entre 1960 e 1970, esses municípios praticamente duplicaram sua participação no total da população metropolitana em relação ao ano de 1950. Alguns destes municípios revelam uma elevada densidade demográfica, da ordem de 148 habitantes por hectare (Nilópolis e S.J. de Meriti). Tais

áreas saturadas não dispõem de mais terrenos para se expandir. Qualquer crescimento só poderá ser conseguido através de recursos, como os utilizados já por alguns bairros do município do Rio de Janeiro, tais como Copacabana, Ipanema, Leblon e Tijuca, que têm alguns de seus terrenos reedificados pela terceira ou quarta vez, no decorrer da história.

Estima-se que nos próximos 25 anos a área metropolitana do Rio possa chegar aos 18 milhões de habitantes, isto é, somar 10 milhões de habitantes a sua população atual; seria o mesmo que colocar uma "grande São Paulo" dentro da "Grande Rio", ou ainda, construir umas vinte Brasília.

O Rio já vai para o seu quarto planejamento urbanístico: o primeiro foi o de Pereira Passos, no governo Rodrigues Alves; o segundo foi o Plano Agache, em 1930; o terceiro, o Plano Doxiadis, em 1965; e até 1978 começará a ser implantado o Plano Urbanístico Básico do Rio (PUB-RIO).

As Migrações do Ponto de Vista Carioca

Nos países desenvolvidos, o migrante representa o superavit humano dos campos, liberado pelos altos níveis técnicos aí atingidos. Este elemento traz para a cidade valores humanos de vez que emigra

de áreas onde a estabilidade social e econômica se refletiu num nível alto, costumes e instrução. Sua adaptação à vida urbana, se processa sem grandes conflitos; cidade e campo, possuem culturas relativamente niveladas.

Segundo o sociólogo JOSÉ ARTUR RIOS, a migração para as cidades nos países não desenvolvidos é, antes de tudo, uma fuga à miséria. O fenômeno da desintegração do latifúndio brasileiro expulsa para a cidade o superavit da miséria, os braços que a terra, pela redução de glebas do minifúndio, ou pelo seu empobrecimento, não pode mais sustentar. Esse migrante, além de trazer consigo dons escassos de técnica, afeito que foi unicamente ao cabo da enxada, traz para a cidade todas as deficiências sanitárias e educacionais do nosso meio rural.

O migrante tipo do Rio de Janeiro é, principalmente, egresso de regiões onde o ciclo agrícola típico do latifúndio brasileiro alcança, com grande rapidez, suas últimas fases de cultura nobre para o mercado, desta para a de subsistência, e daí para o pastoreio. Nessas circunstâncias, os centros industriais e, de modo geral, as cidades, polarizam, com maior intensidade, essas migrações.

O Espaço Urbano do Carioca

As áreas deste espaço são divididas, entre outros fatores, pela desigualdade de valores imobiliários. Essas zonas resultam de uma confluência de valores econômicos e sociais, o valor do terreno coincidindo com a diferenciação social e econômica das populações urbanas.

As áreas tendem a se diferenciar segundo especialização e distribuição da população: zonas de especialização industrial e comercial; zonas de residências de classe alta e média; zonas proletárias e de desintegração.

O elemento menos favorecido localiza-se em habitações mais baratas e, ao mesmo tempo, de preferência, próximas ao seu local de trabalho (cortiços, cabeças-de-porco e favelas). O processo de capitalização da terra nas cidades, a partir do centro, não tarda, entretanto, a expulsar este tipo de habitação para a periferia econômica da cidade.

A inexistência de um sistema de transportes que pudesse acompanhar o crescimento urbano, e a existência de morros no coração da cidade que, na época, não compensava o investimento em construção nas suas encostas, fizeram com que uma grande população ocupasse as favelas. No presente, a valorização e escassez de terrenos centrais determinaram a ocupação das encostas pelas companhias imobiliárias e a transferência de grande parte

da população favelada para conjuntos residenciais periféricos. O sistema de transportes não tem acompanhado o crescimento em volume da massa urbana transportada. O habitante periférico, que vem ao centro trabalhar, perde pelo menos quatro horas diárias em locomoção. Uma valorização dos imóveis, que chega a concorrer com a indústria como forma de investimento, o custo da construção e da mão-de-obra, o valor dos terrenos, o preço dos aluguéis, a dificuldade dos transportes, formam uma base do cenário urbano do Rio de Janeiro e determinam as características físicas de seu espaço.

A Configuração Física do Cenário Carioca

A resultante de todo este processo socio-político-econômico adquire formas bastante complexas. Este espaço construído se presta a muitos usos, e em seu nome são clamados bênçãos e maldições. O hábito de se localizar neste cenário as causas de determinados distúrbios e distorções está levando a utilização destes problemas até como plataforma política para eleições municipais. É comum ouvir-se candidatos fazerem alusões à necessidade de se solucionar "problemas urbanos" que vão desde a falta de policiamento até a reavaliação

de critérios tributários, passando por problemas do ensino, mercado de trabalho, conjuntos habitacionais, custo de vida, transportes coletivos, áreas de lazer, magistério, esporte amador, especulação imobiliária, sistemas de água e esgoto, futebol, saúde, "urbanização", etc. O eleitorado é distribuído conforme áreas da cidade mais ou menos carentes ou interessadas em cada problema específico.

Para melhor entendimento deste cenário podemos dividi-lo em três diferentes áreas principais, cada uma com características e problemas específicos, segundo uma ordem superestrutural definida. Assim temos a zona Sul, Norte e Centro. A zona Sul da cidade concentra, a princípio, a população economicamente privilegiada (conseqüentemente, é a população menos incomodada pela precariedade da infra-estrutura de serviços do Rio). Por isso, também, e pela constante atração que exerce sobre as camadas sociais ascendentes, sofre uma desenfreada ocupação imobiliária e suas conseqüências (poluição, alta densidade demográfica, carência de áreas verdes, de lazer, etc.).

A locação imobiliária é valorizadíssima. Sua principal área de lazer e relacionamento social, as praias, nem sempre oferecem condições satisfatórias de uso. Em recente pesquisa realizada junto aos moradores de Copacabana; estes apontavam a poluição sonora (86,3%), a

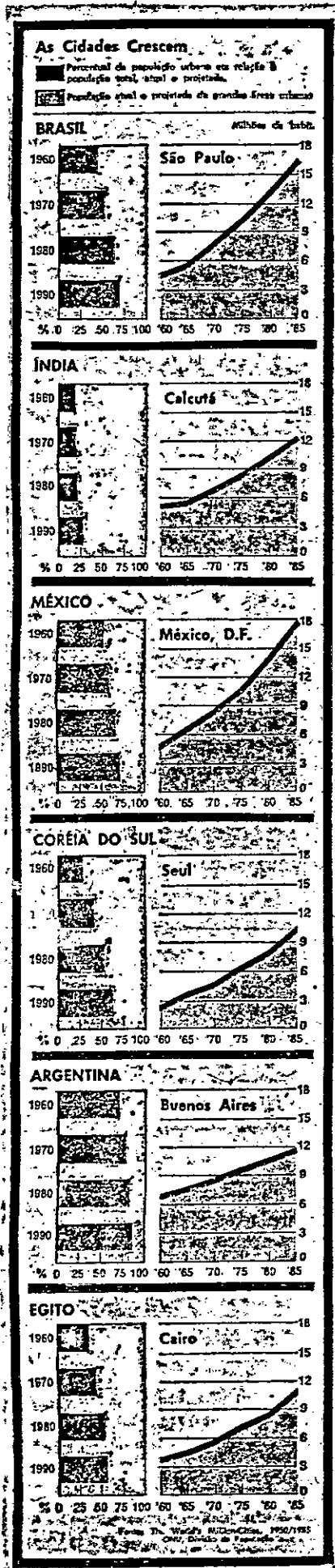
ambiental (63%) os ratos (54,8%) e as favelas (44,7%) como os principais problemas do bairro. Copacabana assiste a cada ano as suas praças serem conquistadas por construções, que pouco servem ao lazer, e as encostas de seus morros (já recobertas de favelas) serem emparedadas pelos edifícios. A grande concentração populacional gera, ainda, uma deficiência na qualidade dos serviços públicos como telefone, luz; poluição das praias e lagoas por esgotos; engarrafamentos de trânsito; falta de locais de estacionamento, com os automóveis a ocupar as calçadas, originalmente passeio de babás e mães com crianças e encontro de adultos. Em Copacabana verificou-se uma altíssima taxa de doenças referentes às condições ambientais: são comuns as mortes por doenças cerebrovasculares, violências, problemas de coração, acidentes, além de um alto índice de suicídios.

A Zona Norte concentra aproximadamente 2/3 da população do Rio. Os problemas "urbanos" básicos desta área dizem respeito a saneamento, água, policiamento, moradia e transportes. É muito comum o uso das fossas sépticas; o gás encanado é privilégio de poucos; o lixo, onde é recolhido, só é feito algumas vezes por semana; o calçamento só alcança as vias principais. A falta de

escolas e hospitais é gravíssima. É ainda sobre a zona Norte que pesam os maiores índices de poluição atmosférica; em 1975, Bonsucesso deteve o recorde de 58,9 gramas de partículas suspensas por metro quadrado.

No Centro, engarrafamentos de trânsito e de linhas telefônicas, buracos intermináveis e obras inacabadas e estacionamento para automóveis caríssimos. O Centro se caracteriza, por exemplo, por servir a uma população de 500 mil pessoas por dia, só na área comercial com 5,25 quilômetros quadrados, e pelas consequências que resulta disto e uma infra-estrutura nunca suficiente.

Todo o mundo correndo para as cidades



UM dos indicadores sociais na determinação da qualidade de vida é o processo de urbanização de um país. Mas mesmo este critério se revela enganoso, muitas vezes. Segundo conclusão da Conferência Mundial Sobre o Habitat e os Assentamentos Humanos, realizada há menos de dois meses no Canadá, "as circunstâncias em que vivem e habitam vastas parcelas da humanidade são inaceitáveis e, a menos que uma ação positiva e concreta seja adotada, esta situação permanecerá e certamente será agravada cada vez mais pelo acúmulo de uma série de fatores". E a concentração, desordenada e predatória, nas cidades parece indicar muito mais uma desagregação econômica e social que elimina a possibilidade de uma vida com alguma qualidade. Há exemplos drásticos, como o citado pelo *The Sunday Times*, de Londres, que revela que a densidade populacional em partes dos distritos centrais de Calcutá é estimada em 100 mil habitantes por quilômetro quadrado, cerca de três vezes o número de pessoas que se concentram em Manhattan. Perto de 600 mil dos habitantes pobres, doentes, aleijados e desempregados dormem nas ruas todas as noites. Quase metade dessa área populosa, onde oito milhões de pessoas lutam para sobreviver, não possui esgoto. Calcula-se que nos próximos 25 anos, a maioria da população mundial estará residindo em cidades.

	1960	1975
Venezuela	4 901 66 7%	9 901 82 8%
Argentina	14 676 73 6%	20 645 82 5%
Uruguai	2 006 80 8%	2 233 80 8%
Chile	5 222 67 8%	8 255 80 5%
Colômbia	7 420 48 2%	15 647 66 8%
Peru	4 630 46 2%	9 911 63 5%
Brasil	32 598 46 1%	65 858 61 5%
México	17 705 50 7%	36 807 61 2%
Trinidad	325 39 2%	620 56 6%
Jamaica	381 23 7%	1 066 52 9%
Nicarágua	545 38 4%	1 117 52 1%
Panamá	441 41 5%	841 50 4%
Barbados	940 40 3%	110 45 0%
Dominicana	914 30 1%	2 190 46 3%
Bolívia	1 024 26 8%	1 741 30 9%
Costa Rica	410 32 7%	840 42 2%
Equador	1 515 34 9%	2 808 42 0%
El Salvador	935 38 4%	1 636 39 8%
Paraguai	605 35 4%	956 36 1%
Honduras	449 22 8%	881 32 5%
Guatemala	1 325 33 6%	1 836 31 4%
Haiti	568 15 0%	1 008 22 0%

Dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

As cifras são apresentadas em milhar.

“No ano 2000, haverá mais homens vivos que a soma de todos que se sucederam na Terra desde a época do Cro-Magnon.”

Um país subdesenvolvido não é um país jovem. É um país dependente.

Se é dependente, está ligado a alguma coisa. Onde está o processo isolado?

— O subdesenvolvimento está ligado às estruturas sociais onde é gerado. Eu digo que o Brasil é um caso típico de país subdesenvolvido industrializado. O Brasil avançou consideravelmente nesse aspecto, mas isso não modificou suas estruturas sociais. Esse problema não pode ser definido, do ponto de vista estritamente econômico. Há disparidades sociais. A melhor forma de constatar o subdesenvolvimento é sair da cidade para o campo. Observar as habitações já dá uma ideia das grandes disparidades do nível

de vida, mais acentuadas no campo do que na cidade. Trata-se de fenômeno social maior do que a acumulação ou o grau de industrialização.

— Como faria a ligação entre as disparidades sociais e a forma de apropriação do excedente?

— Toda a organização da sociedade está ligada à estratificação social e à forma de apropriação do excedente. O excedente é o lado econômico da estratificação social, que é o lado sociológico. Podemos observar de um lado e de outro. O que me interessa é saber as formas de apropriação do excedente.

— Como se manifesta dentro do subdesenvolvimento a apropriação do excedente?

— Há duas formas básicas de apropriação do excedente. A que eu chamo de forma autoritária de apropriação e a mercantil. Essas duas formas sempre coexistiram e continuam coexistindo. Na primeira, temos a renda da terra, os impostos cobrados pelo Estado, a penetração de grupos monopolistas. Na segunda, temos as relações de comércio, etc. Pretendo aprofundar a forma mercantil de apropriação, que prevalece hoje. Ali está a originalidade. Na História moderna, a história econômica européia é mercantil, quando até o século XVIII prevaleceu a forma autoritária de apropriação do excedente. A propagação desse fenômeno em escala mundial foi objeto de estudo.

Quando começei a aprofundar o assunto, passei a identificar o que podemos chamar de formas puras, isto é, que tendem a se reproduzir tal qual são. Ai surge o subdesenvolvimento, ligado à expansão da forma capitalista, digamos, de predominância da apropriação mercantil do excedente. Interessante é demonstrar que uma vez formado o subdesenvolvimento, ele tende a se reproduzir. Ele não leva ao desenvolvimento.

Nesse aspecto, poderíamos aproximar sua posição das teses que dizem não haver desenvolvimento dentro do subdesenvolvimento? Separar o conceito de desenvolvimento do conceito de crescimento econômico?

— Ele tende a se reproduzir como um país subdesenvolvido. Isso é uma tese muito antiga, desenvolvida pela CEPAL há 20 anos. O subdesenvolvimento é uma formação social distinta.

— Gerada pelo desenvolvimento e pela propagação do capital internacional?

— Gerada pelo capitalismo em escala mundial. Pela relação de dependência que vem com essa propagação. Os países desenvolvidos tendem a uma formação social homogênea. Se você pegar um país como a Holanda, a Suécia, a França ou a Inglaterra, fica clara a tendência à homogeneização ao longo de várias décadas ou até séculos. O subdesenvolvimento gera a heterogeneidade.

“É preciso uma nova ordem internacional para impedir um conflito aberto entre ricos e pobres do planeta”. O terceiro relatório do Clube de Roma foi apresentado terça-feira em Roterdã. Não suscitara tantas polêmicas quanto o relatório Meadows, de 1972, **Alto ao Crescimento**. Ele não manipula modelos matemáticos como o relatório Pestel-Mesarovic, de 1974, **Estratégia para o Futuro**. Mas abre os caminhos para um verdadeiro diálogo Norte-Sul, e suas proposições serão discutidas em Argel, a partir de 25 de outubro.

Celso Furlado

Crescer tem um custo que cidades não podem pagar



ATUALMENTE, tanto nos países pobres como nos ricos, os aglomerados humanos não atendem as necessidades dos seus habitantes.

Para tentar modificar esta situação, 2 mil representantes de diversos países do mundo inauguraram ontem, em Vancouver, uma conferência que durante duas semanas, com o patrocínio das Nações Unidas, tentará explorar as possíveis soluções dos problemas das comunidades em todo o mundo.

"Os sintomas de crise são visíveis" — afirma um documento elaborado para a Conferência — "e estão representados pela pobreza e desemprego, o êxodo maciço das áreas rurais, favelas urbanas, a escassez mundial de habitações, poluição, engarrafamentos de tráfego, barulho, feiura e a incapacidade dos Governos de prover serviços básicos, como água, esgotos e eletricidade."

"Cidade grande é isto: dias sem pássaros, noites sem estrelas, em vez das casas, os edifícios. Em vez dos bares e restaurantes, as lanchonetes (onde se tem a triste vantagem de comer o frango ainda no poleiro; e nunca se conversa, pois estamos sempre de perfil e nunca um de frente para o outro). Também não sei o que será dessas crianças de apartamentos, que não conhecem os mistérios dos porões e sótãos antigos, nem a liberdade dos quintais enormes. Mas quem nunca conheceu estas coisas, como há de lamentá-las? Talvez um velhinho do ano 2030 venha a lamentar saudosamente estas ruas de hoje."

Toynbee, o mais controvertido historiador de nosso século, chega a uma terrível conclusão: usando a ecologia, tão em moda como tema, Toynbee afirma que "o homem, a criança da Mãe-Terra não terá condições de sobreviver ao crime do matricídio, caso venha a cometê-lo. A penalidade para este crime será a sua própria aniquilação."

E para as médias e pequenas cidades, também sob o fogo das pressões, as perspectivas ainda são piores porque aí a carência de recursos, de um lado, e os custos sociais do crescimento, de outro, geram dificuldades que não se resumem em especulação imobiliária, ou em eventuais quedas de receita, mas num bloqueio de opções de progresso e bem-estar que condena populações inteiras a falta de horizontes.

O Grande Rio terá nos próximos anos 15 milhões e a Grande São Paulo, 20 milhões de habitantes. Dentro de 75 anos — o equivalente ao tempo de vida das crianças que estão nascendo hoje — o Brasil terá 300 milhões. E os problemas urbanos se agravam mais rapidamente do que a capacidade administrativa e política de enfrentá-los e solucioná-los.

Crescimento desordenado, ocupação rarefeita da periferia, circulação congestionada, enchentes e poluição, excessiva concentração nas áreas centrais, deterioração da paisagem, são as pressões que se abatem sobre as grandes cidades brasileiras. Para elas não existe ainda uma política de uso do solo.

Desde ontem, em Vancouver, mais de 2 mil técnicos e políticos se reúnem em torno da Habitat, conferência internacional promovida pelas Nações Unidas sobre os graves problemas das comunidades urbanas. A crescente "urbanização" do mundo — nos próximos 25 anos a maioria da população mundial estará residindo em cidades — já transformou as cidades em um campo de batalha onde o pouco espaço, a poluição, a miséria e a falta de serviços básicos se constituem em solo fértil para a desagregação social e a asfixia econômica. Nivelando países pobres e ricos, a questão urbana projeta sobre as suas sombrias perspectivas a certeza de que é necessário encontrar uma solução urgente, de caráter nitidamente político. Como afirma Enrique Penalosa, secretário-geral da Habitat, "há recursos suficientes para satisfazer as necessidades mínimas ligadas aos aglomerados humanos. O que é preciso fazer é uma distribuição equitativa desses recursos."

Urbanização força Governo a investir

Presidente internacional do Lions lamenta obstáculo a programas comunitários

Recife quer tirar carro do Centro

Carro particular sai do centro de São Paulo

Projeto em B. Horizonte defende solo

VIVER

A verdadeira poluição é a pobreza

“A tese que propõe a taxa zero de crescimento e a desindustrialização como único meio contra a degradação do meio ambiente é claramente inaceitável enquanto houver ricos e pobres.”
(De um informe do M.I.T. enviado ao Clube de Roma)

— Como? Então o dinheiro vem de fora.

Só pode vir de fora. Não seria possível que num país sacudido por um terremoto econômico os nossos altos funcionários levassem uma vida de fazer inveja aos dirigentes da OPEP: casas com piscinas térmicas, saunas, adegas, jardins, orquidários, 38 serviais, 12 despesas, salão de inverno, de verão, de outono, quadras de vôlei, campos de futebol e devemos agradecer aos céus o desinteresse dos nossos Ministros pelo golfe. Com um campo de golfe na casa de cada um, o resto da população de Brasília provavelmente teria de morar em Goiânia.

Realmente, nessas condições é muito fácil a um Ministro vir a público e declarar que “o país vai bem, obrigado”. Os Ministros — para adquirirem uma visão correta das nossas necessidades — não poderiam ter pouso fixo. Deveriam arrumar as malas, deixar Brasília e sair por aí morando 15 dias no Nordeste, 15 às margens do rio Negro (de preferência nos períodos de cheia), 15 no interior da Bahia (de preferência no período de seca), 15 no ABC paulista, fazendo exercícios respiratórios 10 das manhãs, 15 num subúrbio carioca, de preferência viajando de trem.

Obras faraônicas consomem o dinheiro público

Metrô muda no Rio todo o processo de ocupação urbana

Galerias recebem os primeiros trilhos

Os técnicos da Companhia do Metropolitano prevêem que a inauguração do metrô provocará uma reestruturação da ocupação urbana do Rio, proporcionada pela violenta redução dos tempos de percurso entre áreas adensadas, o que modificará todo o complexo de relações entre atividades.

Será fatal, dizem, o adensamento urbano de muitas áreas, sofrendo o crescimento disperso em outras. A localização comercial, principalmente nos bairros atendidos por estações de transferência, sofrerá intensa reorganização. Haverá, inclusive, mudança no perfil da área central, sempre acompanhando o público que será manejado em grandes volumes pelo metrô.

Pela janela — trecho da galeria mantido sem teto para permitir a entrada de materiais e equipamentos, na Praça Paris — estão sendo levados para o interior dos 2 mil 700m de galerias já concretadas, entre a Glória e a Av. 13 de Maio, os 450 trilhos que abrem uma nova fase das obras: a instalação da via permanente.

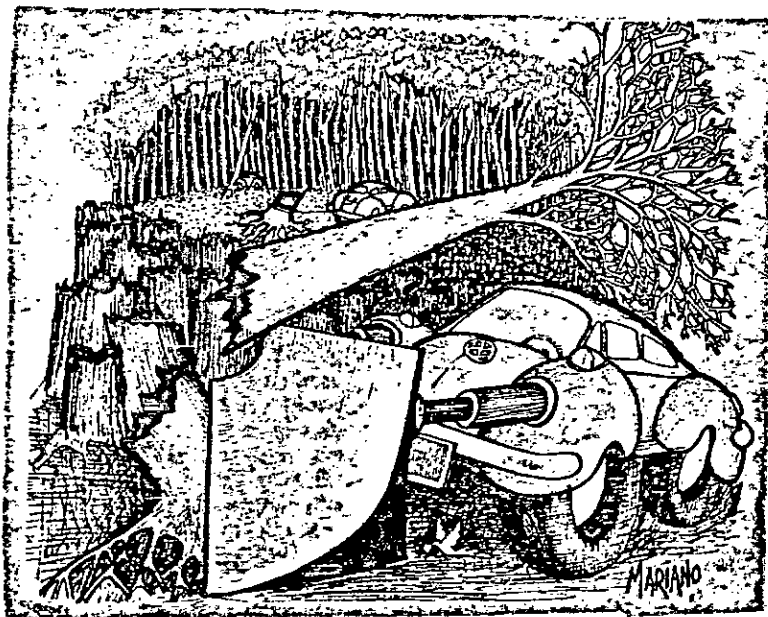
Os trilhos, com 12m de comprimento e 700kg cada um, foram fabricados pela Companhia Siderúrgica Nacional e estão sendo introduzidos por guindastes, através da janela da Glória, que tem 20m de profundidade. Um carro especial, no interior da galeria, transporta os trilhos aos locais de assentamento.

Experiência

A firma encarregada do assentamento é a Techint, que realizou idêntico trabalho em São Paulo e também já trabalhou nos metrô da França e da Alemanha. O encarregado, Sr. Giovanni Gastone Tesson, italiano, acredita que possa instalar a via permanente, nesses 2 mil 700m iniciais, em 90 dias, sendo necessários mais 20 dias para testes, revisões e reajustes finais.

Em média, deverão ser assentados 55m diários de trilhos — índice bem superior ao obtido na expansão do metrô de Paris que foi de 25m diários e com o emprego do mesmo método. Serão utilizados dormentes de concreto sobre os quais são colocados os trilhos aparafusados por castanhas especiais e, finalmente, nivelados.

O método empregado evita, conforme se verificou no metrô de Paris (trecho de expansão), não só a trepidação nos trens como ainda ruídos. Posteriormente, a firma executará para o metrô do Rio a colocação do terceiro trilho que é o que fornecerá energia elétrica para a movimentação dos trens.



Subsecretário acha que falta de dinheiro impede Rio de ser "cidade viável"

Após Agache e Doxiadis, Rio terá novo plano urbanístico

Depois do Plano Agache (1930) e do Plano Doxiadis (1965), a cidade do Rio de Janeiro terá, pronto para ser aplicado a partir de março de 1978, seu terceiro planejamento urbanístico. A Secretaria Municipal de Planejamento começa a debater hoje, com técnicos federais, estaduais e municipais, os caminhos da metodologia que deverão conduzir à execução de seu planejamento básico, o PUB-Rio.

Os debates serão realizados em três etapas, na sede da Sociedade de Engenheiros e Arquitetos do Estado (SEAER), estendendo-se até outubro na coleta de dados, informações e experiências das esferas federal, estadual e municipal. Para o Secretário de Planejamento, Samuel Szttyglic, "tudo foi preparado para cumprir a essência do Estado democrático moderno: o homem deve ser o início e o fim do processo".

Repasse

O Secretário Samuel Szttyglic e o Subsecretário Luiz Fernando Portela apresentaram ontem a equipe da Secretaria Municipal de Planejamento, responsável por um trabalho de quatro meses de preparação do Seminário PUB-Rio, que começa hoje. Participaram da preparação e hoje assumem a condução de grupos de trabalho o Superintendente de Desenvolvimento da Barra, Almir Machado; o arquiteto Hélio Marinho, que participou da equipe do Plano Doxiadis e é o atual presidente da Comissão do Plano Urbanístico Básico; Armando Abreu, superintendente do Planejamento Urbano; Eduardo Mesquita, superintendente de Informação e Planejamento; Eduardo Santos Neves, Procurador do Estado e assessor jurídico da Secretaria.

— A população precisa habitar, locomover-se, divertir-se e exercer uma atividade produtiva. O grande trabalho é harmonizar tudo isso num esquema que torne possível a humanização da cidade.

A declaração é do Secretário Samuel Szttyglic, que afirmou já terem sido contatados e ouvidos numerosos técnicos das áreas de saúde, educação, transportes, uso do solo e planejamento integrado. Ele fez convites especiais ao Clube de Engenharia, ao Instituto dos Arquitetos do Brasil e ao Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) para

também participarem dos debates do Seminário.

— A Secretaria Municipal de Planejamento tem por incumbência elaborar o PUB-Rio. Julgamos que o PUB, mais que um plano, é um processo de planejamento. É meu compromisso com o Prefeito Marcos Tamayo entregá-lo o mais rápido possível.

De Agache a Doxiadis

O arquiteto Hélio Marinho explicou que "até 1930 a cidade do Rio de Janeiro teve sua dinâmica de desenvolvimento basicamente montada nas diretrizes da gestão do antigo Prefeito Pereira Passos, época do então Presidente Rodrigues Alves. Ele buscou a reurbanização de todo o tecido urbano daquela fase histórica do Rio".

— A cidade foi crescendo, ocupando novas áreas, a linha ferroviária se estendeu e, com ela, os subúrbios. O centro também cresceu em direção ao Castelo. Foi então chamado o urbanista Alfredo Agache que concebeu, originalmente, que forma de localização deveria obedecer o crescimento da cidade.

— Crescendo fisicamente, a cidade foi pressionada pelo seu crescimento demográfico. A partir de 1945, com o aumento do fluxo migratório para o Rio, sede da capital federal, já em 1963/64, no Governo Carlos Lacerda, cuidou o Estado, depois da transferência da capital para Brasília, de reorganizar seu espaço físico e vital.

— Dessa vez contratou também uma outra empresa estrangeira, com planos mais ambiciosos. Foram então definidas, pela primeira vez, algumas diretrizes de ocupação de ordem metropolitana, extrapolando já os limites urbanos. Era um planejamento dotado de aspectos econômicos e sociais.

— De lá até hoje, com o crescimento cada vez maior da população, o planejamento dito básico da cidade tem precisado de uma reavaliação permanente, tendo em vista, sobretudo, um novo estado de coisas sentido com a fusão.

Como a justificar a validade do Seminário, comparou os dois planos:

— Antes do Plano Agache via-se a cidade como a representatividade da população dentro de um determinado espaço físico. Doxiadis envolve estudos

mais amplos que se espraiam pelas redondezas do Estado. É mais dinâmico e menos prático. Este plano já previa que o crescimento populacional implicaria, torçosamente, a criação de polos de desenvolvimento. Por isso o Seminário.

Para o superintendente do Desenvolvimento da Barra da Tijuca, Almir Machado, "agora é a vez de o planejamento urbano voltar-se para o aspecto social, se quisermos que o homem seja o princípio, o meio e o fim de todo o nosso esforço". Para ele, "a Barra da Tijuca tem sido sempre guiada como uma criança".

— Todos cuidam dela — disse o superintendente da SUDEBAR — mas agora, se o plano for entendido como um grande conjunto para toda a cidade, a Barra procurará se integrar.

Falando sobre a operacionalidade do Seminário de Planejamento Urbano, o engenheiro Armando Abreu disse que "a cada debate será resumido o pensamento técnico dos grupos em discussão".

Segundo o superintendente de Informações e Planejamento, Eduardo Mesquita, "o seminário não teria sido possível sem uma coleta de informações e, encerrado, será elaborada uma carta cadastral: um espelho do que somos em termos de solo e ocupação".

Antecipando novidades no campo da legislação, o Procurador Eduardo Santos Neves disse que "no plano, municipal há de se levar em conta as competências das áreas federal e também a estadual, cada uma com suas características próprias". Ele afirmou que "no momento o município vale-se de lei do antigo Estado da Guanabara para regular o uso do solo".

— Mas a partir do planejamento, do fato, em função dos subsídios fornecidos pelo Seminário PUB-Rio, deverão surgir novas leis.

Entre as distorções do atual estágio de crescimento da cidade, o Secretário Samuel Szttyglic apontou a distância superior a dois quilômetros que uma criança precisa percorrer, em numerosos casos, para chegar à escola onde está matriculada.

— Qual será mesmo a vocação do Rio? Área terciária? Onde localizar as indústrias médias? Do seminário há de surgir um novo plano urbanístico para definir os reais destinos do Rio.

Bondes em toda a cidade, um sonho de Santa Teresa

Metrô carioca continua o seu ritmo

Apontado como solução parcial e talvez mesmo ideal do problema, o metrô é um meio de transporte eficiente, comprovado em muitas cidades do mundo. Constituirá, pela rapidez de movimento de seus trens e pelo número de passageiros que comporta de cada vez, uma saída para o transporte na área metropolitana do Grande Rio, em conexão, naturalmente, com as ferrovias e o monotrilho.

A morosidade de sua construção, porém, não leva otimismo à população.

Secretário afirma que volta do bonde não é uma solução fantástica, mas uma verdade

— O bonde que se pretende fazer voltar às ruas do Rio não é uma solução fantástica da futurologia de histórias em quadrinhos, mas um sistema que representa a verdade de nossa tradição de transportes — disse o Secretário de Transportes, Sr. Josef Barat, no I Seminário de Pré-Metrô, aberto ontem de manhã no Hotel Nacional.

Afirmou ser muito difícil, para um visitante de grande cidade brasileira, nos dias de hoje, descobrir nela uma tradição ferroviária que existiu e foi substituída por um precário, dispendioso e tumultuado modelo rodoviário.

TRILHOS SEPULTADOS

Santa Teresa terá bondes fechados

Apesar da oposição dos moradores de Santa Teresa, a CTC pretende colocar, a médio prazo, novos bondes fechados, o que reduziria os constantes assaltos e senhores praticados por piveles. A linha ganhará também mais unidades, adquiridas através do empréstimo de Cr\$ 20 milhões, a fundo perdido, cedido pela Empresa Brasileira de Transportes Urbanos (EB-TU).

Bicicleta é transporte para população pobre que paga até por "estacionamento"

Para chegar até o local do seu trabalho, na Urca e voltar para casa no bairro de Rio Morto, o servente do MEC, Ary Fagundes, pedala a sua bicicleta inglesa Philips durante meia hora, viaja uma hora de trem e mais 45 minutos de ônibus. Gasta, por dia, Cr\$ 4,50, dos quais Cr\$ 1,50 são pagos com o estacionamento da bicicleta.

Ele é uma das centenas de pessoas que se utilizam da bicicleta diariamente como uma integração dos meios de transporte. No bairro de Rio Morto não passa nenhuma condução para a estação de Campo Grande, subúrbio que tem cinco estacionamentos com capacidade para guardar mais de 500 bicicletas, algumas inglesas como a Hércules, italianas como a Jopiso ou Mercedeswiss.

"Azulões" já circulam no Rio com a mesma decoração e espaço de vagão do metrô

A primeira experiência efetiva do plano de integração de transportes de massa no Rio de Janeiro foi iniciada ontem, pela CTC, com a entrada em circulação de 35 ônibus na linha Usina-Forte. A decoração é idêntica a dos vagões do metrô, as cores, o mesmo espaçamento, tipos de poltrona e tecidos.

Apenas a posição das poltronas difere. Nos vagões do metrô elas serão colocadas lateralmente, enquanto nos coletivos permanecem na posição convencional. Quinta-feira mais 15 azulões serão colocados no percurso Penha-Saens Peña. A meta é o funcionamento de 600 novos ônibus até março de 1977.

Bicicleta toma em V. Isabel avenida fechada aos carros

Menores da Funabem são 85% analfabetos, 90% sem afeto e 14% seviciados

De cada 100 menores que passaram pela Funabem nos últimos 10 anos, 95 não tinham raciocínio lógico e são filhos de pais subempregados; 90 tinham carência afetiva; 85 eram analfabetos; 60 tinham deficiência de coordenação motora; 70 praticaram crimes contra o patrimônio; 40 eram explorados por adultos e 14 haviam sido seviciados.

Os dados foram mostrados ontem pelo presidente da Funabem, Sr. Fawler de Melo, ao General Luiz Serff Sellmann, durante visita "puramente cordial" ao Centro Piloto da Fundação, em Quintino. Afirmou ainda que todo o trabalho da Funabem é suplementar e "de nada adianta se não for acompanhado de medidas que dêem melhor condições à família".

EVASÃO ESCOLAR

Interessados nos objetos aéreos não identificados vão fazer vigília nacional

Assaltos tumultuam o Centro

Após vasculharem três vezes, e durante mais de três horas, um edifício que tinha a portaria fechada, no Centro da cidade, à procura de dois assaltantes, 30 policiais deram a busca por encerrada e a tentativa de assalto se limitou a um registro na 4ª DP.

Grande Rio tem muitos problemas

Há um momento na vida diária do Grande Rio em que 80 mil veículos se dirigem ao mesmo tempo para o Centro da Cidade. É o começo de um dia em que estarão em movimento 600 mil veículos. Os ônibus e os trens venderão 6 milhões de passagens (ida e volta) o que significa que metade da população da área metropolitana do Grande Rio, de 6 milhões de habitantes, estará se transportando de um local para outro. É o limite do colapso.

Os sociólogos têm sido os maiores críticos do Programa Habitacional. A professora Lícia Valladares, da Fundação Getúlio Vargas, acha que a solução através das Cohabs é muito discutível e que o BNH, hoje, é um órgão que serve, basicamente, para financiar a classe média.

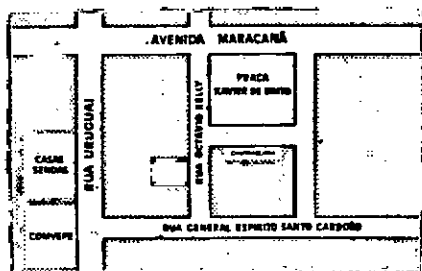
Uma segunda explicação para a mudança de aplicações do BNH, de acordo com a professora Lícia Valladares, "é o fato de o Banco injetar altos recursos na construção civil. E as empresas do setor, além disso, estão muito mais interessadas em construir para a classe média do que construir conjuntos populares e é o que acontece hoje".

"E que as habitações para a classe média são mais caras, o que possibilita maior auferição de lucros por todos os intermediários do processo de aquisição da casa própria pelo sistema financeiro. Esses intermediários seriam os agentes financeiros e promotores, e as próprias construtoras, valendo lembrar também que para esse tipo de habitação, a taxa de juros é mais elevada".

Sonho da casa própria faz perder noite na fila o dobro dos convocados

O sonho da casa própria fez com que mais de 5 mil pessoas permanecessem sem dormir desde anteontem à noite numa fila que quase circundou o Maracanã. Homens e mulheres de todas as idades queriam habilitar-se para a compra de casas e apartamentos da Companhia Estadual de Habitação - Cehab.

**A praça
Xavier de Brito vai
continuar sendo parque
por muito tempo.**



**Venha morar no
Edifício Portal do Parque
Rua Otávio Kelly, 112, na Tijuca**

**Arquitetos mostrarão em
congresso painel sobre o
“Rio, cidade agredida”**

**Padre pede a corretor de
imóvel em seu dia espírito
cristão acima dos lucros.**

**Seminário reúne técnicos
para discutir o projeto
urbanístico básico do Rio**

*Terreno junto ao Forte pode
ser negociado a prestações*

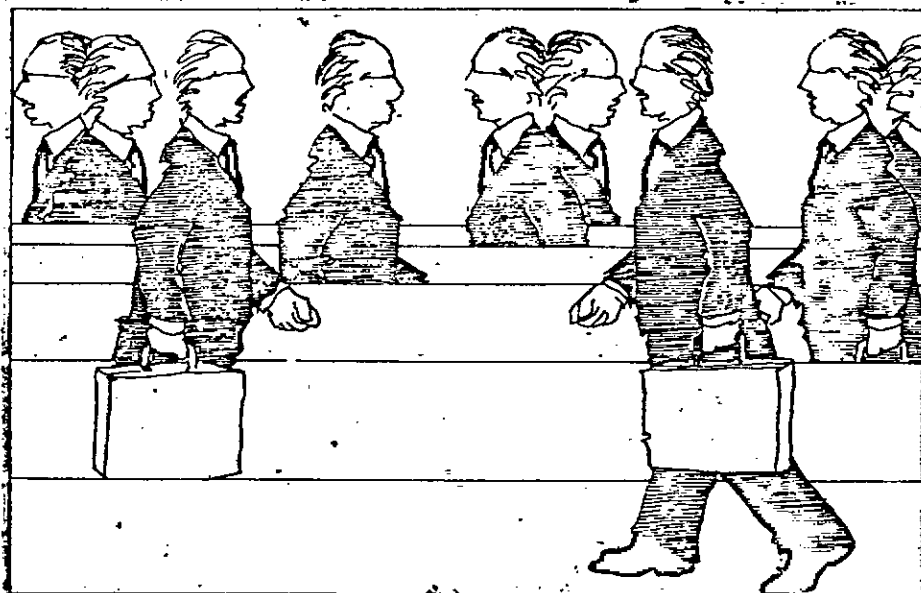
ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA

Despejo para cientistas e estudantes

A especulação imobiliária tem duas faces. Age com estardalhaço quando se trata de atrair compradores para um novo lançamento. Mas prefere a surdina e gestos compassados quando se trata de fazer conquistas, ou seja, comprar terrenos, em locais onde sua presença não seria bem recebida. Sobretudo quando seus lucros e proveitos vão resultar em transtornos para certas comunidades que podem reclamar. Então, as manobras são feitas nos bastidores, quase sempre com sucesso.

No Morro da Viúva, entre as praias do Flamengo e Botafogo — um dos locais mais valorizados do Rio de Janeiro, onde estão alguns dos edifícios mais luxuosos da cidade, com apartamentos que custam uma fábula — dois pequenos redutos estão ameaçados: a Casa do Estudante Universitário e, ao lado, o Instituto Fernandes Figueira, ambos ocupando uma área que, a cada dia, se torna mais atraente para os construtores do país.

Intelectuais do Rio vão encaminhar ao Ministro da Educação um memorial pedindo o reexame do caso do Centro Cândido Mendes, em vista dos aspectos obscuros que envolvem a aprovação do projeto pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O elenco de agressões que a especulação imobiliária tem cometido, impunemente, contra a fisionomia do Rio de Janeiro já está sendo responsável pela perda irreparável da identidade cultural da cidade, a partir da eliminação ou descaracterização de alguns dos seus pontos mais expressivos de referência física ou paisagística. Na Praça XV, onde se encontram alguns dos melhores exemplares da arquitetura do Século XVII, trama-se agora a construção de uma torre nova-iorquina nos fundos do antigo Convento do Carmo, um dos primeiros prédios construídos no Rio. O mais grave é que esse atentado conta com a cumplicidade criminosa do próprio Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



O MUITO QUE O RIO COBRA



O POUCO QUE O RIO DÁ

O carioca paga ao município o terreno que possui, a casa em que mora, a água que gasta, a luz que utiliza, o lixo que acumula, a iluminação e a limpeza das ruas por onde anda, o trabalho que exerce, o chão em que é enterrado e qualquer outro benefício que como cidadão lhe é concedido e pelo qual dispende quantias crescentes todos os anos. Se somarmos a esses gastos o Imposto de Renda ou a Taxa Rodoviária Única (para os que têm carro), fecha-se o círculo de impostos, taxas e tarifas que no âmbito municipal, estadual e federal assaltam o contribuinte nos primeiros meses do ano.

CARTA 1

Sérgio Zylberberg, Rua Lasar Segal, 100, casa 129, Joá: "Para poder habitar um imóvel, sou obrigado a pagar imposto predial, taxa de água, esgoto, lixo, luz pública e acho que também a da polícia. Pago também a taxa de condomínio, de luz e telefone (não sei porque em caso de atraso 10% sobre a conta ao invés de juros proporcionais). Para viver preciso comer. E falando em comida li no JB de 14-5-76 que o custo dos alimentos aumentou 300% em um ano..."

Thimel: Qualidade de vida, crescimento populacional, desenvolvimento econômico e bem-estar estão ligados aos processos de urbanização, que no Terceiro Mundo se caracterizam pelo choque da convivência entre pobres e ricos por causa da industrialização. A situação da maioria absoluta em todas as cidades do lado pobre do planeta é precária e incerta. Para entender isso de verdade é preciso conhecer o conteúdo correto das atividades industriais na "periferia" — o Terceiro Mundo — sabendo até onde existe capacidade real e independente de se servir desses processos de produção estranhos à realidade subdesenvolvida.

Na matemática dos tributos,

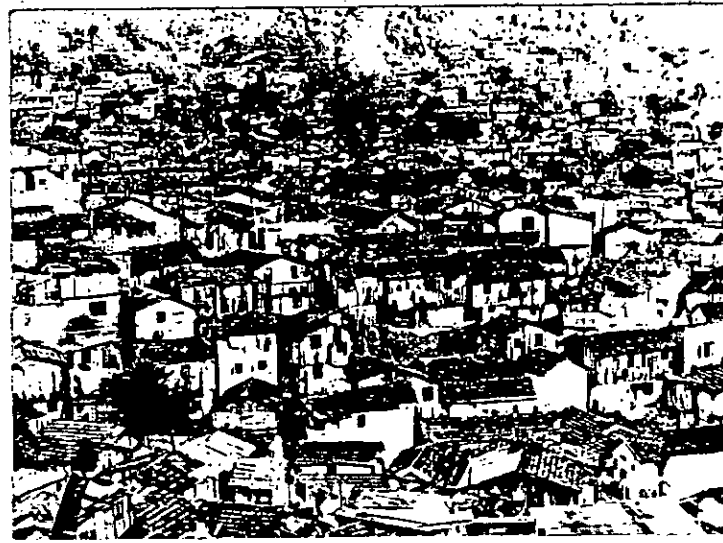
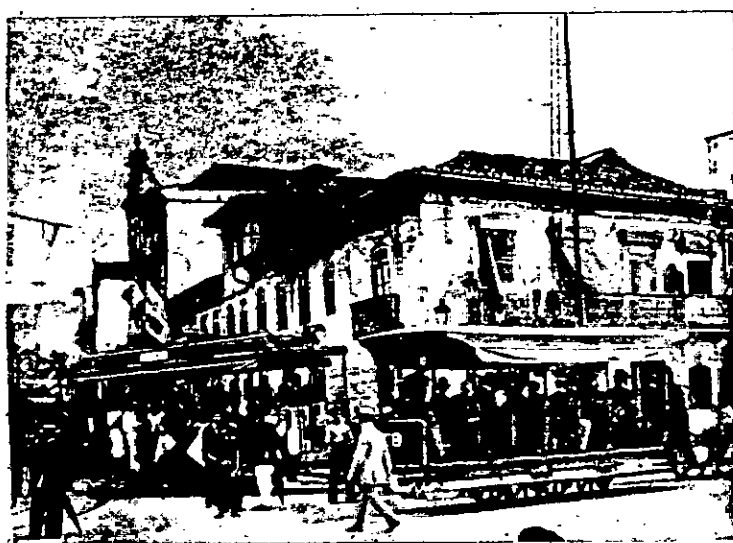
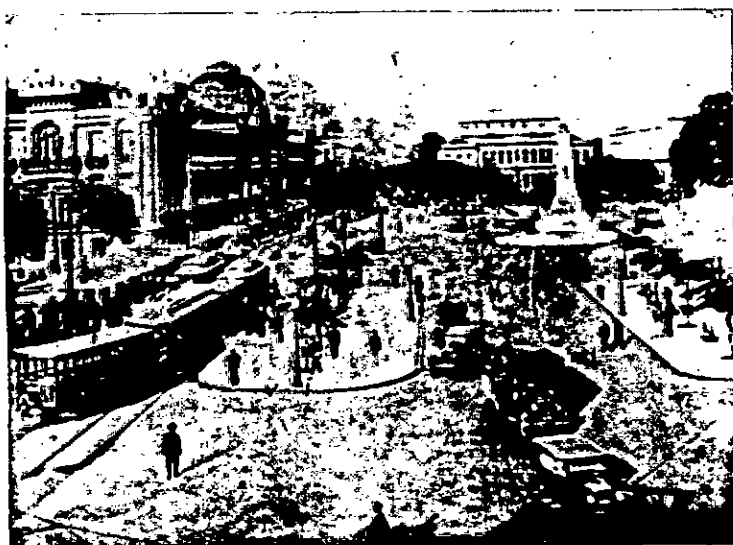
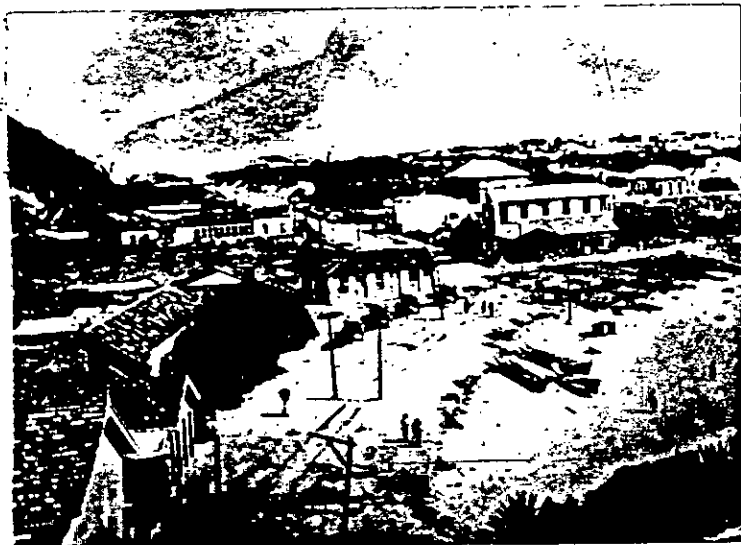
$$2 + 2 = 5$$

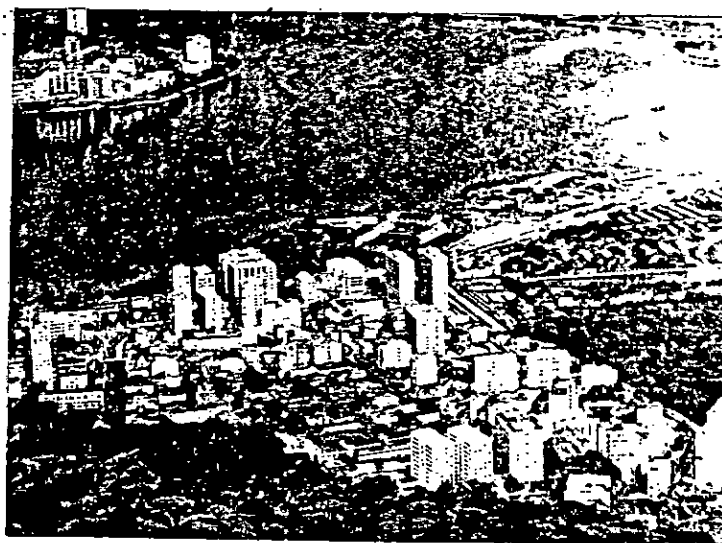
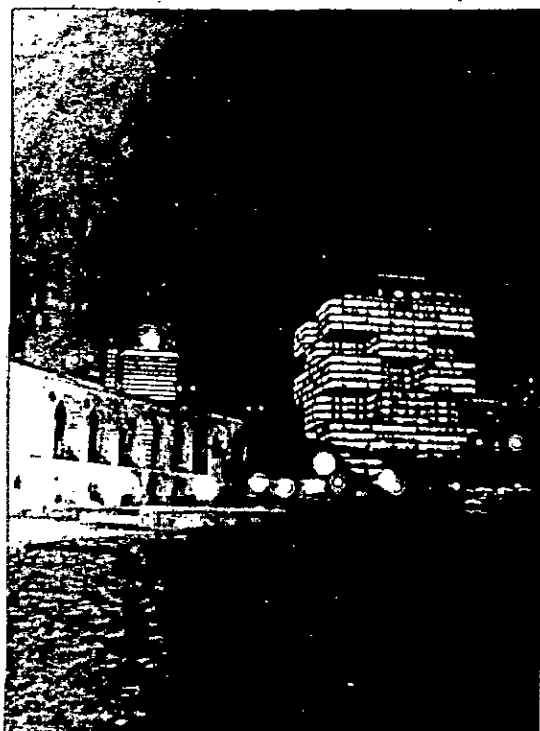
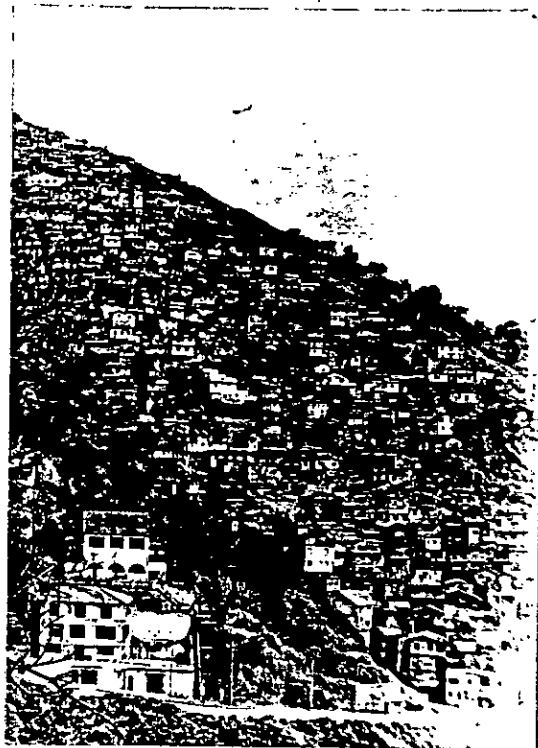
Não são poucas as taxas que o carioca tem de pagar pelo direito de viver — nem sempre muito bem — em sua cidade. Proprietário ou inquilino é obrigado a pagar o Imposto Territorial ou Predial, a taxa de lixo, do gás encanado (ou o de botijão), a taxa de água e esgoto e a de luz. E além dessas, há agora a taxa de iluminação pública, no valor de Cr\$ 55,90, cobrada independentemente da existência de postes de luz na rua.

Essa avalanche de taxas incide sobre todos os habitantes do Rio, qualquer que seja a sua posição social, ainda que os serviços prestados sejam diferentes em cada região. Os moradores do Alto da Boa Vista, por exemplo, não têm esgotos (e sim fossas), mas pagam a taxa como qualquer morador da Vieira Souto. Quem vive numa favela — onde não há serviço de coleta de lixo — despende Cr\$ 119,00 por este serviço, enquanto um morador da Zona Sul tem esta mesma taxa fixada em Cr\$ 154,00. Os critérios nem sempre são fáceis de detectar, mas nos gastos com tributos de diversos grupos de cariocas, há uma visão da exótica matemática das taxas.

Elza Rodrigues Jones mora na favela Barreira do Vasco, em São Cristóvão. Sua renda mensal, como ajudante de enfermagem num hospital de Botafogo é de Cr\$ 600,00, depois dos descontos com INPS e alimentação no local. Com este dinheiro Elza sustenta o casal de filhos. "É tudo muito difícil de pagar e a toda hora inventam mais coisas para acabar com o dinheiro da gente. Ainda não pago Imposto Predial, mas pagarei em breve. A taxa de lixo não chegou para mim, mas uma vizinha vai ter que pagar Cr\$ 119,00."

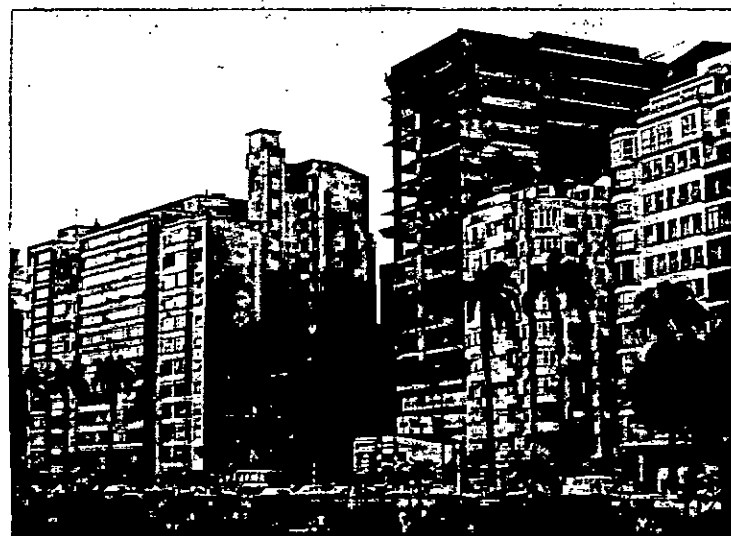
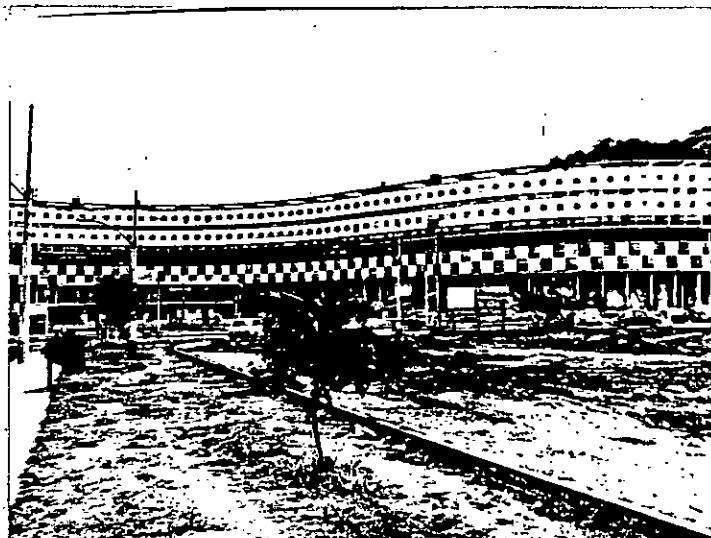
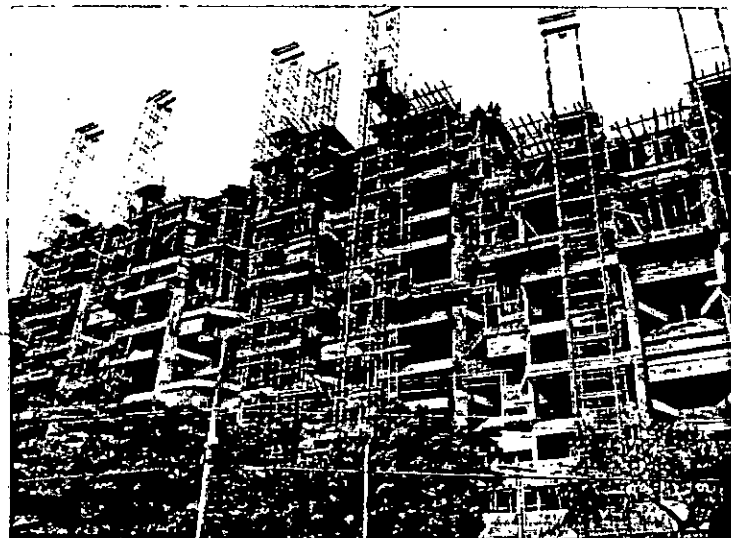
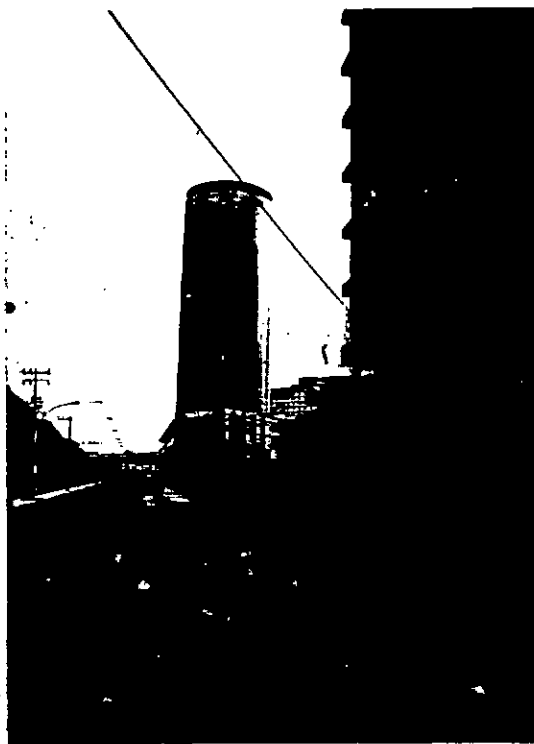
- Rio - 2 tempos







- verticalismo

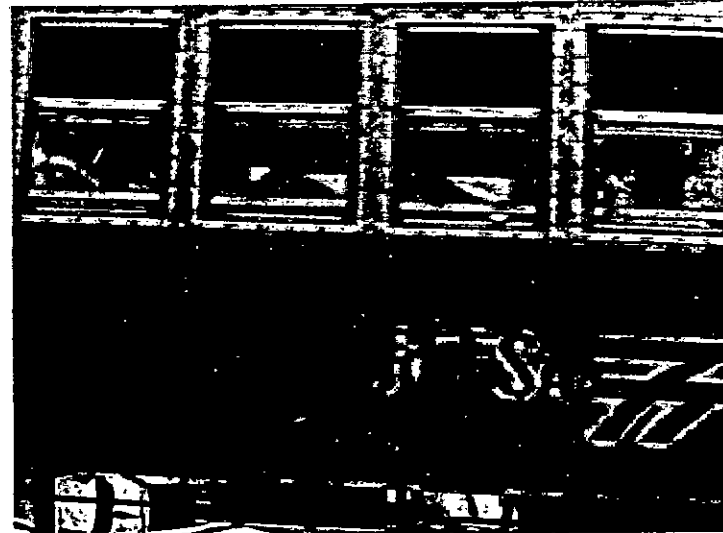
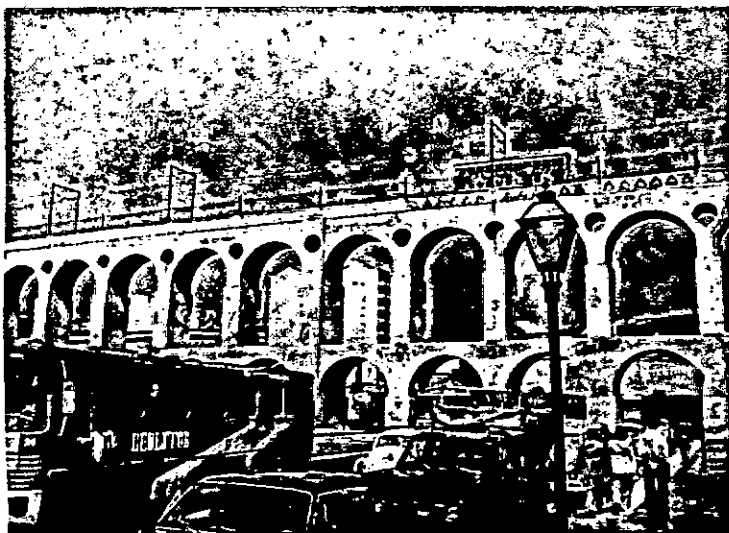




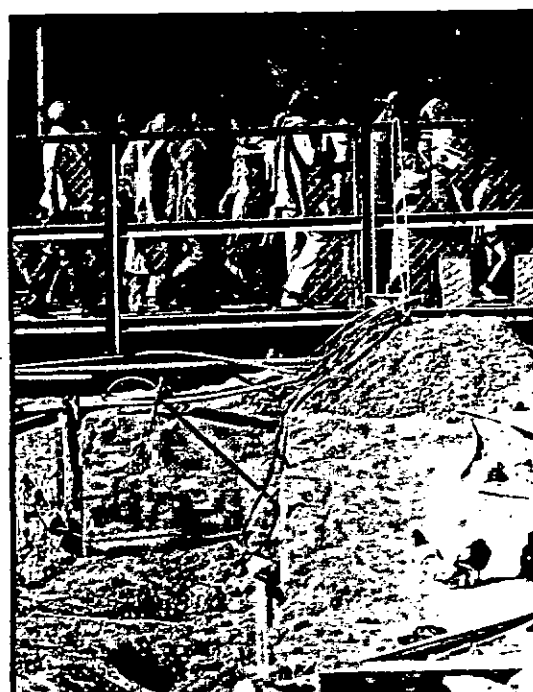
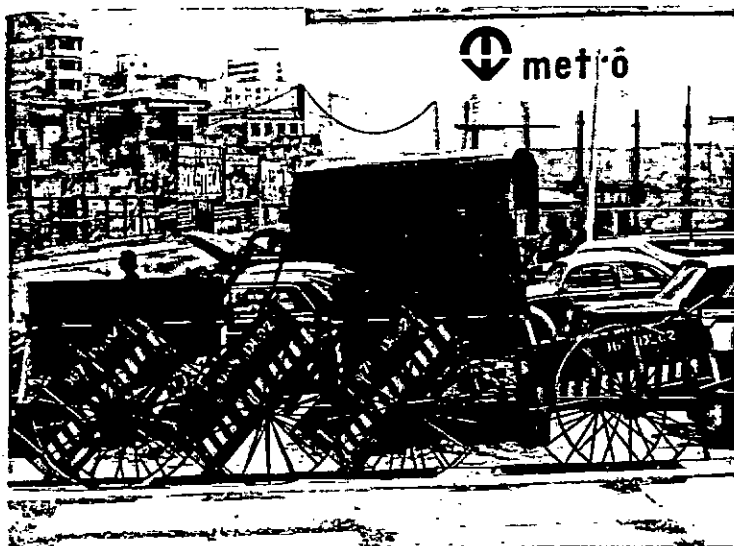
- objetos de morar

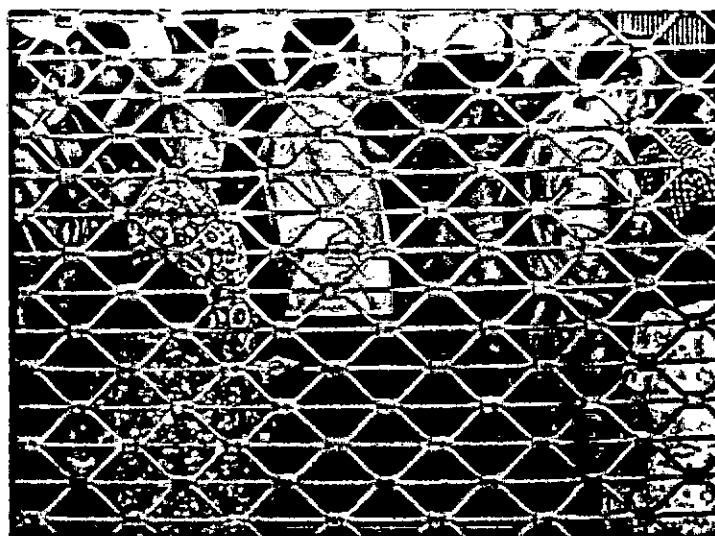


- locomover-se

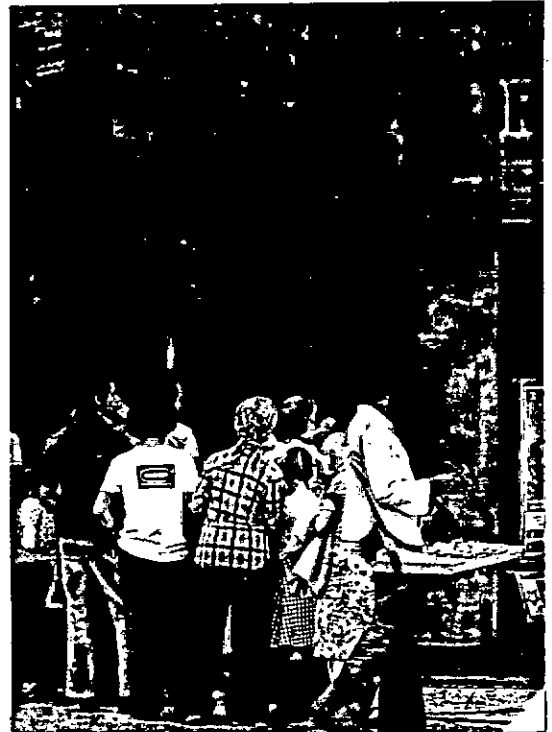
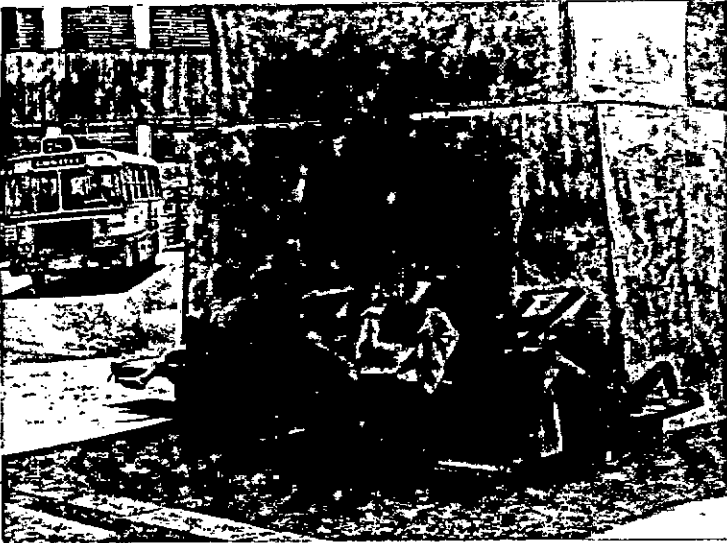
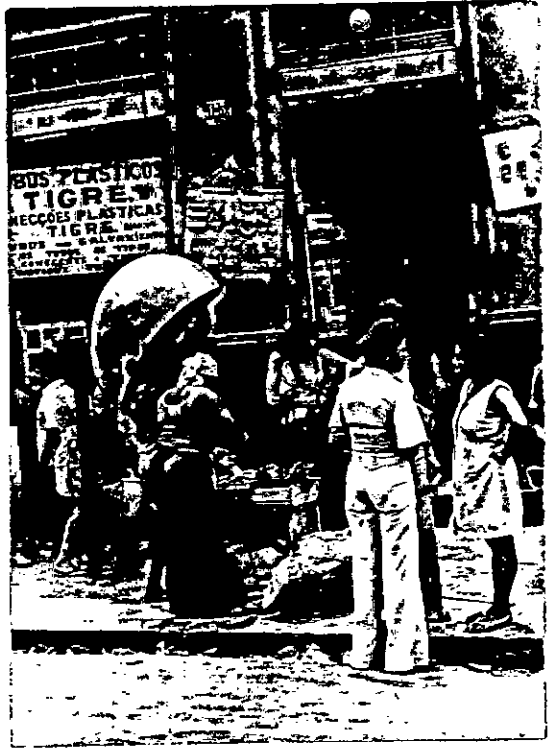
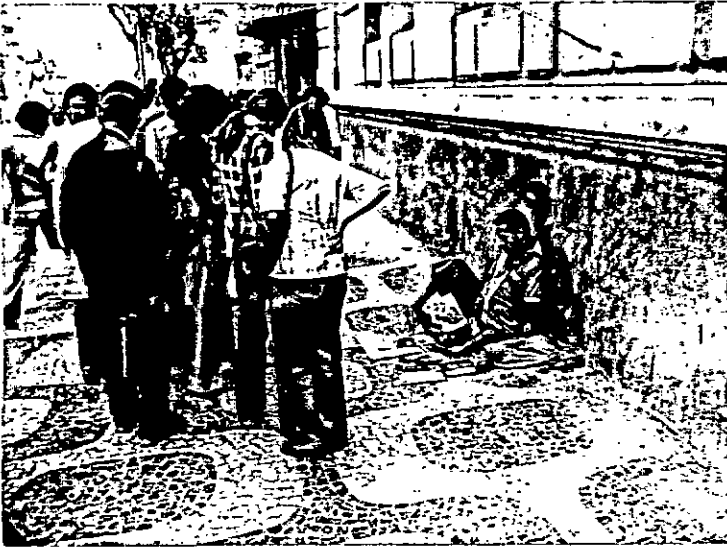


- limites

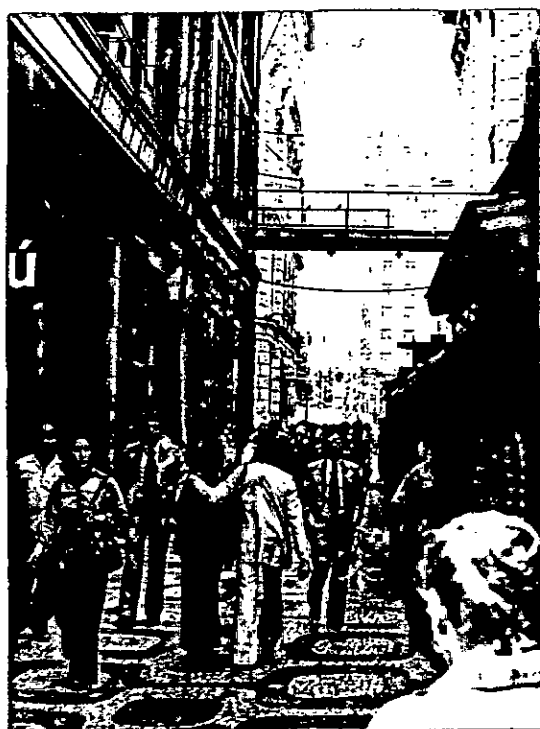
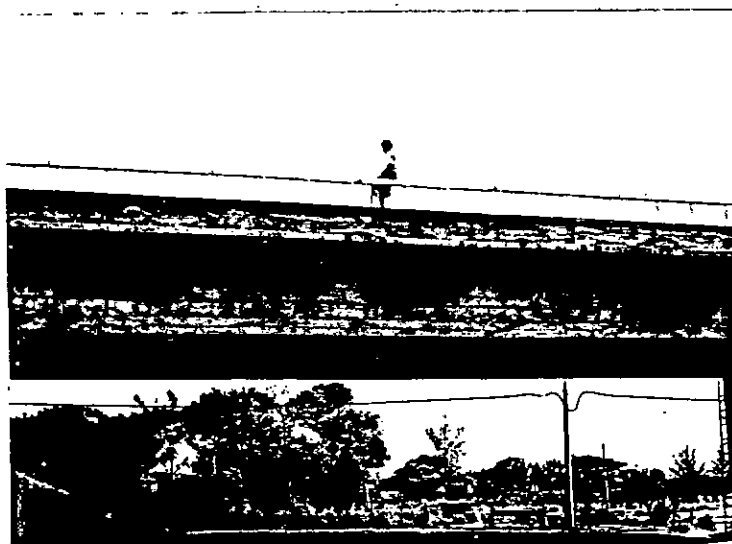




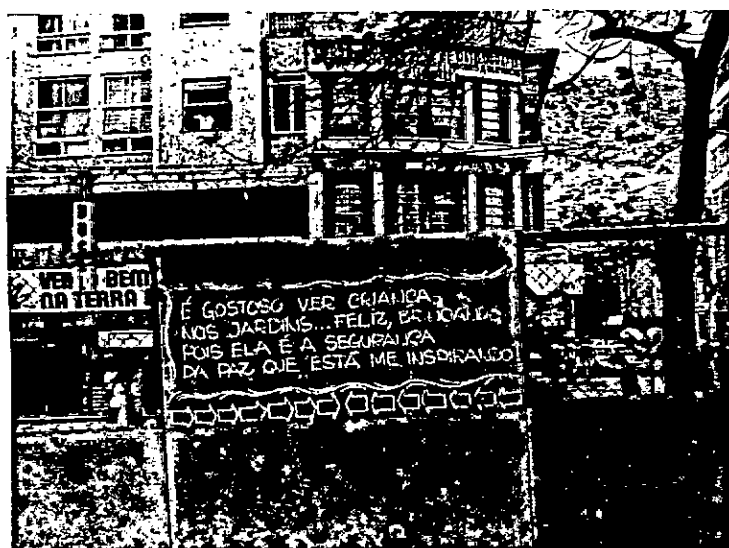
- sub-emprego



- as pessoas



- necessidade



V TECNOLOGIA E COMUNIDADE

Os hábitos das comunidades humanas estão ligados ao modo de produção que rege seu espaço econômico; assim também, de maneira mais próxima, os meios de produção influenciam o modo de ser do grupo, bem como o objeto final desses processos, a tecnologia que, de maneira geral, está em permanente interação com o comportamento do grupo que dela se utiliza, enquanto cultura.

Embora fosse exagerado afirmar que nenhuma mudança social jamais ocorreu, exceto em resposta à invenções técnicas, podemos admitir que são estas que possibilitam, não só a ampliação da escala de relações sociais, como também a tornam necessária, para serem usadas de modo a trazer maior benefício. E quaisquer que sejam as outras mudanças sociais que tenham ocorrido no passado e possam estar ocorrendo atualmente, a concepção de ampliar a escala é, de todas a que tem atraído a atenção da maioria dos antropólogos, a mais útil para análise.

Entendendo-se a técnica, exatamente, como mediadora e realizadora das intenções, a infra-estrutura necessária à mudança, determinadas em primeira instância pelas relações de produção e, em última, viabilizadas pelas possibilidades técnicas, é o que determina, a nível de linguagem, a nova atitude de comportamento, orientada pelo discurso técnico.

Temos no estudo da tecnologia, enquanto discurso, a possibilidade de avaliar o quanto a manipulação do repertório tecnológico influencia e determina os hábitos dos grupos humanos.

O Processo Tecnológico

Analisando o desenvolvimento tecnológico da humanidade, podemos distinguir três períodos que, por sua importância, seriam identificadas por revoluções.

A primeira seria a revolução artesanal, quando o homem começa a fazer objetos: faz cerâmicas, funde metais, cria utensílios, coisas que lhe facilitam a vida e lhe permite criar outras.

A segunda é a revolução industrial, quando o homem já cria máquinas que trabalham para ele.

A terceira seria a revolução cibernética.

Toda a criação tecnológica da etapa artesanal, tudo que o homem faz, é uma extrapolação, ou uma reprodução de suas características anatômicas externas.

Durante a revolução industrial, todos os elementos que o homem cria ainda mantêm, em parte, características anatômicas externas, e mais suas características biológicas internas. O motor à explosão combina dois elementos: pressão e combustível, que formam a temperatura e produzem energia;

um princípio bastante semelhante ao do coração e dos pulmões. Além disso, continua a reproduzir suas características anatómicas externas, por exemplo, pás mecânicas assemelham-se a um braço comandado por um motor-coração-pulmão.

A etapa cibernética implica uma criação tecnológica cuja característica está na semelhança com os princípios neurofisiológicos do sistema celular do cérebro, tais como a homeostase.

A revolução industrial, ao introduzir o uso da máquina em forma crescente, traz consigo um fenômeno semelhante ao criado pelo alfabeto, ou seja, a fragmentação do processo de produção, seguido da seriação das partes fragmentadas. O paradoxo da mecanização reside no fato de ser ela mesma a causa do desenvolvimento e das mudanças, enquanto que o princípio da mecanização exclui a própria possibilidade de crescimento ou a compreensão das transformações.

A urbanização e os processos tecnológicos calcados na fragmentação, trouxeram consigo uma série de fenômenos sociais, econômicos e políticos, por exemplo: a tomada do poder pela burguesia (Revolução Francesa), os meios de comunicação de massa, a maior participação das massas nos processos políticos, etc.

A revolução industrial vem

seguida pela automação que inaugurou a era eletrônica. Se as tecnologias anteriores são fragmentárias e parciais, a elétrica é inclusiva e total, criando um mundo instantâneo no qual tempo e espaço se interpenetram. A televisão, do ponto de vista informacional, é um bom exemplo da inclusividade e instantaneidade e representa um caso de implosão da informação. Ela traz para dentro de casa uma série de eventos que ocorrem em outros lugares, de um modo instantâneo, tornando o mundo aquilo que McLuhan chama de "Aldeia Global".

TECNOLOGIA E MUDANÇA SOCIAL

Praticamente, em todas as áreas da vida social, e na vida de quase todos os indivíduos, ocorrem, em algum sentido, mudanças acarretadas pelo desenvolvimento e mudança tecnológica. Podemos detectar duas influências principais da tecnologia sobre a vida social.

De um lado, encontra-se a mudança social que resulta diretamente de uma mudança no processo tecnológico. Assim, uma "invenção" pode destruir a base econômica de uma cidade, deslocar milhares de operários; a mesma "invenção" pode resultar na criação de uma nova cidade, em outros locais, e criar mais empregos. As mudanças tecnológicas deste tipo criam uma instabilidade constante na sociedade, em que as populações móveis,

socialmente desenraizadas, partem à procura de novos centros de emprego. Algumas vezes, essa movimentação pode resultar em novas distribuições geográficas da população. Uma invenção pode abrir novas oportunidades de emprego para as mulheres, alterando, de certa maneira, as relações familiares. Pode dar margem a maior tempo livre. Podem mudar basicamente a estratificação social de uma comunidade.

Por outro lado, há a mudança social que resulta dos produtos de uma tecnologia em desenvolvimento, como a industrial, que resolve problemas da produção em massa - grandes comodidades, anteriormente raras e caras ou não encontráveis, podem ser consumidas por uma parcela maior da população, desde que tenha situação de participação no mercado.

Grandes mudanças, através da história, tiveram na inovação técnica, sua motivação, a reestruturação tempo-espacial, a partir da roda; a escrita, reformulando a estrutura do raciocínio, implicando uma linearidade, um raciocínio organizado textualmente, separando o pensamento da ação, digitalizando códigos anteriormente analógicos; a agricultura, modificando a estrutura social, dando ao homem um comportamento sedentário; a revolução industrial, reformulando a estrutura familiar, os meios de produção, as instituições em geral; os sistemas eletrônicos

de comunicação, uma nova dimensão de engajamento do indivíduo frente aos acontecimentos, mais uma vez obrigando o homem a reformular sua concepção tempo-espacial.

A partir da urbanização, podemos verificar a passagem dos contatos primários, predominantes nas relações sociais do campo, para o predomínio dos secundários, que envolvem os indivíduos de maneira diferente, limitando-se os participantes a fazer ajustamentos recíprocos que o interesse concreto exige. A caracterização desta situação torna o meio urbano mais suscetível a novas mudanças, os costumes e valores são menos arraigados que no campo, tendo as tradições menor força; a mudança implica mais a alteração de uma situação específica e não a perda de um valor consagrado tradicionalmente.

Restringindo-nos a certas áreas da vida social, podemos verificar que novos produtos trazem a reboque a mudança da estrutura de algumas de nossas principais instituições, por exemplo, a alteração do sistema americano de namoro, possibilitada a partir da incorporação do automóvel ao modo de vida americano. O papel da mãe na vida familiar sofre mudanças a partir do momento em que surge a máquina de lavar, a geladeira, os alimentos enlatados, etc. que liberam a mulher das funções por elas desempenhadas. Nos países subdesenvolvidos, a estratégia de vendas orienta a

"inovação tecnológica" no sentido de atender a uma classe média ávida por consumir "novos" produtos, cuja fabricação em massa exige cada vez maior mecanização que, por sua vez, dispensa uma grande parte da mão-de-obra proveniente das classes de níveis de renda mais baixa, gerando uma série de mercados paralelos, desempregos, marginalidade, etc.

TECNOLOGIA E INTEGRAÇÃO SOCIAL

Quando analisamos as cidades como um corpo, um sistema, verificamos que elas deveriam constituir sistemas ecológicos artificiais nos quais os espaços públicos e privados, abertos ou edificadas, constituíssem elementos interdependentes e articulados.

Nesse sentido, a tecnologia que rege a organização e o aproveitamento do espaço urbano, deveria levar em conta as características e condições da cultura e da geografia em que o ambiente urbano está inserido, e somar a isso, de maneira integrada, as possibilidades e vantagens que a infra-estrutura urbana pode oferecer.

O que se tem observado, nas soluções adotadas para o espaço urbano dos países não desenvolvidos, é uma atitude de sistemática desvalorização, e mesmo descaso, para com as soluções e pretensões das comunidades locais, que se nota pela facilidade com que se

aceitam padrões e modelos exógenos, relegando-se a um plano secundário uma cultura nacional.

Soma-se a isso uma atitude funcionalista que determina um descuido com relação à preservação das relações humanas, uma desvalorização do aspecto humano em função de uma ordem organizativa imediatista.

Estas atitudes podem, em parte, ser explicadas por um conceito de desenvolvimento, segundo o qual os países pobres estariam posicionados no início de um caminho em cujo fim estariam os países ricos.

A idéia de outro desenvolvimento implica o conceito de independência cultural, inexistente na maioria dos países subdesenvolvidos. Somente a partir disto, onde se inclui o respeito pelas condições ecológicas e culturais, seria possível criar um repertório tecnológico e um habitat deliberadamente orientado para a grande maioria da população.

No entanto, o que temos observado é justo o contrário; por exemplo, os países tropicais, pobres quase por definição, dispõem, potencialmente, de soluções ecológicas extremamente econômicas, porém, numa procura do chamado desenvolvimento econômico, vinculam o fato mais a considerações comerciais e à mentalidade mercantilista do que a critérios estritamente econômicos.

O problema da dependência cultural encontra nas palavras

de Carlos Nelson Coutinho uma análise da situação brasileira: "A análise da relação entre a cultura brasileira e a cultura universal passa - como, em geral, todos os problemas sociais - pela análise da gênese econômica. O Brasil surge no quadro da criação de um mercado mundial "programado" para cumprir funções que se adequam ao desenvolvimento capitalista, e nossa história, em grande parte, resulta das transformações desse capitalismo, das metamorfoses que ele sofreu, desde a época do capitalismo mercantil, passando pelo industrial, até chegar ao imperialismo. Do ponto de vista superestrutural, isso quer dizer que nascemos na época da criação de uma cultura universal que, embora tendo seu ponto central na Europa, difundiu-se. Parece-me errado, por exemplo, dividir a cultura brasileira numa fase "colonial" e em outra nacional. O que há - o que sempre houve - foi um modo "colonial" e outro nacional de se relacionar com a cultura universal.

Quando o pensamento brasileiro "importa" uma ideologia estrangeira, isso quer dizer que uma determinada classe ou camada social do nosso país encontrou nessa ideologia a expressão de seus próprios interesses brasileiros de classe".

De maneira geral, as respostas aos problemas dos homens são sempre fruto de aprendizagem culturalmente transmitida.

É exatamente esta característica que faz com que o homem construa o que se chama de cultura. A cultura é, na verdade, um sistema mediador, uma espécie de circuito que possibilita a circulação, a análise e a construção do real humano. Esta nada mais é do que o conjunto de respostas e soluções que o homem dá, em face das situações e problemas com os quais se depara no contato com o meio ambiente.

Poderíamos caracterizar a aprendizagem humana num processo duplo: 1) a captação de técnicas, valores, costumes e hábitos de uma cultura por seus novos membros; 2) a aquisição de recursos mentais e emocionais que capacitem a pessoa a criar respostas em face a novas situações.

É importante pensarmos no que pode acarretar ao indivíduo e ao grupo, o convívio com objetos e valores que nem sempre se adequam e convêm a suas necessidades e tradições.

O idioma é algo mais do que um simples meio de expressar o pensamento. É, em realidade, um elemento principal na formação do pensamento. A percepção do mundo pelo homem está programada pela língua que fala. E, assim, a mente do homem registra e estrutura a realidade exterior somente de acordo com esse programa. Todos os homens são cativos do idioma que falam.

Pessoas de diferentes culturas não só falam diferentes linguagens, como também habitam diferentes mundos sensoriais.

A partir do momento em que entendemos o espaço urbano como expressão, como uma linguagem, veiculando e significando a ideologia da cultura que o criou, considerando que a cultura que determinou a criação deste nosso espaço, é, em muitos casos, uma cultura estranha, uma vez que concordamos que somos uma país culturalmente dependente, podemos supor que o discurso construído neste espaço - linguagem seja também alienígena.

Caso seja verdadeira a afirmação de que as nossas ruas estruturam um discurso que fala de outra cultura, uma linguagem adequada a outro espaço, será que o somatório de todos os valores importados e aplicados aos diversos veículos com que temos contato, geraria um comportamento alienado? Quais seriam as conseqüências de um diálogo onde cada interlocutor fala uma língua? A longo prazo podemos afirmar que a cultura, tecnologicamente mais desenvolvida e forte, conforme seus objetivos, se sobrepõe às outras menos desenvolvidas, aculturando os membros pertencentes à cultura mais primitiva.

Eduardo Neira Alva coloca um conceito chamado ecodesign, pensando nos países não desenvolvidos, salientando a necessidade de aplicação de um tipo de atitude

projectual que pode ser chamada ecodesign. A necessidade de uma tecnologia de maior racionalidade, não somente em proveito do conforto, mas principalmente em função da adoção e criação de uma tecnologia adequada, permitiria, em primeira instância, um custo de produção também adequado que, por fim, viria a reivindicar a independência cultural desses países e criar as bases para uma civilização nova.

Gui Bonsieppe também fala de um design ambiental, objetivando o mundo de artefatos que inundaram o ambiente do homem após a revolução industrial, artificializando este ambiente, muitas vezes danificando a balança ecológica. Segundo ele, o desenho industrial é um dos responsáveis pela qualidade ecológica do habitat humano, no que se refere ao ambiente dos objetos feitos pelo homem.

A evolução das idéias criou a consciência do caráter artificial do meio ambiente humano. Este já não é mais considerado um evento natural que deva ser aceito passivamente, pelo contrário, deve ser pensado como algo a ser "projetado" pois cada vez mais se tem consciência de que o homem é o único responsável pela qualidade do seu meio ambiente.

Ao nível da atuação do técnico, o que se costuma colocar como questão fundamental pode ser explicado segundo as palavras do arquiteto Gil Borsoi: "De que maneira podem esses profissionais

não cair em esquemas tecnicizantes - como viabilizadores de programas surgidos e ditados pela economia, tendo pouca coisa, ou quase nada, de conteúdo social - e responder ao desafio da melhoria da qualidade de vida da população?" É ele ainda quem ressalta as virtudes próprias das cidades, enquanto constituídas de elementos espaciais organizados, com significados próprios, sob um ponto de vista de sua imagem, do sentido de sua arquitetura, da trama urbana das cidades, dos elementos habitacionais e dos símbolos culturais mais importantes enquanto patrimônio da cidade: enfim, os diversos objetos que compõem e organizam esse ambiente, a obra coletiva que é a cidade construída no tempo. É importante situar estes problemas dentro de uma avaliação da atuação do "técnico em problemas urbanos", fazendo-se uma revisão de suas limitações, para que as intervenções nas cidades sejam recriações, com uma ampliação de significados, e não a sua destruição para a realização de uma obra apressada, impensada e de significados estreitos.

É importante que se leve em consideração, o "espírito da cidade", que se considere o que já foi feito "espontaneamente". As manifestações "espontâneas", "marginais", quando observadas e cuidadosamente interpretadas, podem ser fonte inspiradora na formação de concepções novas, porém adequadas.

TECNOLOGIA E CONTROLE SOCIAL

Neste ponto, nos parece interessante expor um tema colocado por Michel Foucault. Trata-se da constituição de uma característica da sociedade contemporânea, a qual ele denomina de "sociedade disciplinar". A formação desta no final do Séc. XVIII e início do Séc. XIX, caracteriza-se pela reforma e pela reorganização do sistema judiciário e, particularmente do penal, nos diferentes países da Europa e do mundo.

A partir do momento em que se reformulou, no sentido penal do termo, o conceito de crime, que passou a ser encarado como um dano social, o de criminoso, por conseguinte, como disse Rousseau, passou a ser encarado como "aquele indivíduo que rompeu o pacto social". A idéia do criminoso como inimigo interno, como indivíduo que, no interior da sociedade, rompeu o pacto que havia teoricamente estabelecido, é uma definição nova e capital na história da teoria do crime e da penalidade. Dentro deste enfoque, a lei penal deve reparar o mal cometido pelo criminoso ou impedir que males semelhantes possam ser cometidos contra o corpo social.

Desta reformulação, na época, estabeleceram-se quatro tipos possíveis de punição: deportação, trabalho forçado, vergonha, escândalo público e pena de Talião (por pena de Talião entende-se matar quem matou, tomar

os bens de quem roubou, etc.).

O sistema sofreu alguns reparos na prática, sendo então, adotado pelas sociedades industriais, em vias de formação, o aprisionamento, a prisão.

O processo continuou desenvolvendo-se. Surgem o que chamamos circunstâncias atenuantes: a aplicação rigorosa da lei pode ser modificada por determinações do juiz ou do júri e em função do indivíduo em julgamento. O princípio de uma lei universal, representando unicamente os interesses sociais, e, de modo considerável, falseado pela utilização das circunstâncias atenuantes que vão assumindo importância cada vez maior. A penalidade no Séc. XIX, de maneira cada vez mais insistente, tem em vista menos a defesa geral da sociedade que o controle e a reforma psicológica e moral das atitudes e do comportamento dos indivíduos. "Toda penalidade passa a ser um controle, não tanto sobre o que fizeram os indivíduos, em conformidade ou não com a lei, mas ao nível do que podem fazer, do que são capazes de fazer, do que estão sujeitos a fazer, do que estão na iminência de fazer".

Faz-se necessário, então, a partir deste momento, que o poder judiciário se cerque de toda uma rede de instituições de vigilância e de correção - a polícia, para a vigilância e as instituições psicológicas, psiquiátricas, criminológicas, médicas, pedagógicas, para a correção.

É aqui que se caracteriza, efetivamente, a sociedade disciplinar, por oposição às sociedades propriamente penais anteriormente. Entramos na fase que Foucault chama era de "Ortopedia Social".

Foi um teórico chamado BENTHAM que elaborou a "forma tridimensional" que representa o acima exposto. Bentham concebeu uma forma de arquitetura que permite um tipo de poder do espírito sobre o espírito; uma espécie de instituição que deve valer para escolas, hospitais, prisões, casas de correção, hospícios, fábricas, etc., o famoso Panopticon.

"O panopticon era um edifício em forma de anel, no meio do qual havia um pátio com uma torre no centro. O anel se dividia em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. Em cada uma destas celas havia, segundo o objetivo da instituição, uma criança aprendendo a escrever, um operário trabalhando, um prisioneiro corrigindo-se, um louco atualizando sua loucura, etc. Na torre central havia um vigilante. Como a cela dava para o interior e para o exterior, o olhar do vigilante podia atravessar toda a cela; mas não havia nela nenhum ponto de sombra e, por conseguinte, tudo que o indivíduo fazia estava exposto ao olhar de um vigilante que observava através de venezianas, de postigos semi-cerrados, de modo a poder ver tudo, sem que ninguém, ao contrário, pudesse vê-lo. O panopticon é a utopia de uma sociedade e de um tipo de poder que é, no fundo,

a sociedade que atualmente conhecemos - utopia que se efetivou, se realizou. Vivemos em uma sociedade onde reina o Panoptismo".

A vigilância sobre os indivíduos por alguém que exerce sobre eles um poder - mestre-escola, chefe de oficina, médico, psiquiatra, diretor de prisão - enquanto o exerce, tem a possibilidade tanto de vigiar quanto de constituir, sobre aqueles que vigia, a respeito deles, um saber. Saber que se ordena em torno da norma, em termos do que é normal ou não, correto ou não, do que se deve ou não fazer.

Estabelecida e incorporada pelo saber adquirido, a norma passa a regular toda a organização do grupo, através de suas instituições ou mesmo através do discurso dos espaços e objetos pertencentes ao grupo.

O "Panoptismo" e as "Formas Facistas"

Entre todos os estímulos que determinam o comportamento do homem atual, os objetos industriais têm papel preponderante dada sua "cotidianidade" na vida deste homem. O Designer, então, fruto direto das novas necessidades impostas pela indústria, deve desenvolver uma consciência crítica para reavaliar a real função social do seu trabalho.

O objeto desta nossa era tecnológica, o objeto organizador, que determina a ordem da normalidade é reflexo, enquanto concepção formal, de situações psicológicas. Podemos ver na "ordem moderna de produção e cálculo e de funcionalidade, uma ordem fálica, ligada à empresa da superação, de transformação do dado, de emergência para estruturas objetivas - mas também uma ordem de fecalidade, fundada sobre a abstração, a quintessência que visa informar uma matéria homogênea, sobre o cálculo e a partição da matéria, sobre toda a agressividade anal sublimada no jogo, no discurso, na ordem, na classificação, na distribuição".

"A organização das coisas, mesmo quando tem por objetivo a empresa tecnológica, é sempre ao mesmo tempo o registro poderoso de projeção e bloqueio. A melhor prova disto encontra-se na obsessão que aflora freqüentemente atrás do objeto organizacional: é preciso que tudo comunique, que tudo seja funcional - não mais segredos nem mistérios, tudo se organiza, portanto tudo é claro. Ela se explica se for relacionada à função de fecalidade, que requer absoluta condutibilidade dos órgãos interiores" - JEAN BAUDRILLARD. Podemos aqui nos remeter ao que foi dito anteriormente a respeito da tecnologia industrial, que ela reproduz

características biológicas internas do homem, neste caso, enquanto processo. A respeito do homem cibernético temos ainda nas palavras de BAUDRILLARD, o que ele classificaria de "hipocondria cerebral": "se a hipocondria é a obsessão pela circulação das substâncias e pela funcionalidade dos órgãos primários, poder-se-ia, de certo modo, qualificar o homem cibernético como hipocondríaco cerebral, obsecado pela circulação absoluta de mensagens".

A concepção dos objetos industriais parece estar ligada a esta ordem simbólica: o próprio uso indiscriminado de conceitos ergonômicos, incorporados ao dia-a-dia do homem moderno; a reprodução de valores ideológicos através das formas, "a forma ideal", a posição "certa" para o desempenho das mais diversas atividades, o objeto absolutamente denotativo, indicativo do comportamento normal. Que tal um objeto que permita conotações? Quem sabe o objeto fechado com suas funções determinadas devesse ceder lugar ao objeto aberto, ao objeto que permita o diálogo, o objeto que permita até ser questionado?

TECNOLOGIA E ADMINISTRAÇÃO

É importante observar como uma diretriz de aplicação e implantação tecnológica pode provocar situações determinadas. É possível constatar as diversas interações existentes

entre as várias formas de deterioração ambiental, e destas, com o estilo de vida adotado pela população.

É muito importante que a América Latina adquira um conhecimento sistêmico e sistematizado de seu meio ambiente e das formas como vêm deteriorando-se; são poucos os países que encontraram maneiras de responder ao problema, pela política, planos e órgãos específicos.

Quando observamos como são tratados os problemas, vemos que as ações são realizadas de maneira setorial e desarticulada, pulverizando recursos, multiplicando atividades, obtendo-se desta resultados de pouca eficácia.

Toda nossa história é marcada pelo desprezo às soluções locais (essa deterioração ambiental vem deste a época da colonização européia). Sabemos que as culturas Inca, Maia e Azteca, entre outras, lograram construir, com recursos naturais sumamente pobres, ecossistemas essencialmente artificiais que, longe de destruir ou tornar agressivo o meio ambiente, os aperfeiçoaram até os limites das possibilidades tecnológicas da época.

A ocupação européia, orientada basicamente pelas concepções mercantilistas-colonialistas, iniciou um duplo processo de deterioração: por um lado, abandonou grande parte da terra cultivada e, por outro, explorou, até o esgotamento dos recursos naturais, outras

áreas, deixando um meio ambiente cuja organização e desenvolvimento tornam-se cada vez mais complexos, quando não impossíveis.

→ Durante o período republicano, as formas de monocultura de exportação determinaram a derrubada sistemática de bosques tropicais e sobrecultivo nas zonas temperadas até a exaustão do solo.

O atual desenvolvimento industrial parece desconhecer, também, determinados valores ambientais, contribuindo, em muito, para a deterioração do ambiente urbano.

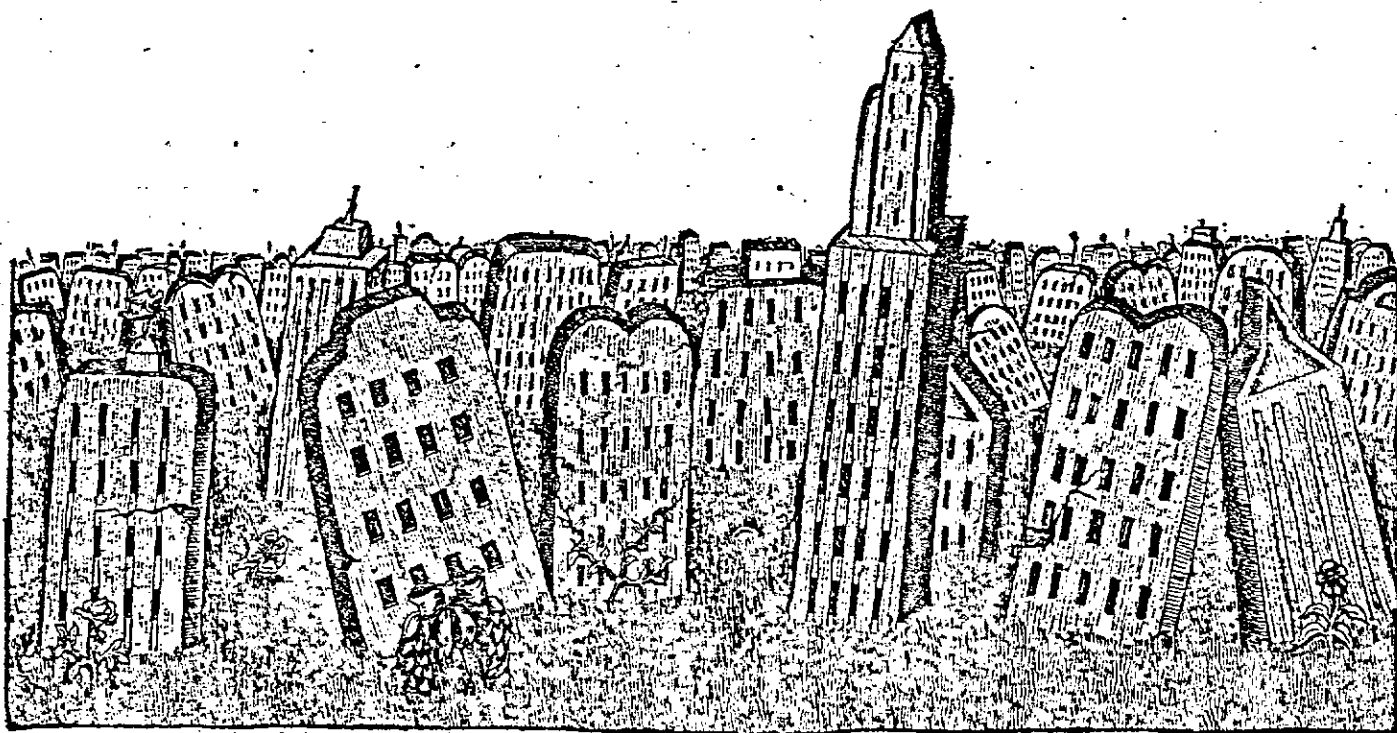
→ Aparentemente, o esforço de desenvolvimento de qualquer país tem por objetivo principal que sua população alcance o que se convencionou chamar "boa qualidade de vida". No entanto, a despeito dos esforços que vêm sendo feitos, e alguns resultados econômicos alcançados (crescimento do PIB, da renda per capita, etc.), as condições sociais da população não têm, necessariamente, melhorado.

→ Parece claro, neste ponto, que tal tipo de problema só encontraria solução se partisse de uma ação integrada, a nível governamental, no sentido de buscar um modelo de desenvolvimento que protegesse o homem dos riscos que ameaçam sua existência, somente possível a partir de uma decisão política e organizativa.

Qualquer que seja a forma adotada, é imperioso que se pense em um trabalho integrado, de todos quanto têm a ver com o desenvol-

vimento do país e a organização dos seus espaços, sob a égide do Governo Federal e a partir de intensa atividade criadora, diretamente relacionada com a população, principalmente a de baixa renda, para buscar soluções inovadores e ecologicamente compatíveis com as necessidades do país.

TECNOLOGIA E CULTURA NO DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES



— Parece estar claro que os países subdesenvolvidos tendem à heterogeneidade. O que definiria a distinção entre eles?

— Há várias formas de heterogeneidade. Depende do quadro institucional. Por exemplo, o México sofreu uma reforma agrária no início do século, e a Venezuela passou desde o século XIX por grandes transformações sociais. Em outros países, o Estado representa uma grande força. Isso vai definir o perfil e concentração da renda, o tipo de heterogeneidade. Mas de uma maneira geral, há uma tendência à polarização que pode beneficiar 1% ou 20% da população, mas nunca todo o povo.

— O modelo seguido pelas altas camadas das sociedades subdesenvolvidas perseguiria um padrão, um nível de vida distanciado da sua própria realidade? Da realidade social do seu país?

— Não é distanciado porque é real e está aí para todo mundo ver. Seria um modelo distanciado e artificial do ponto-de-vista de uma visão diferente da organização da sociedade. Os que estão decidindo, estão convencidos de que estão agindo corretamente. Por isso é indispensável estudar a lógica dos fins, os objetivos sociais e identificar os grupos que estão interessados em reproduzir essa sociedade tal qual ela se mostra agora. É necessário estudar a constituição do Poder, as opções que são dadas pela margem do excedente disponível. Tudo isso se manifesta na sociedade através de uma estratificação e de uma desigualdade. É preciso criar uma teoria que abarque isso.

"É preciso que os países do Terceiro Mundo definam seus próprios modelos de desenvolvimento"

Trata-se de compreender que o desenvolvimento não pode ser uma dádiva dos ricos aos pobres. É certo que é necessário que o mundo industrial consinta num certo número de sacrifícios. Mas é preciso, ao mesmo tempo, que o Terceiro Mundo tenha a vontade de se desenvolver. É o princípio que deve orientar a construção da nova ordem internacional.

Outra idéia que começa a tomar corpo no Terceiro Mundo e que é relativamente nova, é que o objetivo do desenvolvimento não é necessariamente a apropriação e a imitação do modelo ocidental. Não é certamente possível dar a todos os indianos o regime alimentar dos americanos. Nem possível nem obrigatoriamente desejável. É preciso que os países do Terceiro Mundo definam seu próprio modelo de desenvolvimento.

POR UMA CULTURA SEM SOTAQUE

"É a partir da compreensão que tenhamos de nossa realidade — e da identificação com ela — que poderemos contribuir também culturalmente."

Visão crítica — A identificação mecânica do nacional com o velho e do internacional com o novo favorece — junto com outros fatores — a subestimação de nossa capacidade criadora. O interesse pelo novo é legítimo e a vontade de renovação deve ser estimulada. O importante é distinguir entre modernização (que se faz de fora para dentro) e renovação (que nasce de dentro, muito embora não exclua a absorção de elementos externos). A visão crítica das tendências culturais cosmopolitas e a defesa de um desenvolvimento interno orgânico, conseqüente, não pode ser confundido, portanto, nem com conservadorismo artístico nem com chauvinismo cultural: é a defesa das condições necessárias ao mais amplo florescimento da atividade criadora.

O IMPASSE DO ACERVO HISTÓRICO

MUDAR A LEI OU PERDER A MEMÓRIA

A DERROTA DA TECNOLOGIA PARA O ARTESANATO

João Pessoa — Canetas que atiram, peças de computadores, revólveres, prensas, prelos de provas gráficas, máquinas gráficas, metralhadoras e uma infinidade de outros utensílios e mecanismos tornaram famosa a capacidade de inventiva do artesão de Campina Grande. Maior centro urbano do interior do Nor-

deste, com 250 mil habitantes, 10 mil universitários e uma receita equivalente à da Capital do Estado, a cidade sempre atraiu uma massa heterogênea de imigrantes — artesãos, aventureiros, biscoiteiros, pequenos comerciantes — todos dispostos a fazer fortuna. O comportamento de arrivis-

ta, que estimulou a astúcia e a esperteza, também liberou ali as melhores aptidões do homem da região, transformando a cidade num celeiro de inventores e artistas que criam e imitam tudo. E os consumidores asseguram que as criações de Campina Grande são melhores do que os originais.

Senador critica modelo de Governo em que o econômico tem prioridade

Brasília — O Senador Gilvan Rocha (MDB-SE) criticou ontem o modelo econômico brasileiro, dizendo que "o Movimento de 1964 colocou em prioridade absoluta o valor econômico" e manifestando que "somos inclusive inventores de um novo dialeto — o *economês*".

— Este desvio no significado do desenvolvimento — disse — fez com que chegássemos a esta época, em que o Brasil ainda é um país em cujo território coexistem áreas do mundo do século XX e outras ainda no século XVII.

DIGNIDADE

Organização mundial sugere que Brasil faça brinquedos adequados à sua cultura

Recife — A Organização Mundial de Educação Pré-Escolar recomendou ao Brasil que desenvolva e incentive a fabricação de brinquedos com características nacionais, informou ontem o Sr. Didier Jurgens, da Comissão Cultural Brasil-Alemanha, em Seminário sobre Brinquedos Educacionais Infantis promovido pela Secretaria da Educação.

"A Organização propôs ao Brasil que se formem grupos brasileiros com função de criar materiais novos e desenvolver a indústria de brinquedos brasileiros, sem importar do exterior kits e outros materiais inadequados à criança nacional", acrescentou o técnico alemão.

Representante da América Latina debate atendimento primário de saúde pública

Representantes de escolas de saúde pública de oito países da América Latina estão reunidos desde ontem na Fundação Osvaldo Cruz para debater o tema central da IX Conferência Latino-Americana de Escolas de Saúde Pública: O Atendimento à Saúde em Nível Primário.

A Conferência vai até o dia 12 e é promovida pelo Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana de Saúde (OPS), Associação Latino-Americana de Saúde Pública (ALASP), e Fundação Osvaldo Cruz. Os participantes — 50 — estão divididos em quatro grupos que diariamente debaterão cinco subtemas. Ontem foram discutidos os aspectos conceituais do atendimento primário.

DESENVOLVIMENTO

O representante da Divisão de Recursos Humanos e Pesquisa da OPS, Sr. José Teruel, discutiu o subtema de ontem dizendo que "medidas econômicas têm relação direta com saúde e ações nesta área trazem contribuição ao desenvolvimento". "Mas, com frequência, temos visto crescimento econômico ao lado de estagnação social", acrescentou.

Para ele, a interação entre os fatores econômicos e sociais pode ser sentida na experiência dos países lati-

no-americanos. "A inexistência de um modelo de tecnologia médica e sanitária que seja adequado aos países subdesenvolvidos e possua endosso científico ou prestígio internacional levou ao transplante de uma tecnologia médica que beneficia somente uma pequena minoria da população das grandes cidades", disse ele.

Estão participando da Conferência representantes da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, México, Porto Rico e Venezuela.

Professor acha que jovem escreve mal porque não tem capacidade de unir idéias

"A incapacidade que o jovem tem de escrever de acordo com os conceitos de correção da língua portuguesa é apenas um problema do ponto-de-vista didático e ensiná-lo a redigir é uma tentativa vã, porque sua estruturação mental é diferente da nossa e ele é incapaz de unir suas idéias de forma linear." A opinião é do diretor do Departamento de Letras da Universidade Gama Filho, professor José Guilherme de Azevedo Leite.

O professor Munis Sodré, da cadeira de Teoria da Comunicação e da Linguagem das Universidades Federal do Rio de Janeiro e Federal Fluminense, acrescentou que "escrever não é apenas uma questão técnica, mas que envolve fatores sociais e econômicos, entre outros."

ORIGENS

"A preocupação com o fato de que o universitário não sabe se expressar por escrito" — disse o professor Munis Sodré — "é artificial, porque o problema é bem mais amplo".

Embora a dificuldade dos alunos só tenha sido notada recentemente, ele localiza suas origens há 15 anos, devido ao aumento de vagas no curso superior e à expansão das faculdades particulares.

"A explosão descontrolada do ensino superior" — acrescentou — "levou à universidade, mais jovens das classes médias e baixa, nas quais os meios de comunicação são predominantemente orais e a escrita não é fator significativo na vida familiar. Quando, na universidade, se exige, dessas pessoas, a máxima racionalidade da língua escrita, elas esbarram na falta de uma tradição com o livro".

Ele salientou que o problema não é apenas dos cursos de nível superior, porque o crescimento da demanda de vagas nas escolas a partir do 1º grau, faz com que os padrões de ensino optem, cada vez mais, por soluções quantitativas em detrimento da qualidade.

"Não se trata" — continuou — "de um problema de professores, mas, sim, de todo um sistema de ensino do mundo ocidental, voltado para a quantidade".

Para o professor Azevedo Leite, o fato de o aluno che-

gar à universidade incapaz de expressar seu pensamento por escrito é consequência de haver passado por um novo processo de estruturação, não discursivo.

"Pelo fato de os meios audiovisuais oferecerem uma mensagem pronta, rápida e agressiva, os jovens não precisam elaborar seu pensamento para compreendê-la e, consequentemente, entender a própria existência. Por que, então, tentar-se restaurar, nas escolas, o modelo mental de estruturação discursiva da linguagem? Ao invés de tentarmos impor nossos códigos, nós é que deveríamos assumir o dos jovens, porque eles constituem a maioria. Além do mais, a própria ficção literária assumiu o processo de síntese da comunicação telegráfica e não linear: o romance não tem mais a estrutura de antes, agora e depois, podendo começar a ser lido de qualquer ponto, pois o enredo é circular" — acrescentou.

O professor Munis Sodré discorda desse ponto-de-vista, dizendo não haver incompatibilidade entre a civilização da escrita e a imagem.

"A imagem visual, como é trabalhada pelos meios de comunicação do Ocidente" — disse — "raramente ultrapassa a lógica discursiva da escrita e dizer-se que a linguagem escrita não tem mais vez, é fazer o jogo do mercado de imagens" — observou ele.

VI - BEM PÚBLICO

Sabidamente a população das cidades latino-americanas vem crescendo muito rapidamente, e as inversões de capital social básico não acompanham este ritmo. Em consequência disto, os recursos aplicados em infra-estrutura e serviços têm sido rapidamente absorvidos sem melhorar efetivamente a situação, senão de forma transitória, para, às vezes, apenas parte da população. Observa-se então deficit de casas, escolas, hospitais, centros de serviço social, campos de esporte, locais de encontro, vias de circulação, sistemas de transporte, etc., que se complexificam cada vez mais, tentando sobrepor-se à demanda.

Faz-se necessário tentar entender de que maneira se dão as aplicações do capital neste setor, quem o faz e como ele é utilizado.

As atividades que se desenvolvem no seio de nosso sistema econômico podem ser repartidas entre duas esferas de interesses, duas ordens institucionais: pública e privada. Dado que em qualquer sociedade moderna independente de sua configuração política, preenche o setor público funções econômicas de fundamental importância.

Entre as nações, a ampliação das atividades econômicas públicas decorre, em grande medida, do papel progressivamente atribuído ao Estado - à medida

em que desponta e se afirma o processo de industrialização - na montagem e manutenção de uma base operativa para o sistema englobando: meios de transporte e comunicações, serviços de energia, águas e esgotos, e outros, além das atividades de planejamento. O Estado, nas nações subdesenvolvidas, tem assumido, simultaneamente, funções de remodelar das estruturas e de empresário das atividades básicas.

Fica a cargo do setor público a produção de bens e serviços de consumo, vitais para o funcionamento da economia e o progresso social. Convém distinguir entre dois tipos de serviços que se situam na órbita do poder público; um inclui serviços do tipo: defesa, policiamento, justiça, etc, que visam, em última análise, a proporcionar condições mínimas ao funcionamento do sistema; e outros serviços de "consumo", tipo saúde, educação, etc, pelos quais o Estado procura assegurar condições de bem-estar e oportunidades de acesso social, bem como, simultaneamente, contribuir para a elevação dos padrões de eficiência em que opera a força de trabalho disponível no sistema; um outro tipo de atividade, ainda exercida pelo Estado, ligada à construção de estradas, portos, prédios públicos, que amplia o estoque de fator capital da nação, incrementando sua capacidade produtiva e tendendo a propiciar

novas oportunidades de inversão ao setor privado. Devemos falar ainda de uma outra entidade protetora, situada sob a égide do Estado, que diz respeito aos insumos, dentre os quais se situam os de uso universal: Serviços de transporte e comunicações (que, em dependência dos respectivos usuários são também artigos de consumo final, energia elétrica, aço, petróleo, etc ., ingredientes básicos na operação e avanço de qualquer sistema e cuja obtenção tem sido atribuída ao setor público, mormente nas nações que despertaram nas últimas décadas para a luta pela industrialização.

A maioria das atividades a cargo do setor público não é diretamente remunerada, seja porque não possam ser individualizados seus beneficiários (por exemplo, no caso dos serviços administrativos), seja porque exista o consenso de que não devem ser vendidos certos serviços sociais (educação, saúde), ou mesmo porque ao governo é imputada a tarefa de construir (ou encomendar ao setor privado) obras que servem à coletividade como um todo e que, portanto, não são objeto de transações (estradas, prédios públicos, etc.) Em consequência, o Estado necessita valer-se de outros métodos de captação de recursos financeiros para fazer face aos gastos não cobertos pela receita obtida em mercado.

O Estado assume encargos que

implicam gastos consideráveis; trata-se de uma série de despesas ditas de "transferência", pelas quais o Estado desloca fluxos de renda, numa atitude que se poderia denominar "redistributiva", em contraposição às ações produtivas. Dentre as despesas de transferência merecem destaque os gastos sociais e as subvenções econômicas.

Em seus gastos de transferência, teoricamente o Estado deveria agir sem pretender quaisquer retribuições, visando a amparar certos grupos, promover justiça social e mesmo fomentar a expansão de atividades consideradas estratégicas.

O BEM PÚBLICO, OS PROBLEMAS URBANOS E AS SOLUÇÕES TÉCNICAS

Existem determinados parâmetros que norteiam o pensamento e a atividade do técnico em função da política urbana no Brasil.

Os municípios, com os instrumentos de natureza econômica, financeira e institucional, de que hoje dispõem, não têm condições para receber a sobrecarga populacional que se derrama sobre as cidades, que irá refletir, inevitavelmente, num acréscimo significativo sobre a demanda de infra e superestruturas, bem como de serviços públicos e equipamentos.

Já se delineia um consenso, em âmbito mundial, de que determinados problemas urbanos

são podem ser resolvidos pelo poder público, mediante investimentos a fundo perdido.

Embora se tenham constituído novos fundos de financiamento destinados a solucionar os problemas urbanos, o município já não tem capacidade de endividamento para tomar esses recursos, porém, quando ainda existe essa possibilidade, o tempo que normalmente se exige para a tramitação de um processo de financiamento, até a concessão do mesmo, torna a intervenção tardia e, às vezes, ineficaz.

A preocupação do governo federal em financiar empreendimentos autofinanciáveis tende a levar os municípios a comprometer cada vez mais sua capacidade de investimento, além de induzir soluções meramente paliativas, ou até mesmo deixar sem solução programas que, pelas suas características, não venham gerar receitas, porém, nem por isso menos importantes.

Importante frisar que alguns órgãos federais manifestam a intenção de investir a fundo perdido nas cidades, porém o critério e a prioridade desses órgãos chocam-se, às vezes, com os do planejamento das próprias cidades.

Nas grandes cidades, pela maior velocidade do processo e pela subsequente demanda de equipamentos urbanos, o problema é muito grave. Nos polos de

regiões metropolitanas, as dimensões deste problema ultrapassam qualquer medida, porque a realização de determinados investimentos exigem níveis de decisão que já não pertencem à própria cidade, extravasando os limites de autoridade e envolvendo outro sem número de variáveis.

Uma vez que se torna patente a necessidade de o governo investir a fundo perdido, o importante é saber quem decide a aplicação e quem administra esses recursos. Da mesma forma, é fundamental que as decisões não sejam fragmentadas em diversos órgãos.

Segundo Jaime Lerner, é necessário que se dinamize e incentive as decisões relativas a problemas urbanos na célula mais atuante do processo de decisão política administrativa: o município. Em relação às coordenações de regiões metropolitanas, ou se aumenta o poder destas instituições, ou então seria preferível fazer crescer o município-polo, para que ele assuma o papel executivo da região, transformando-a em uma unidade fisicamente integrada, com atuação político-administrativa unificada, podendo, então, o governo federal contar com uma eficiente contrapartida local.

As fontes de recursos, geradora dos investimentos a fundo perdido, poderiam continuar vinculadas aos diferentes órgãos, mas a análise deveria ser feita

por um único órgão, a fim de reduzir custos operacionais, possibilitar melhor controle e evitar que cada estado aumente os trâmites burocráticos, pela criação de sistemáticas próprias.

Ainda, segundo Jaime Lerner, o conceito de Região Metropolitana nasceu em países que não obedecem ao nosso sistema federativo. A importação desse modelo estrangeiro está criando dificuldades na sua implantação. A prova é que, há quase dez anos, se tenta equacionar o problema das regiões metropolitanas. Apesar de todos os esforços desenvolvidos nesse sentido nada de prático aconteceu. Ao contrário: criou-se uma sistemática e uma metodologia que podem acarretar retardamento na solução dos problemas urbanos.

É importante acentuar que o Brasil é um país de dimensões incompatíveis com a centralização excessiva, particularmente em relação aos problemas da cidade, onde o processo de urbanização se desencadeia com grande rapidez e dinamismo. Essa centralização acarreta a falta de questionamento por parte de cada comunidade, considerando-se a escolha de prioridades como tarefa política muito lúcida. E por ser política, pressupõe a existência de diálogo. Qualquer que seja o enfoque, é importante, em relação ao problema, saber quem define as prioridades.

A maneira de se inserir o político e técnico nesta dinâmica, é precisar tais conceitos. O político deve ser eleito. O técnico deve ser escolhido.

Os Problemas Urbanos, o Técnico e Suas Limitações

"A cidade deve ser pensada para o dia-a-dia e não dimensionada para a máxima tragédia. Há que se pensar numa estrutura voltada para a nossa realidade. Nesse sentido, deve-se pensar no ideal e executar o possível. O homem urbano de hoje é um indigente que vive numa estrutura super-dimensionada e milionária. Teríamos resultados surpreendentes no confronto entre o que se gasta para poluir e o que se gasta para proteger, o que se gasta para deteriorar e o que se gasta para preservar, o que se gasta para o diagnóstico e o que se gasta para a proposta e execução". (Jaime Lerner)

O cenário urbano brasileiro, hoje, é a configuração de resultados e valores adotados ao longo da História, da mesma forma que o que haveremos de deixar aos nossos descendentes, resultará dos valores e das decisões que adotamos agora.

Portanto, pode-se deduzir que, pela correlação entre estilo de desenvolvimento e organização do habitat humano, a "questão

urbana" é, antes de mais nada, de natureza política, de escolha de estilo de desenvolvimento e não de natureza técnica.

Evidentemente, a decisão de natureza política, sobre o estilo de vida que se pretende proporcionar à população, não pode prescindir da técnica para viabilizá-la, mas não deve haver nenhuma dúvida de que a dimensão política deverá prevalecer sobre outra de qualquer natureza.

O BEM PÚBLICO E O DESIGN PARA A COMUNIDADE

O design, como atividade, situa-se dentro do grupo de profissões "técnicas" cujos resultados estão em contato direto com o grupo que se utiliza deles. É uma atividade delimitadora de espaços e ações, criadora de valores, de atuação profunda sobre o comportamento cotidiano do cidadão.

Dentro da concepção de sociedade industrial, os grandes centros tornaram-se consumidores de cultura que, a partir das modernas técnicas de reprodução, deixaram de ser apanágio das minorias. As multidões consomem informações em vários níveis: visual, verbal, sonora e, no que toca ao desenho industrial, ao nível da própria ação de consumir, de usar o produto. As mensagens são hoje tratadas como produto

(publicidade) e os produtos, inversamente, tratados como mensagem. Os objetos são revestidos de conotações existenciais que, às vezes, chegam a constituir sua própria razão de ser.

Um objeto em uso porta sempre conotações sócio-culturais. Não existem, nas sociedades industriais, objetos completamente despidos de significação. Eles são elementos de cultura, veículos de comunicação entre o indivíduo e o seu meio social ou vice-versa.

A partir do momento em que são colocados no cenário urbano, representando, no conjunto, com as outras peças, um discurso ideológico, uma representação calcada nos valores de uma sociedade, de seu estilo de vida, faz-se necessário que se intensifique a reflexão e as tentativas de compreensão do existente em nossas cidades, uma busca de algo específico, talvez já aculturado, uma "peculiaridade", enfim, as relações básicas e profundas do comportamento da população de nossas cidades, entendidas dentro da contingência histórica do nosso país.

A concepção de projetos que, respeitando o corpo de costumes e atividades do grupo social ao qual é dirigido, dando significações próprias sem inovações puramente "estilísticas" ou simulacros culturais, absorvendo

valores próprios do grupo a que é dirigido, adequando-se ao meio ambiente que o cercará; parece ser passível de viabilizar apenas por instituições que não almejem o lucro mediante recursos de valoração falsa, ou comercializáveis, isto é, parece estar afeito à área do bem público, podendo ser classificado como "design para comunidade".

Equipamento Urbano e "Cotidianidade"

A concepção do equipamento, que ordena e povoa o espaço urbano, implica uma atitude crítica em relação a este espaço. É necessário pensar-se que o espaço urbano não é fragmentado. Ele é o cenário onde se desenrola o dia-a-dia do cidadão, uma atividade integrada, desde a sua saída de casa para o trabalho, através da trama urbana e dos meios de circulação e transporte, até o local de seu trabalho; sua alimentação, - suas compras, - seu lazer, enfim, toda a sorte de atividades do cotidiano que se sucedem e se interligam no espaço e no tempo. Observamos o indivíduo entre a casa e o trabalho, entre o trabalho e as compras, ou mesmo sua casa e suas atividades de lazer, etc., percorrer o período de espaço e tempo que separa quaisquer par de atividades, mas que, não deve ser, porém,

encarado como um período morto. Este pode ser um espaço que permita algum tipo de vivência, um tempo ativo, útil, seja para o descanso, seja para a reflexão ou para o encontro, a relação, a comunicação, enfim, o ambiente deve permitir ao homem pensar, até mesmo sobre este ambiente.

O cidadão passa um número de horas muito grande deslocando-se e utilizando toda a grande variedade de espaços e logradouros públicos, ambientes estes que se têm tornado cada vez mais estêreis e agressivos.

O Rio de Janeiro, que já foi considerado o paraíso natural do lazer e da comunicação pessoal, encontra-se em acelerado processo de "paulistanização". Cada vez mais os jardins e praças têm cedido lugar aos viadutos, avenidas e metrô. A superpopulação, a especulação imobiliária e o novo modo de vida, abafado e apressado, estão acabando com o lazer natural do Rio e o espírito comunicador e bem-humorado do carioca, que agora perde em torno de quatro horas por dia no transporte, cheio e lento, entre a casa e o trabalho, come apressadamente em locais "sufocantes" e assiste a uma paisagem cinza e monótona. Afinal, as riquezas naturais do Rio também não são inesgotáveis...

A cidade criou uma situação tal que é necessário um certo esforço dos responsáveis pelo planejamento do equipamento

urbano, no sentido de que sua concepção facilite e tente reavivar a atividade do encontro, a realimentação dos contatos inter-humanos.

O BEM PÚBLICO E O LAZER

Os logradouros públicos são palco de intensa atividade de lazer, essencialmente, para o operariado e a classe média destacando-se o primeiro.

Para entendermos a atividade de lazer do homem urbano, é necessário fazermos certas ligações com seu trabalho e com suas aspirações-frustrações.

Hoje, praticamente todos os trabalhadores têm a opinião fatalista de que o trabalho é, em si mesmo, desagradável. Parece que a satisfação com o trabalho está principalmente relacionada com a renda e ligada também ao status e ao poder.

Segundo C.Wright Mills, as motivações econômicas, pode-se dizer, constituem atualmente o único fundamento do trabalho. Não existem hoje outros símbolos que o legitimem, embora haja outras razões de satisfação e descontentamento. A renda e a segurança da renda conduzem a outras coisas, entre elas, às diferenças de status.

A satisfação com o trabalho baseia-se freqüentemente em satisfações de status decorrentes de relações sociais

no emprego. Status e poder, como aspectos da satisfação profissional, são quase sempre inseparáveis, já que o poder social é exercido durante o trabalho.

Somente nos últimos anos, as massas fatigadas da grande cidade tiveram acesso ao lazer, um lazer que distrai sem alargar o espírito ou a sensibilidade, e sem permitir o desabrochar criador de aptidões espontâneas do indivíduo, consequência da falta de programação adequada para o lazer de massa.

A moral do trabalho da "antiga" classe média foi substituída na sociedade dos empregados por uma ética do lazer. Hoje o trabalho é julgado em termos de valores de lazer. A alienação do trabalho significa que as horas mais ativas de uma vida são sacrificadas para ganhar o dinheiro com o qual se "vive". Isto implica que, se o homem deve buscar todos os valores importantes fora do trabalho, deve ser sério enquanto trabalha. O lazer passa a significar uma liberdade em que falta o aspecto sério, em oposição à seriedade autoritária do trabalho.

Assim como a esfera do trabalho perde significado e deixa de determinar a direção interior e o ritmo de vida, também a comunidade e os círculos de parentesco perdem seu papel de "fixar o homem na sociedade". Para o antigo artesão, trabalho e família coincidiam; antes da Revolução industrial, o lar

e a oficina eram uma coisa sô. Uma das conseqüências da divisão do trabalho é a de tirar o trabalhador do lar, criando uma segregação entre vida profissional e vida familiar. Isso significa, em geral, que o trabalho se torna um meio de sustento do lar, e que o lar se torna um meio de refazer o trabalhador para que ele volte às suas atividades profissionais.

O quadro da existência não é mais fixada pelas instituições tradicionais. As comunicações de massa substituem a tradição. Deixado assim à deriva, o homem metropolitano busca uma nova ancoragem nos espetáculos esportivos, nos ídolos divulgados pelas comunicações de massa e outros mecanismos de diversão.

Assim temos, diante da concepção de vida de grande parte da população, fundada na oposição trabalho-lazer, as atividades da indústria do lazer e a concepção funcionalista que rege toda a formulação dos recursos da cidade, determinando um agravamento do quadro lazer-alienação pintado acima; a alternativa que se apresenta seria a programação do lazer, isto é, apresenta-se a necessidade de planejar e equipar os logradouros públicos de modo que os cidadãos, por intermédio dos equipamentos e da programação, possam desenvolver atividades de grupo - jogos, atividades criativas

e culturais programadas, etc. - que lhes permitam desenvolver o espírito e seu potencial criativo e crítico, e intensificar a troca de informações e idéias, gerando uma atividade cultural popular também intensa.

Municípios têm vida difícil com autonomia reduzida

Rio espera mais créditos e recursos a fundo perdido

Gastos do Rio podem exigir fundo especial

O Prefeito Marcos Tamoyo pedirá aos Governos estadual e federal a criação de um fundo especial extra-orçamentário, para cobrir os gastos com os setores de Saúde, Obras e Educação, caso a Prefeitura do Rio não seja autorizada pelo Senado a aumentar o seu limite de endividamento no exercício de 1977.

Os municípios sempre perdem

Em 1891, os municípios estavam sujeitos apenas ao que determinassem as legislações de cada Estado. E eles, teoricamente, eram obrigados a assegurar sua autonomia em tudo quanto se referisse "ao seu peculiar interesse", dizia a primeira Constituição da República. Na prática, houve Estados que entenderam ser do "peculiar interesse" dos municípios ter seus prefeitos nomeados, por exemplo.

Nessa época, a estrutura tributária nacional se baseava nos impostos pagos sobre a importação e a exportação de produtos, o primeiro pertencente à União e o segundo aos Estados. Aos municípios restava o que lhes fosse destinado pelos Governos estaduais. E isso, na maioria dos casos, representava muito pouco.

MORALIZAÇÃO

Rio e São Paulo reclamam por mais recursos

O orçamento da Prefeitura do Rio para o próximo ano não chega à metade do paulista — Cr\$ 6 bilhões 490 milhões contra Cr\$ 13 bilhões 980 milhões — embora a população de São Paulo, segundo o IBGE, seja apenas 1,5 vezes maior que a carioca. No entanto, a comparação, para ser válida, deverá levar em conta os encargos das duas Prefeituras.

A carioca não competem, por exemplo, encargos onerosos como a construção do metrô, as grandes obras viárias e o trânsito, que são assumidos pelo Estado, enquanto em São Paulo correm por conta da Prefeitura. Há nas duas cidades igual empenho dos Prefeitos em reclamar maiores recursos frente aos problemas que lhes competem resolver. (Pág. 5)

Presidente examina hoje os cortes nos gastos públicos

VII PONTO DE ENCONTRO

Atualmente, com a "modernização" do equipamento urbano, nos nossos grandes centros, o bonde encontrou seu equivalente no ônibus; a feira livre e a quitanda no supermercado; o botequim na lanchonete; a cadeira, à beira da calçada, na televisão; a casa no apartamento; as relações sociais primárias nas secundárias. O que observamos na realidade, é a extinção de uma coleção de "objetos" que pertenciam a um tempo em que o cidadão se servia de bens que lhe favoreciam os contactos interpessoais. O modo de produção atual requer uma maior rapidez, maior fluidez e produtividade: - "Que bom que agora (há) um lugar onde eu possa comer em dez minutos, porque assim sobre algum tempo para descansar". - Eu sirvo as refeições rápidas pois isto permite maior rotatividade da freguesia". "É esta a nova realidade, é este o nível de adaptação perante ela. A vida corre, é preciso acompanhá-la.

De fato não adianta propor novamente antigas formas; os tempos são outros, e além de uma nova e crescente demanda dos modos de produção, outros tipos de relações sociais (secundárias), acompanhadas de uma cultura urbana (mesmo mitificada) produzem, por sua vez, novas formas ecológicas, o mito do moderno.

O que poderíamos dizer da mudança que determinou que o botequim virasse lanchonete, ou um bonde, um ônibus? Em termos de relações sociais, o que atendem além de significar mitos modernos. Para onde vai hoje a necessidade da troca de informações a nível interpessoal, facilitadas pela concentração de pessoas, num determinado espaço físico? Não acreditamos que já nos encontremos na mesma situação dos ratos do Dr. Pavlov. Vale aqui um exemplo específico (mas talvez nem tanto):

O público hoje sabe que os supermercados têm reposição diária de vegetais e preços equiparados, porém, mesmo assim, ocorre às feiras-livres, apesar de várias administrações terem tentado extingui-la; o público a reverencia, apesar das perturbações que provoca no trânsito, da sujeira e da dita "roubalheira" dos feirantes. O que o consumidor da feira procura? Quem sabe uma comunicação, em vários níveis, impossível no supermercado; ou até barganha, o pedido de capricho, os grupos de donas-de-casa, enfim, o acontecimento.

Os meios de comunicação alargaram as fronteiras: um cidadão médio, em poucos segundos, pela T.V., pode estar em Marte, talvez, porém, ele nem saiba o nome do vizinho do apartamento contíguo ao seu. O poder de abstração desenvolvido pelo

homem urbano, o estabelecimento de relações humanas em níveis bastante limitados e distantes, a verticalidade, sem espaços vazios, apagou a noção da profundidade e a percepção do bairro enquanto espaço e corpo social. O homem urbano moderno detém um fardo de informações de âmbito universal, coisas sobre as quais dificilmente terá poder ou influência direta; perdeu porém o sentido de grupo, do conhecimento do seu espaço, sobre o qual pode atuar e influir, no qual se encontram seus reais problemas, de seus amigos, conhecidos, enfim, de seu território.

PONTO DE ENCONTRO?

O ponto de encontro cumpre, dentro da metrópole, objetivamente falando, uma função bastante determinada, dada a sua capacidade de melhorar as relações humanas, o favorecimento do encontro, as relações primárias, o contato face a face, a comunicação inter-humana, hoje em dia escasseando nas nossas metrópoles. O remédio mais democrático, que poderíamos pensar para o equilíbrio mental da metrópole, sem contra-indicações, é a instituição dos pontos de encontro.

Sabemos que a saúde mental é determinada pela natureza e a qualidade das relações inter-humanas.

O maior perigo da vida urbana moderna é a sua ação de rompimento das relações humanas, gerado pelo modo de vida e relações de produção desenvolvidos no seio dessas metrópoles.

Uma imagem bastante representativa da situação urbana moderna podemos ver nas palavras do poeta Mário Quintana: "o mais feroz dos animais domésticos, é o relógio de parede. Conheço um que já devorou três gerações da minha família." Agora estão devorando as cidades.

Em Caracas, onde é notória a ausência de espaços para o lazer, foi proposto um "eixo de encontro" de quinze quilômetros, integrando transporte, uso do solo e recreação concentrada linearmente ao longo de um boulevard, pequenas praças, play-grounds, espaços esportivos, cinemas, salas de estudo, e até a universidade.

Os efeitos colaterais do remédio "encontro" costumam ser sentidos numa atividade criativa e no desenvolvimento de intensa atividade cultural popular. É muito comum vermos esta atividade, o encontro, gerada por um impulso natural do homem, sendo desenvolvida mesmo a partir de espaços e objetos, inconvenientes como ponto de encontro: pedestais de estátuas, hidrantes, caixas de lixo, postes, portas de bar e, principalmente, a esquina tradicional, um dos mais utilizados pontos de encontro, apesar da poluição sonora e atmosférica

das avenidas. Será que a utilização destes espaços e objetos denunciam e apontam o "lugar da falta"? A extinção dos pontos tradicionais e naturais, que pertenciam a outro tempo, implica a necessidade de se planejar e programar os pontos de encontro. Todo o equipamento urbano deve facilitar o encontro; a praça, porém, se presta primariamente a isso, espaço que permite que se programe atividades de grupo visando à comunicação. Os parques e os novos pontos de encontro têm que ser ocupados pela população. O planejamento evita que eles se deterioresem por falta de estrutura de animação responsável, já que esta pode ser suprida pela programação sistemática de atividades culturais, recreativas, motivações estas que tenham por cenário o espaço urbano, fundamentais para o envolvimento total da população por aquilo que está sendo executado e pensado.

Esses pontos de encontro devem ser projetados de modo a atender às necessidades do individual e do coletivo, mas principalmente da unidade mínima de grupo - dupla, casais - passando por grupos médios, até os mais numerosos; no caso das crianças e dos grupos "regionais". Esses últimos, migrantes, se organizam em reuniões em que se reproduzem atividades típicas

de sua região natal, pelas quais eles tentam preservar suas raízes culturais, manter suas coordenadas. São encontros semanais normalmente desenvolvidos em praças e feiras, é o grupo dos conhecidos "Paraibas".

O ENCONTRO DE QUEM?

Os lugares que o homem frequenta e usufrui, além de terem funções primárias, tais como: emprego de mão-de-obra, transporte, abastecimento, habitação, etc., podem e devem estimular o encontro, a troca de informações. Lugares como praças, praias, e outros, têm como função primária, o encontro.

Podemos classificar o ponto de encontro em três categorias, que dependem, principalmente, das intenções de quem a eles acorrem, da sua localização em relação ao lugar em que seus frequentadores se estabelecem, e a classe a que seus frequentadores pertencem; e menos das características físicas deste ponto:

1. Fortuito: um ponto de encontro em potencial; as pessoas o utilizam como tal, espontaneamente; são lugares, em geral, de circulação; implicam movimento regular, rotatividade dos seus usuários.

Evidentemente, acabarão existindo presenças regulares, em princípio por questões de proximidade do trabalho ou

da moradia dos usuários. Uma outra presença regular destes pontos, além dos acima citados, é a figura do "biscateiro", do indivíduo que faz do encontro fonte de renda, por não dispor de um escritório ou infra-estrutura, utiliza o logradouro público como ponto de contato com possíveis fregueses.

Muitos dos usuários destes pontos, para o encontro, são de classes de baixa renda, portanto, de alta mobilidade, tanto na moradia, quanto no trabalho; esse grupo de pessoas é muito mais afeito ao tipo do contato fortuito. Suas amizades, assim como sua casa e seu trabalho, tendem a ser bastante diversas e mutáveis, consequência da instabilidade de sua fonte de renda, o que determina uma certa rotatividade dos usuários.

É muito comum, nestes pontos, também a figura do solitário, aquele que utiliza estes locais para, mesmo em sua solidão, estar de alguma maneira próximo das pessoas.

Na zona norte da cidade, nos subúrbios, proliferam os pontos de encontro fortuitos, dado seu menor ritmo. É comum a utilização das ruas mais tranqüilas como campo de futebol, pista de bicicleta, "garrafão", pique; ou a calçada como ponto de conversa, jogo de cartas, damas, dominó, até mesmo para um churrasco próximo ao botequim;

terrenos baldios, etc.

Na zona sul e centro se faz muito mais necessária a programação destes pontos, dado o excessivo ritmo de circulação de pessoas e veículos, demasiados estímulos sonoros-visuais, entre outros nocivos, além de outros fatores que determinam a diminuição dos espaços que ainda restam.

2. Determinados ou combinados: implicam certa combinação, objetiva, anterior; são, geralmente, lugares distantes da moradia ou do trabalho dos usuários; os encontros aí são menos freqüentes. São, normalmente, ocasiões mais especiais, que implicam a escolha de determinada praia, determinado bar, festa, etc. Esses locais, porém, conservam as características de uso público, democratizados até certo ponto.

3. Fechados: manifestam-se principalmente nas atividades sociais da classe média e alta. Por terem um círculo de amizades, moradia e trabalho mais estabelecidos, é muito comum a utilização da própria casa como lugar de encontro, ou mesmo um clube. Os clubes são fechados por natureza; eles reproduzem os extratos sociais com bastante fidelidade. A recepção, na própria casa, nem sempre significa penetrar em sua privacidade, de vez que ela dispõe de uma organização que prevê um espaço especial para

esta atividade.- os espaços de estar. Já na casa do proletário, isso implica uma maior intimidade significando muitas vezes um acontecimento cercado de certa grandeza, porque a casa humilde não dispõe de inúmeros armários embutidos para guardar da vista visitante seus objetos de não exposição, que sobram dos guarda-vestidos; é muito comum a utilização da cozinha como área de estar.

A instituição dos lugares fechados é característica das classes altas, sendo que a classe média tenta reproduzir estes signos de status, deixando de usufruir os pontos de encontro fortuitos, excetuando-se desse grupo as crianças e os velhos.

Os encontros fortuitos e aos determinados, ou combinados, por se darem com grande freqüência em locais públicos, e por serem os que encerram uma relação humana mais sadia e rica, são os que mais visamos, como objeto de estudo, como exemplos práticos e também como objetos principais de nossa leitura fotográfica.

PONTOS DE ENCONTRO E COMUNIDADE

O sentido de comunidade, um sistema de relações pessoais muito definidas baseadas na cooperação, no sentido tradicional, original de outro espaço e outro tempo, tem no meio industrial-urbano o seu sentido

"adaptado" para o "grupo de vizinhança" (é o caso da definição de favela como comunidade), que não envolve nem implica nenhum sentido comunitário, já que o funcionamento do sistema, baseado num espírito competitivo, impede que as pessoas envolvidas estabeleçam relações sólidas, estáveis e significativas, situação esta agravada nas classes de baixa renda e grande instabilidade no emprego.

O processo de urbanização-industrialização coloca à disposição do indivíduo "esquemas referenciais" de natureza muito diferente das relações comunitárias. Segundo o sociólogo Luiz Antonio Machado da Silva, estes novos esquemas podem ser agrupados em torno de dois polos. Trabalho (sindicatos, política, etc.) e consumo (símbolos que orientam o consumo de massa).

O principal frequentador dos pontos de encontro fortuitos, o cidadão de baixa renda, está estruturalmente impedido de participar dos dois esquemas postos acima, por motivos óbvios. Existem, também, fortes empecilhos de natureza cultural, de origem rural e da situação de classe, no que diz respeito ao entendimento e aceitação dos apelos e da maioria dos símbolos que orientam o consumo.

Os pontos de encontro fortuitos, (o sociólogo Antonio Machado, demonstra-o no caso do botequim),

preenchem a lacuna aberta pelo sistema urbano-industrial nas organizações de sustentação do indivíduo, no que se refere a um sentido para a vida. O ponto de encontro fortuito - tem condições de conceder o sentimento perdido de comunidade. Ele cria profundos laços comuns entre as minorias que se utilizam dos diversos pontos nos vários horários. Mesmo os conflitos são controlados sem necessidade de fórmulas impessoais e de modo sempre ameno. A competição se mantém em nível pouco explicitado e aceitável. E, finalmente, dependendo do tipo de atividade desenvolvida, esta pode atuar como fator de liberação da consciência de inferioridade gerada nas classes pobres.

Em termos ideais, a comunidade tradicional basta-se a si mesma, é um sistema fechado, "ela é o mundo". Os pontos de encontro, pelo contrário, estão inseridos no meio urbano, são parte integrante do sistema de mercado. O tipo de relações sociais que se desenvolvem nos pontos de encontro permite que surja um sentimento de comunidade, porém, com roupagem nova: O "mundo" é a cidade, o sistema urbano-industrial. Assim a "nova-comunidade" se transforma numa ótica que contribui para dar sentido àquele mundo, interpretando-o. Além disso, como parte do micro-cosmo do

ponto de encontro, que por sua vez faz parte do mundo, o usuário sente-se integrado e participante do todo mais amplo, o mundo. Ou seja, ao mesmo tempo que é defesa contra o macro-cosmo incompreensível é a forma de conquistá-lo. O ponto de encontro significa a tentativa, o esforço de participar (no caso dos cidadãos de meia-idade em diante; os jovens já se integram melhor ao novo sistema pois são filhos dele) de um universo novo por parte de certos grupos desamparados pela ruptura dos esquemas referenciais da "sociedade tradicional".

O ACASO E O DESCASO RIO DE JANEIRO

O novo Rio, dos balcões substituindo as cadeirinhas do bar, dos nós viários no lugar das pracinhas, dos edifícios no lugar das casas, esta grande metrópole, com seus dez milhões de habitantes, está pagando o preço do caminho do desenvolvimento pelo qual optou.

A ex-cidade maravilhosa hoje assiste ao extermínio do que foi a base do seu bom-humor e criatividade, de suas possibilidades enquanto potencial de comunicação, ao fim das áreas onde a população exercitava e trocava "piadinhas".

As autoridades cariocas, demonstrando sensibilidade para

o problema e consciência de que uma atividade de lazer se presta também como uma peça de infraestrutura necessária, tornando suportável o dia-a-dia do carioca, destinaram uma verba de 68 milhões e 500 mil cruzeiros, criando a Divisão de Recreação e Lazer que promove encontros de criatividade, recreação esportiva e um pouco de teatro e música nas praças e parques mal-aparelhados, que se encontram sob o encargo da Diretoria de Parques e Jardins, que procura satisfazer a problemas estético-formais, de circulação e de limitação de recursos.

É bastante comum notar-se, principalmente na zona norte, a ocupação e transformação de terrenos baldios, fundos de igreja, em áreas de lazer; nos subúrbios, tudo se improvisa, é comum nas praças ocupadas por automóveis a improvisação de brinquedos e a utilização de sombras pelas crianças que, senão, teriam de se limitar a sentar nos raros bancos de concreto ou rolar pela grama seca, entre os restos dos despa- chos de macumba da noite anterior. Os grandes jardins do tipo da Quinta da Boa Vista, ou estão em péssimo estado de conservação, ou se transformaram em depósito de material das obras públicas, como é o caso do Campo de S.Cristóvão.

É muito comum também a

transformação das praças em terminais de linhas de ônibus, ou o completo abandono.

A zona sul se defronta com a falta crônica de espaço, áreas verdes e de equipamento adequado. O Parque do Flamengo, que reúne boas condições de encontro e lazer, foi elaborado principalmente como via de escoamento de trânsito, sendo cortado por duas pistas de alta velocidade, e se prestando à utilização como paisagem para automobilistas, o que, apesar disto, não impede sua intensa utilização para jogos e lazer.

Resta ao habitante da zona sul as praias, cada vez mais poluídas e superpovoadas.

As instituições e atividades culturais enfrentam os mesmos problemas de falta de recursos, imediatismo e desorganização dos outros setores.

Afora o equipamento público, restam o cinema, o teatro, os bares, etc., que são privilégio de poucos, que podem arcar com a transformação do lazer em fonte de renda, em atividade lucrativa, que viabiliza numa estrutura capitalista a atividade do lazer, primordialmente não lucrativa, colhendo as preferências e as vantagens do crediário a T.V.

O EQUIPAMENTO DE ENCONTRO

O encontro, ação que pode começar com um simples "encontro", o "choque" fortuito ou intencional entre duas ou mais pessoas, necessita de um equipamento que ajude a configurar um espaço que provoque este "choque"; um espaço onde os contatos sejam facilitados e até estimulados pelo equipamento, que forma um meio propício à comunicação, em diversos níveis e sob diversas formas, um meio que, do número mínimo de elementos necessários ao encontro, isto é, dois elementos, ao número que forma um grande grupo, permita o desenvolvimento das relações sociais e as atividades que forem geradas a partir destas relações e que viriam a intensificar essas relações. O namoro, o papo, o jogo, teatro, o pique, o futebol, etc., implicam cantos, bancos, mesinhas, palcos, grandes e pequenos espaços, muitos e poucos lugares, campos e coretos, etc., que, de acordo com as necessidades, atendam às determinações do ato.

Os bancos de praça, ao invés de lineares, retos, e fragmentados, deveriam serpentear por toda a praça, formando grandes e pequenos espaços, nos quais se desenrolam, segundo sua adequação, algumas atividades determinadas, gerariam a possibilidade de as pessoas se colocarem em posição de

"choque", na dimensão do olhar e da palavra, ao invés dos atuais arranjos "de banda", da dissimulação do contato. O fenômeno é o mesmo observado nos atuais balcões de lanchonete, que favorecem ao lanche calado, em oposição ao papo de bar favorecido pela mesinha com quatro ou quantas mais cadeiras necessárias.

Os novos espaços, frios e vulneráveis, sob pressão dos materiais "novos", das lâmpadas de mercúrio e do rugido das artérias de circulação, não favorecem a tranqüilidade e o aconchego necessários ao encontro.

Que tal se o espaço das crianças, ao invés de ser atulhado de brinquedos que atendem a uma faixa etária muito determinada, afeita aos movimentos mecânicos, e que por falta de opção atendem também aos demais grupos, fosse organizado de modo que se pudesse "escalar uma pirâmide", se esconder em labirintos, cavalgar em grandes troncos, atender às atividades de grupo, jogos criativos, etc.?

Talvez se possa planejar o "uso do solo" por idades, levando-se em conta o lugar e os grupos de freqüentadores: lugares para conversa adulta, esportes, brinquedos para crianças, jogos de salão, espaços aconchegantes para casais e lugares comuns como um espaço cênico, que pode virar espaço musical, pistas de dança, etc. Enfim, devemos pensar num

equipamento de encontro, por intermédio dos quais os homens se relacionem, se comuniquem.

Novos Tempos e Contratempos

A adoção de um outro modo de vida e o aumento da população determinam a mudança das características - e conseqüentemente a qualidade - de alguns dos espaços do cotidiano urbano, tais como: transporte, moradia, lazer, etc. Por exemplo: no Rio, exatamente na hora do rush, os usuários de ônibus e trens, que fazem longos percursos, cada vez mais demorados, fazem-no de pé, sob barulho, trepidação e calor excessivos; o excesso de passagens, fechados num espaço limitado, obriga-os a um contato quase íntimo, apenas separados pela roupa e pelo suor.

A viagem cotidiana casa-trabalho torna-se um imenso funil, um imenso compressor de seres humanos em latas, os quais, sob efeito de tantos transtornos, se vêem impedidos de exercer qualquer tipo de atividade ou relação. Essas pessoas são transportadas através do tempo (nulo), sendo para isso necessário que suas identidades sejam desintegradas, tal como em ficção científica, o desintegração das moléculas para o transporte através do tempo. Poderíamos chamar esse intervalo

casa-trabalho de "inter-tempo", quando opera a inatividade, as expressões são de espera e a violência tem vida latente.

O que se nota no bonde, transporte tradicional do Rio, enterrado pelo mito do rodoviário e da explosão da indústria automobilística, é que ele, talvez por ser aberto, salvaguarda seus usuários dos inconvenientes da alta temperatura, do "sufoco". O passageiro não é retirado da realidade à sua volta, tanto a externa (a paisagem, a circulação), como a interna (outros passageiros, com os quais é perfeitamente possível relacionar-se); porém, atualmente o bonde, no Rio de Janeiro, só resiste em Sta.Teresa, um bairro de baixo índice de poluição sonora e atmosférica. É quase certo que o bonde aberto, física e socialmente, seria imensamente desagradável na atual Av.Rio Branco.

Em que uma casa com varanda e quintal favorece mais a comunicação e o desenvolvimento de um sentimento de grupo, se comparada a um apartamento? Podemos pensar, a princípio, que o fato de abrir-se as portas de uma casa para uma recepção ou visitas não causa tanto transtorno aos vizinhos quanto num prédio de apartamentos.

Não se faz necessário uma ordem muito rígida numa moradia unifamiliar, ao passo que um edifício implica uma série de normas e regras que ordenam o ambiente, tentando individualizar e

e demarcar os limites de um espaço coletivo.

O apartamento não tem a varanda, o espaço da casa que fica do lado de fora, um espaço intermediário e informal, das pessoas sentadas na mureta e no chão, à beira da calçada, próximo de quem passa. O apartamento elimina também o quintal - quando muito substituído pelos play-grounds, atendendo antes a um fator de segurança das crianças - os fundos da casa, o espaço íntimo e descontraído, cenário das "festas" domingueiras.

Quanto aos espaços livres de uma grande cidade, podem ser usados de várias maneiras; podem ser utilizados como refúgio para aquele cidadão cansado de imenso movimento e ruído de centro urbano. É possível criar-se este abrigo, usando-se soluções tais como rebaixar o nível da praça ou parque, usar cercas vivas ou um anel de árvores para, posteriormente, completar o isolamento. Logicamente é necessária a complementação destes espaços com um equipamento de acordo com os grupos de frequentadores. Poderia-se denominar esse espaço livre espaço de estar e lazer.

Por outro lado, esse espaço livre pode ser usado apenas como nô viário (podemos observar isto com bastante frequência), isto é, como um espaço que

distribui e direciona a circulação de um centro.

Existem ainda os espaços livres de bairro, que podem ter seu uso viabilizado pela prefeitura ou pelo próprio grupo de vizinhança, a partir de suas reais necessidades e do espírito improvisador, que pode dispor de material de baixo custo como a utilização de sucata e lixo industrial.

PONTOS DE ENCONTRO E LAZER

"Os Poderes Públicos devem assegurar a prática efetiva do lazer, baseado na escolha pessoal, contribuindo com leis e orçamentos para os investimentos necessários, assim como a criação de estruturas adequadas e estimulantes à animação e formação de pessoal, devendo igualmente evitar a exploração do lazer, gerador de falsas necessidades incompatíveis com a liberdade criadora e a dignidade do homem". Trecho da "Carta de Lazer", redigida no II Congresso Mundial do Tempo Livre e seu Aproveitamento, realizado em abril deste ano, com a participação de quarenta e dois países, entre os quais, o Brasil.

"Lazer é uma das necessidades básicas do ser humano, apenas mais aguçada nos nossos dias pelo ritmo veloz, as tensões, a insegurança do mundo moderno e não, como querem alguns,

preocupação característica da sociedade industrial, que a ela recorre para contrabalançar a mecanização, a rotina e a impessoalidade da linha de fabricação em série".

"A sociedade industrial, porém, ganha cada vez mais terreno, as cidades se avolumam e se alastram, devorando o campo e fazendo acelerar-se de forma pouco tolerável o passo da vida. Os anos passam, a emigração continua a engrossar os aglomerados urbanos, o comércio prospera e se diversifica, os costumes vão mudando. As árvores continuam a ser derrubadas para dar lugar a mais edifícios e automóveis, num afastamento sempre maior da natureza. No seu permanente atropelo, o lazer vai sendo consumido pelas enormes distâncias e pelo "apinhamento" no transporte de massa. Todo esse corre-corre e a desfiguração da paisagem com letreiros e cartazes, toda a poluição impiedosa do meio e a destruição insensata dos recursos naturais vão machucando os nervos, feridos ainda pelo bombardeio de luzes e sons da cidade, com a sua propaganda incansável. Esta agressão contínua, aliada à mudança social acelerada, cria dificuldades. A cidade cansa e o lazer surge como tábua de salvação".

- Ethel Bauzer de Medeiros, vice-presidente da Associação Mundial de Recreação e Lazer - ONU -.

"Quanto mais a palavra foi sendo usada e virando moda, mais o lazer foi sumindo das nossas vidas". "O que é o lazer, afinal? É jogar pelada no fim de semana? É ir à praia e torrar-se ao sol? É assistir a um jogo no Maracanã? É fazer fila para comprar ingresso e finalmente conseguir assistir aos concertos do ciclo Bach na Sala Cecília Meireles? Talvez seja tudo isso ou um pouco de cada coisa, mas talvez, também nada disso constitua lazer. Eu diria que lazer é o momento em que o homem se justapõe a si mesmo e se converte no centro do mundo, encontrando sua alegria. Isso pode acontecer marcando um gol numa pelada".

"Na verdade, o Rio, já foi uma cidade lúdica, mas parece que perdeu a sua vocação. E não perdeu por falta de praças ou programação cultural mais intensa, ou mesmo por carência de providências oficiais que fizessem o povo divertir-se mais".

Vale aqui um parêntese a respeito da atitude do governo (Secretaria de Edificações do Estado e do Município e Diretoria de Parques e Jardins etc.) quanto às atividades e lugares para lazer. Atitudes têm sido tomadas, mas resta saber se na direção certa e com objetivos corretos; parece muito mais que existe uma preocupação com uma atuação festiva, inaugurações, véspera de eleições..., vide a "nova" Cinelândia, tentando camuflar

a destruição da verdadeira cinelândia e de um tipo de relação que se estabelecia ali. E os "Dias de Criatividade", festivais coloridos para crianças, que acontecem uma vez em cada praça carioca, dando o gosto de uma atividade criativa a crianças carentes disso, para voltar não se sabe quando, talvez, jamais. O mesmo se dá com os teatrinhos, cinema na praça, etc., que, por características da efemeridade, essas atividades artísticas, criativas de lazer e discussão, são totalmente esvaziadas.

"Deixaram ou fizeram com que o Rio se desviasse de sua vocação lúdica para convertê-lo numa megalópole despersonalizada. O lazer do Rio, desapareceu quando assassinaram o carioca, soterrado pela especulação imobiliária e por um desenvolvimento míope". - Paulo Afonso Grisolli, Diretor do Departamento Estadual de Cultura.

Nireu Teixeira escreveu: "O Lazer é nosso velho conhecido. Aliás, sua família é bem conhecida. Ele é filho da Alegria, com um italiano gordo, de colete e vastos bigodes, chamado Dolce Farniente. Seu irmão mais velho é um socialista notório, o Descanso Semanal Remunerado. Seu irmão mais moço é o Ócio. Não trabalha e por isso pensa. E pensando, preocupa um pouco as autoridades constituídas.

Sua irmã, a Preguiça, é a vergonha da família, pois, sendo solteira, é a mãe de todos os vícios. Porém é mãe e, sendo mãe, temos de respeitá-la. O Lazer deu o golpe do baú, casou-se com uma senhora muito rica, que torce pela TFP, dona Abastança. Tiveram um filho único, o Turismo, que usa e abusa do dinheiro da mãe. É muito viajado e péssimo caráter. Mas nós já estamos de olho nele".

- Nós também.

ARREPENDIMENTO: QUEREM DE NOVO O BONDE

Rio de Janeiro, ao meio dia

Um desastre da cidade grande: comer depressa

JESUS ROCHA

A rapidez com que se engole a comida é um dos maiores desastres da cidade grande. Nosso povo já come mal, normalmente. Comendo depressa e sob tensão, o problema assume dimensões perigosíssimas. Com efeitos maléficos que se observam não só no plano físico mas também, e sobretudo, no psicológico. Até nas competições esportivas vemos isso. Nas Olimpíadas, só os povos bem alimentados levam a melhor, com esporádicas exceções.

As palavras são da equipe de nutricionistas do Hospital de Clínicas da UERJ. E tomam por base principalmente a "hora do almoço" de operários e funcionários cariocas.

Quase todos os entrevistados, nesta matéria, falam de seu almoço como se fosse um problema, uma tarefa a ser cumprida a duras penas. Dentro do prazo previsto por Lei: uma hora.

Ovidio Gomes da Silva Filho, 33 anos, casado, dois filhos, engraxate na Rua do Rosário, centro. Trabalha das 7 às 18h. Mora em Cosme, depois de Campo Grande.

— Almoço aqui mesmo, trago marmitta. Arroz, feijão e um pouco de carne, sempre que posso. Levo uns 10, 15 minutos, porque tenho que esquentar um pouco, não gosto de boia fria. Ganho uns 60 cruzeiros quando o dia é bom. Levanto às 5. Venho e volto de trem.

Fidélis dos Santos, 55 anos, 5 filhos, mora em Bangu. Levanta às 4 para chegar às 7, na construção onde trabalha (como servente de pedreiro).

— Trago marmitta, com feijão, arroz e angu. Às vezes, carne. Em casa, só eu trabalho. Cinco filhos e mulher não é brinquedo. Graças a Deus agora não pago aluguel. Consegui um barraco. Tenho uma hora pro almoço. Acho que é tempo suficiente. Na verdade, eu como em 10 minutos.

— É pouco (— o tempo? —).

— Não, a comida.

ENCONTRO
DE AMIGOS

LAZER NO RIO

Um problema sério na cidade que já foi maravilhosa

A FESTA NAS PRAÇAS QUE AINDA EXISTEM

Hoje de manhã, na Praça Rio Grande do Norte, no Engenho de Dentro vai haver circo do Carequinha e teatro de fantoche do Grupo Quebra-Cabeça; à tarde, das 16 às 18 horas, show musical, com Trio Iraquitã e Grupo Família, na Praça Nossa Senhora do Amparo, em Cascadura.

Domingo, das 14 às 18 horas, na Praça do Aviador (Vila Aliança, em Bangu) o teatro de fantoches de Pedro Domingues, teatro infantil com o Grupo Carroussel, Circo do Carequinha e choro, com o regional Galo Preto.

Que festas e que praças são estas?

No Rio, que parece correr desenfreado para se tornar uma megalópolis insensível e desumana, a Divisão de Recreação e Lazer do Departamento de Parques e Jardins realiza um programa silencioso, de diversão, cultura e esportes em praças e outros locais de reunião públicos, que eram 15, em julho, e já são 36.

Se essa programação ainda não tomou conta de todas as praças e parques do Rio é porque a maioria delas não tem áreas livres, para que os espetáculos não destruam os poucos jardins. O lugar ideal e único na cidade é o Parque do Flamengo, mas o programa exige mobilidade.

Em menos de um ano, já foram oferecidos 79 espetáculos, com presença de 6 mil 891 crianças. A praça mais concorrida foi a Ari Barroso, na Penha, seguida da Quinta da Boa Vista. Mesmo sem qualquer divulgação, tem acontecido de a simples chegada da equipe da Divisão de Recreação e Lazer reunir em torno de si um grupo de pessoas, que se amplia à medida que o espetáculo avança.

Quando termina a festa, as crianças são as primeiras a pedir que os artistas voltem na semana seguinte. Num espetáculo realizado recentemente na Vila Kennedy, integrantes da associação de moradores auxiliaram, oferecendo suas casas e até alimentação aos artistas.



Em plena rua, na área de lazer

Aos domingos, uma nova área de lazer: a Rua Pernambuco

Os moradores da Rua Pernambuco, no Engenho de Dentro, em abaixo-assinado, pediram ao Detran a liberação daquela rua para a instalação, aos domingos e feriados, uma área de lazer. Depois de 35 dias de espera, eles ontem realizaram o sonho de muitos anos: ver as crianças pedalando bicicletas, os adolescentes envolvidos com as exigências de uma ginástica benéfica e as senhoras sentadas em cadeiras na calçada, numa festa que começou às 8h.

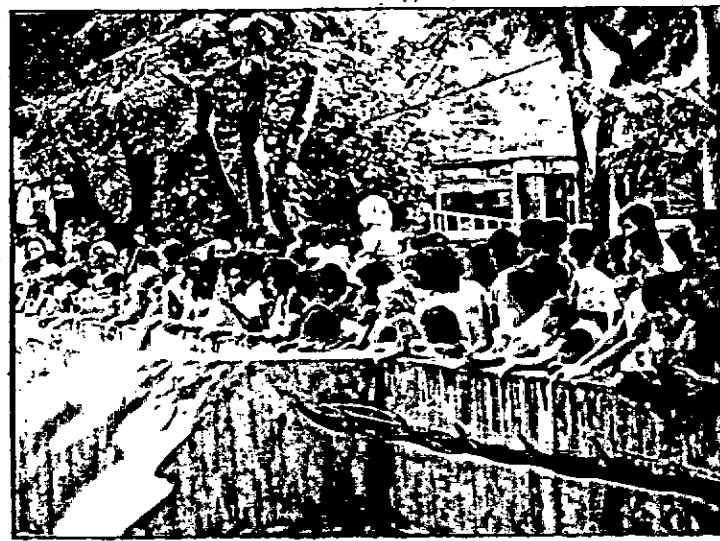
Um caminhão de transporte de mudança isolou a esquina da Rua Pernambuco com Adolfo Bergamini, porque, segundo o organizador da área de lazer, engenheiro Pedro Gonçalves, o Detran não forneceu os cavaletes de isolamento; só afixou as placas informando interdição do local.

De manhã, uma banda com 28 componentes da Polícia Militar executou marchas e hinos, seguindo-se competições esportivas, de vôlei e futebol (os moradores transportaram bolas e redes para a pista). Mais tarde, houve uma prova de resistência sobre patins e corridas de velocidade. Mas foram as bicicletas que mais mobilizaram os jovens: cerca de 1 delas apareceram em constante evolução, no limite da área, a Rua Monsenhor Jerônimo.

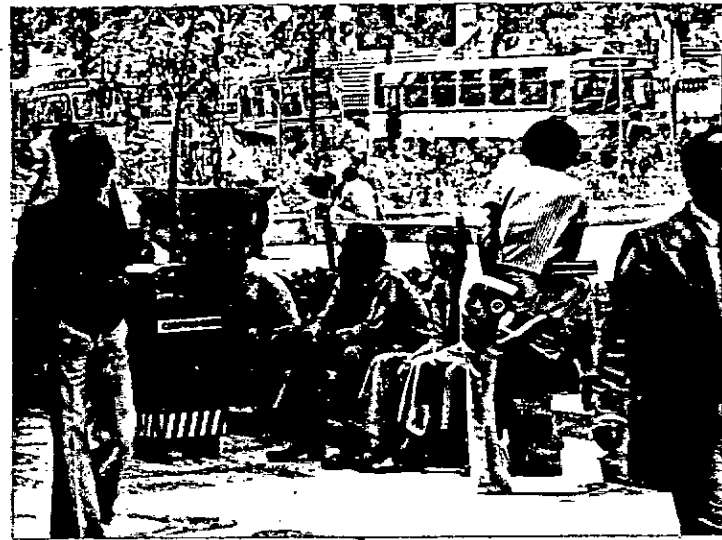
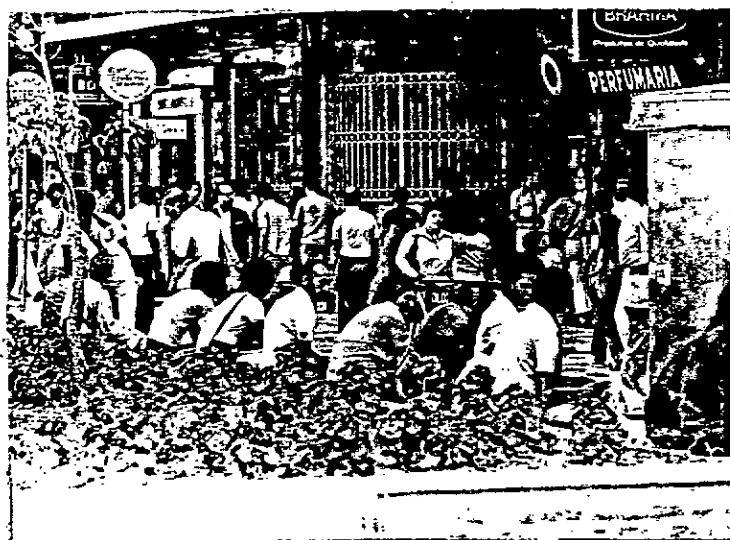
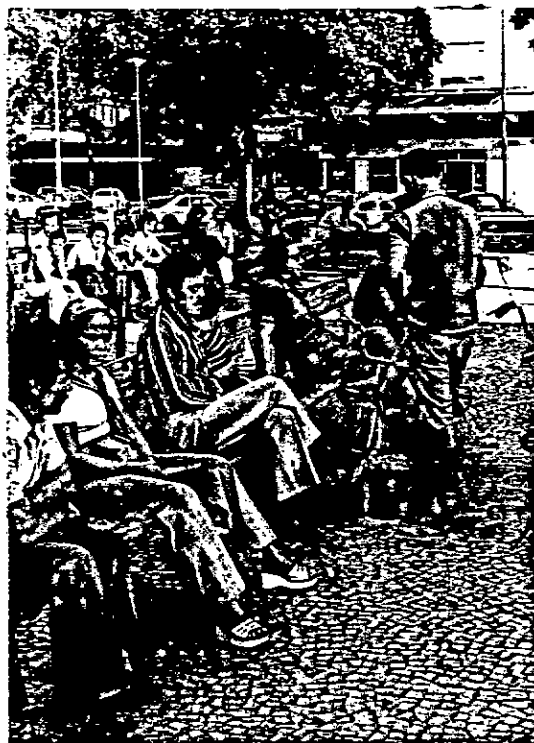
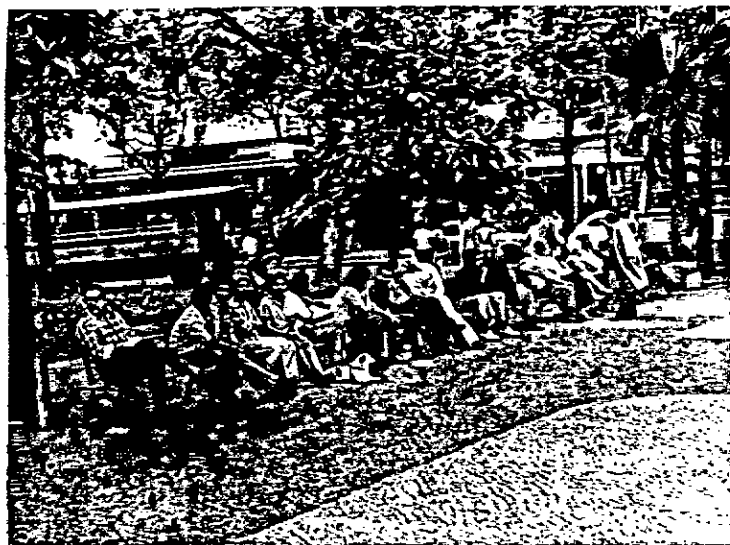
A tarde, a rua, decorada com pequenas bandeirinhas, ficou atenta à gincana juvenil. Entre as tarefas impostas aos cinco grupos participantes, estavam o fornecimento de cinco quilos de batatas, arroz ou macarrão, que serão doados a instituições de caridade; a cessão de sapatos usados em condição de serem aproveitados; e a apresentação do homem mais alto e gordo do bairro.

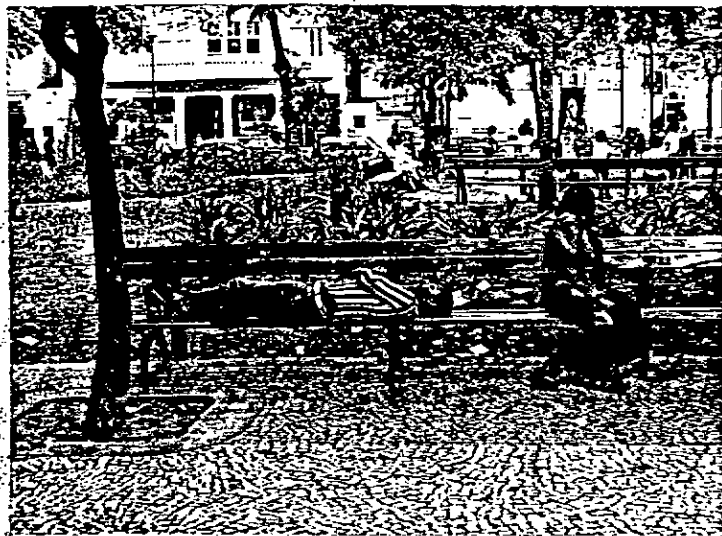
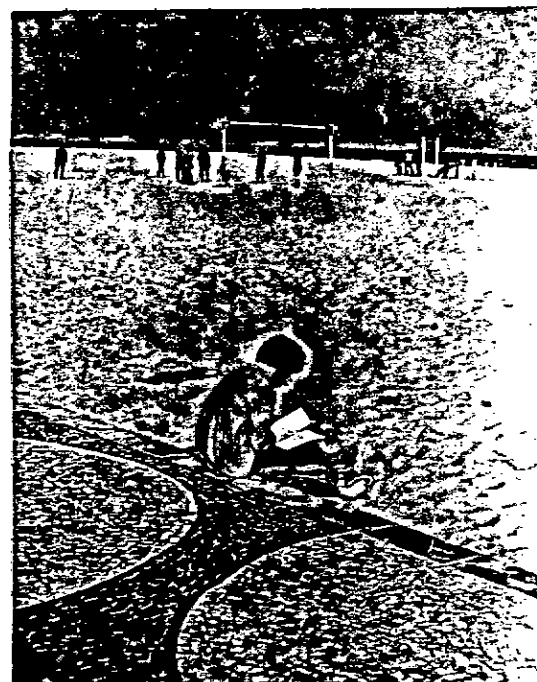
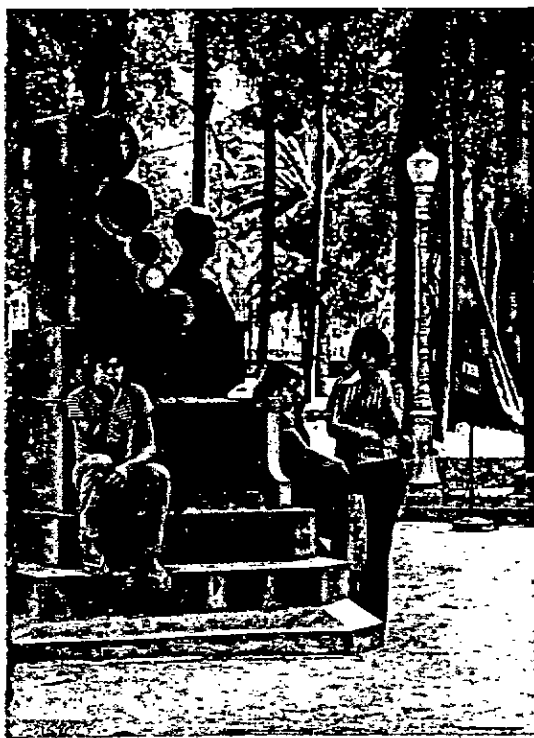
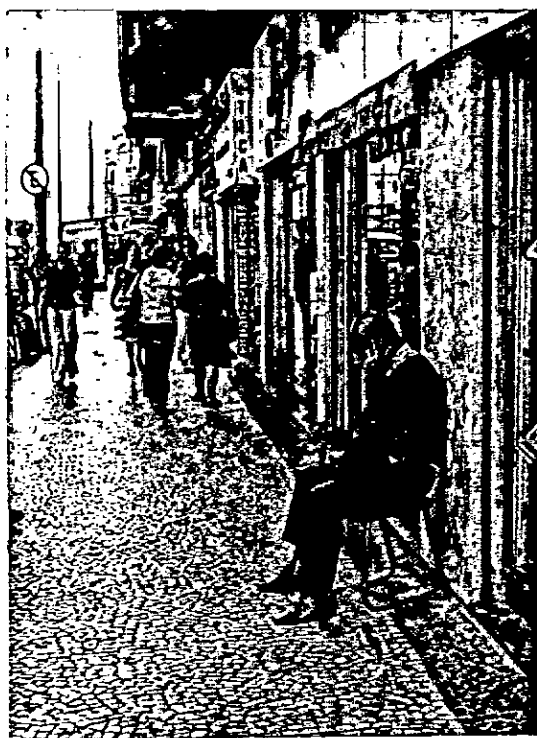
No próximo domingo, os organizadores promoverão palestras sobre tóxicos, primeiros socorros e prevenção e combate a incêndios.

Salão do Lazer atrai 50 mil

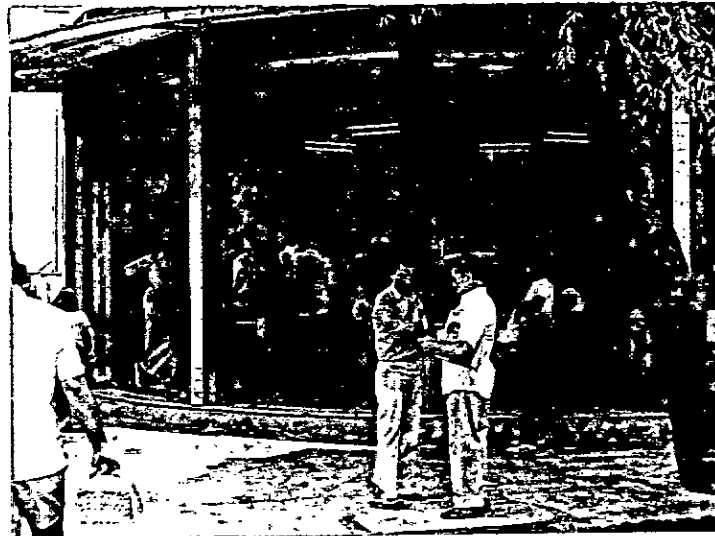
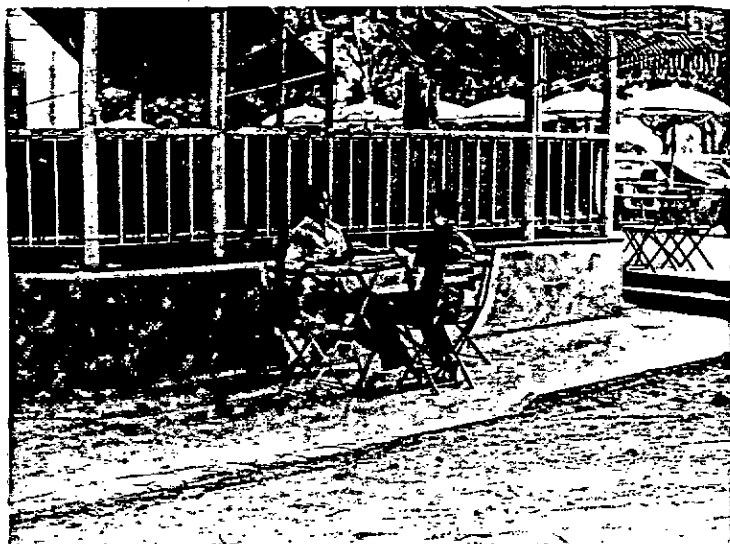


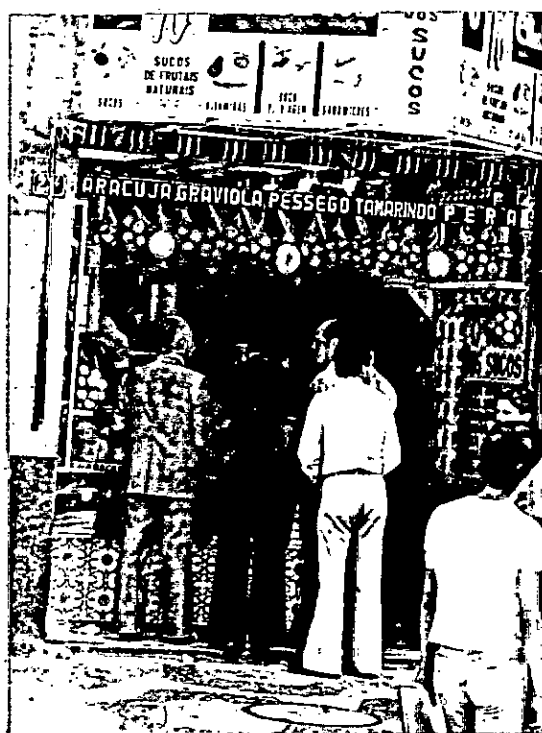
- Ajuntamento na praça





- Bar e botequim





- Feira livre, armazem e quitanda



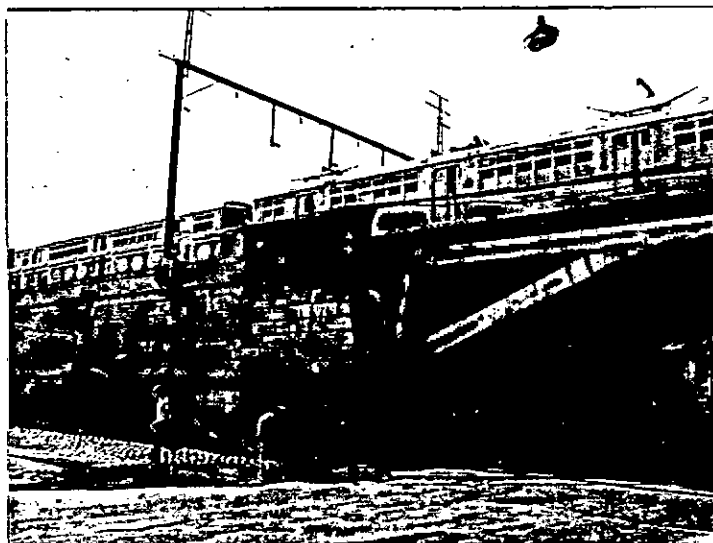
- Supermercado



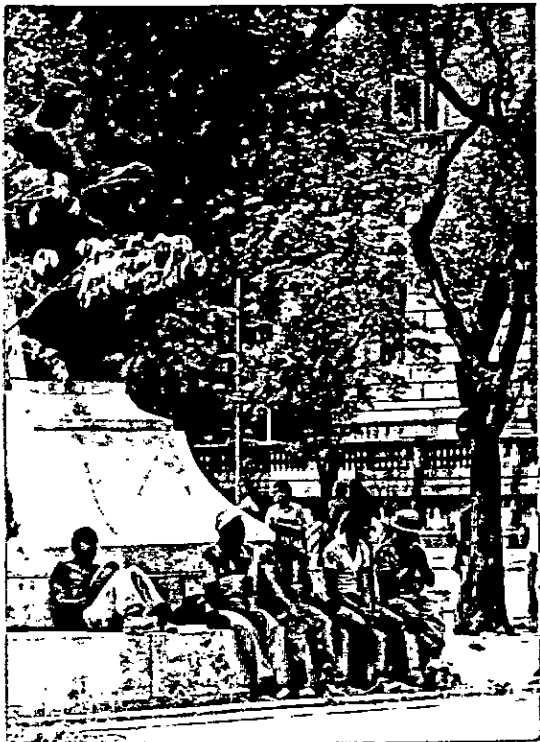
- Bonde

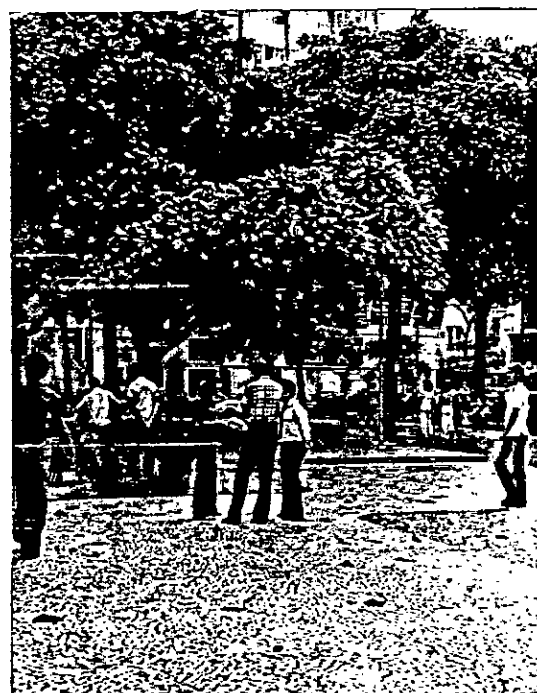
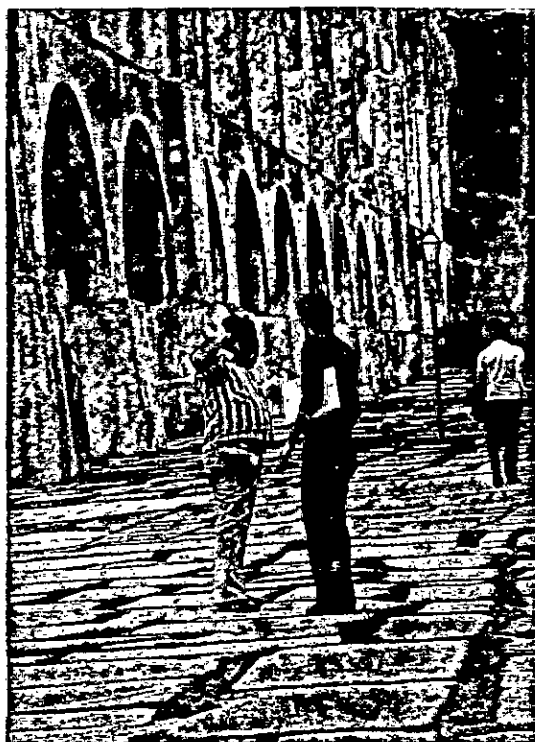


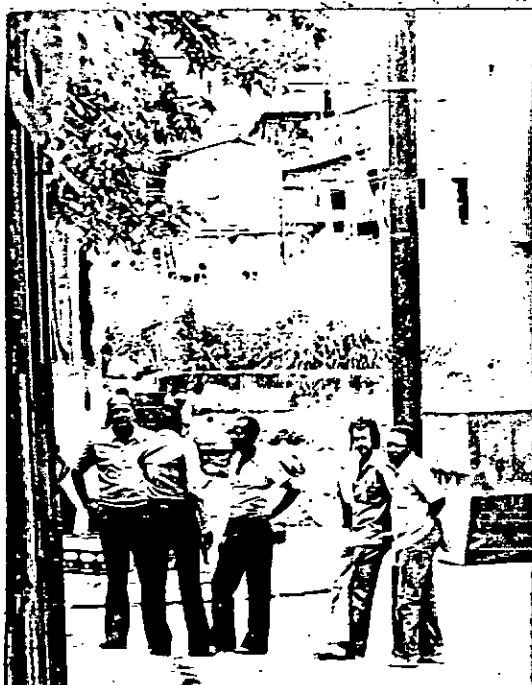
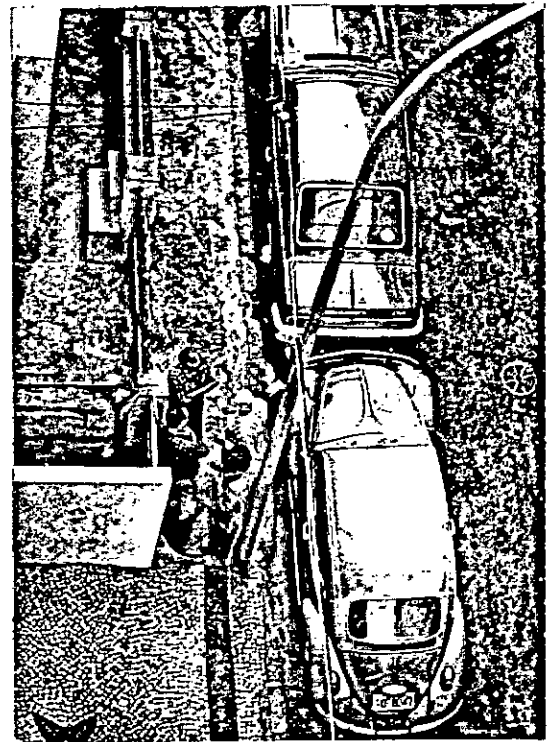
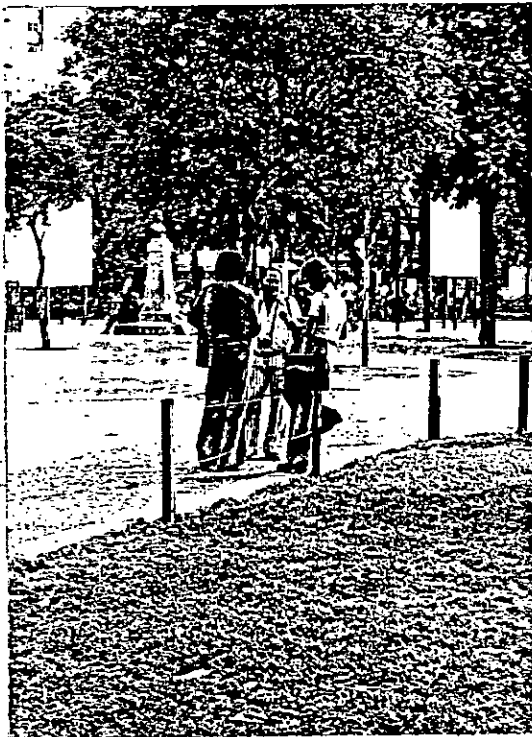
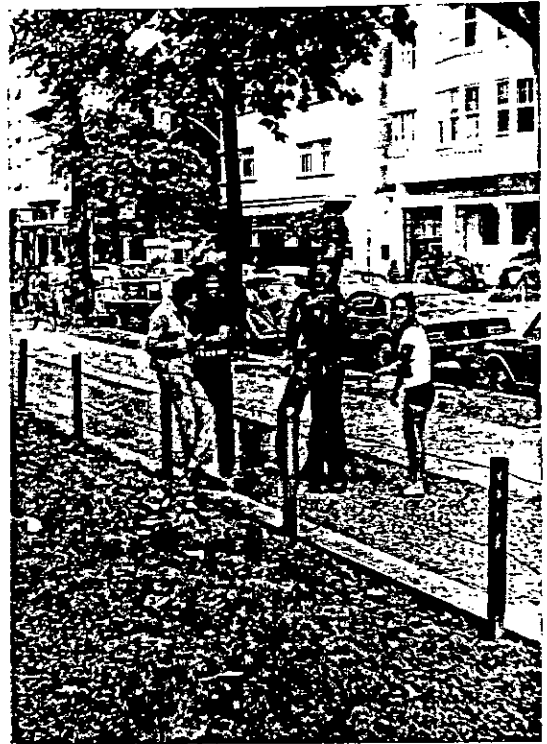
- Transporte urbano

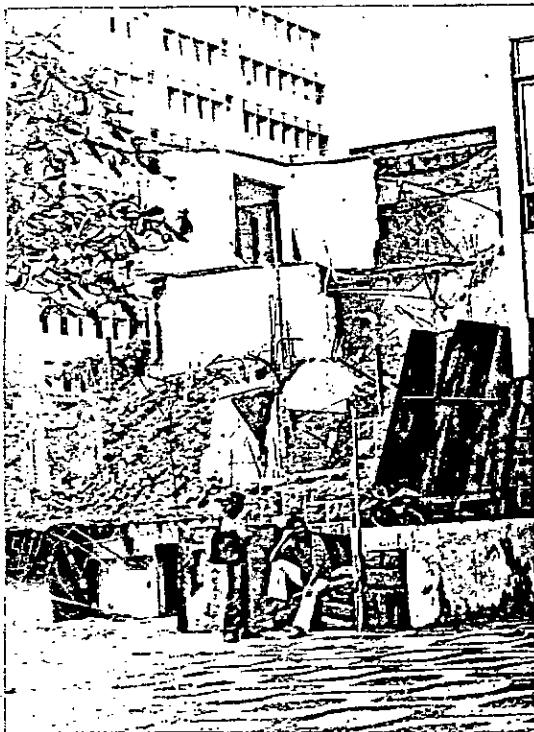


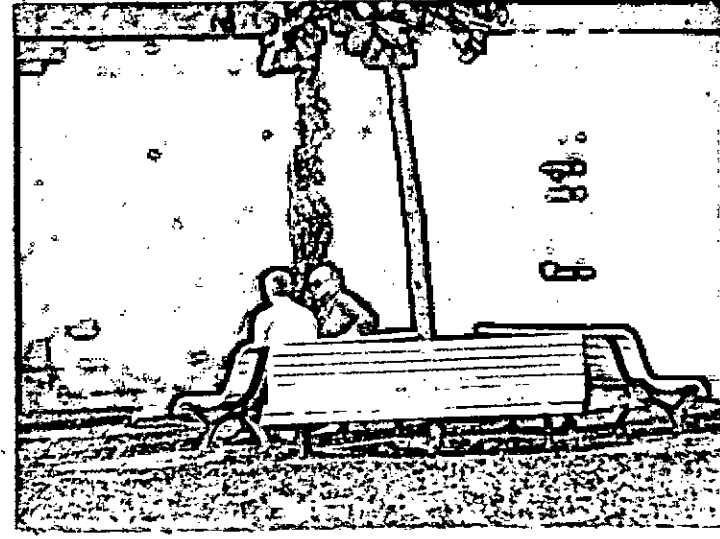
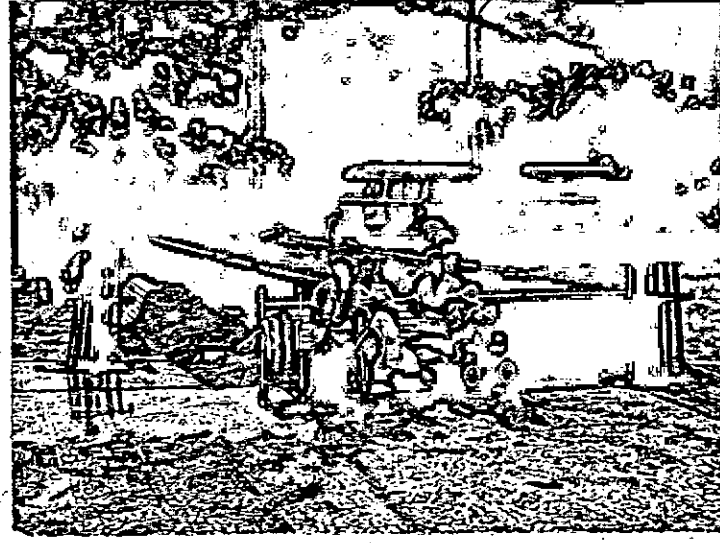
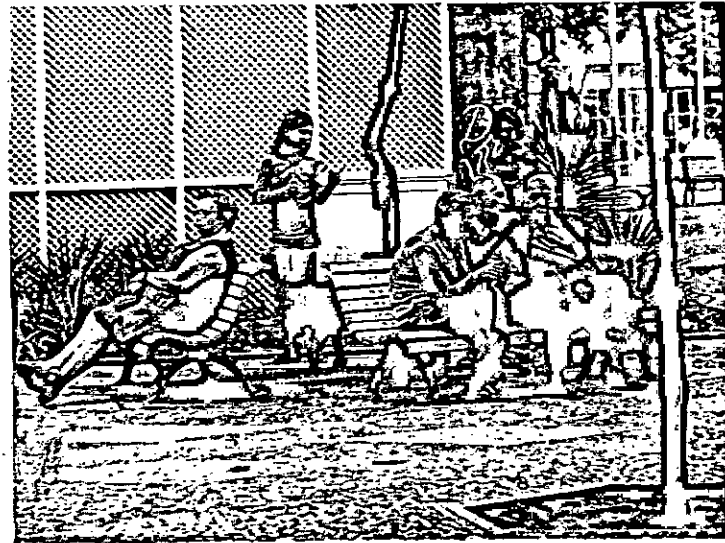
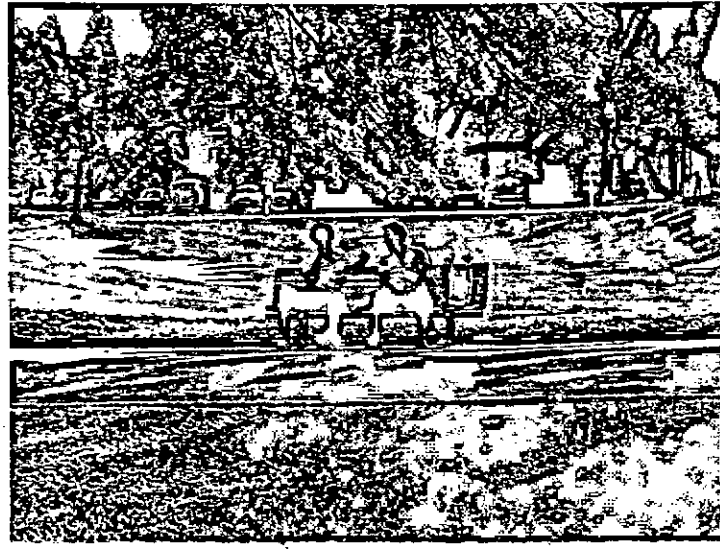
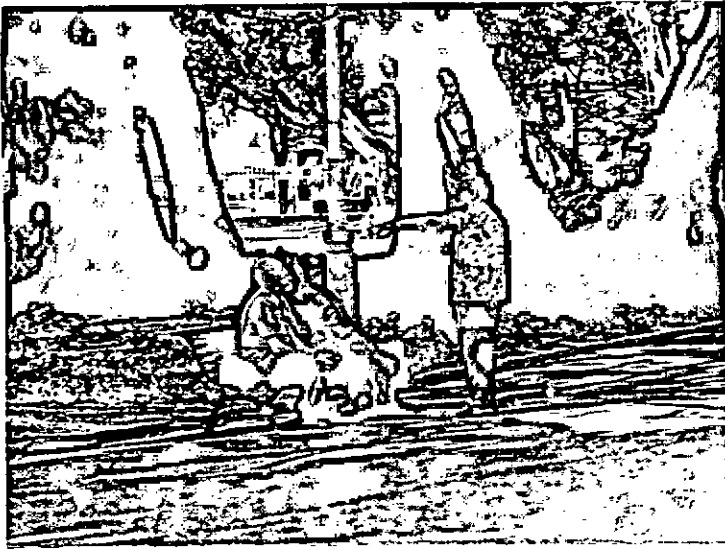
- Trabalho



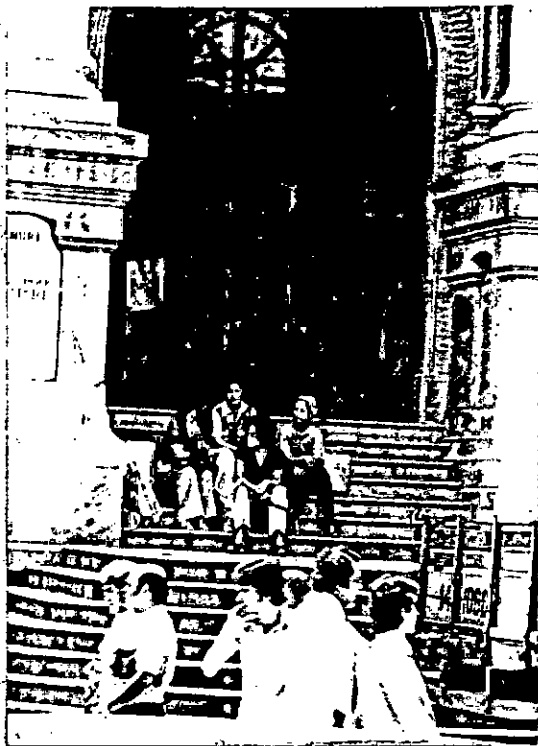




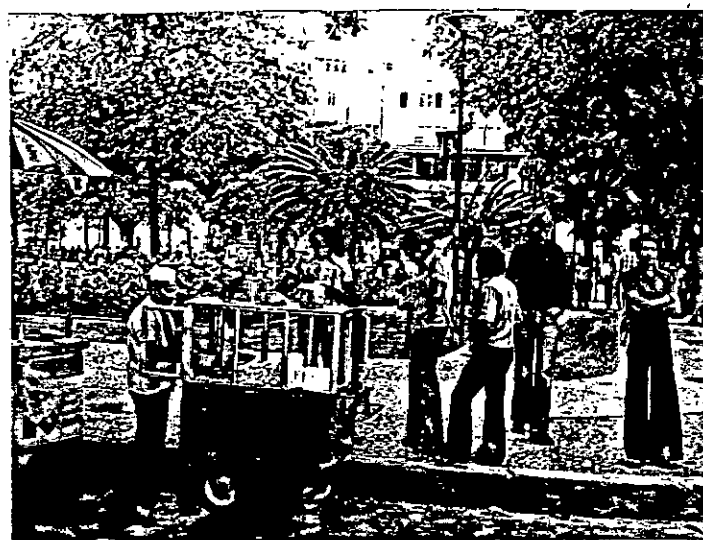
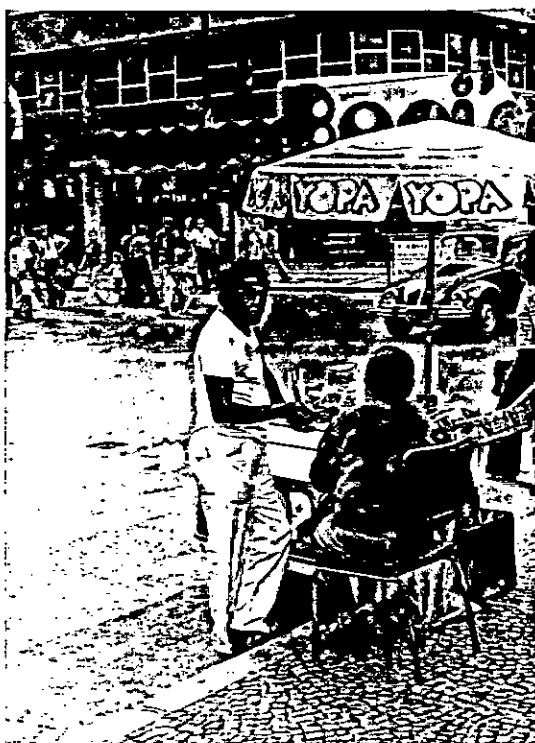




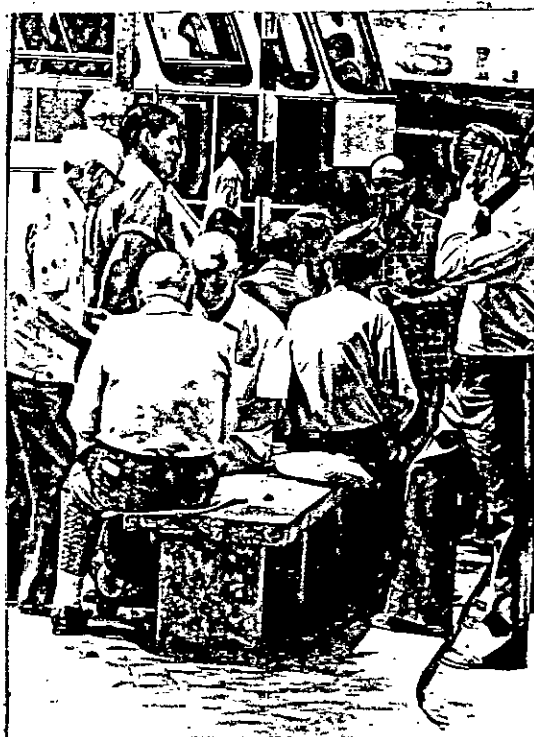
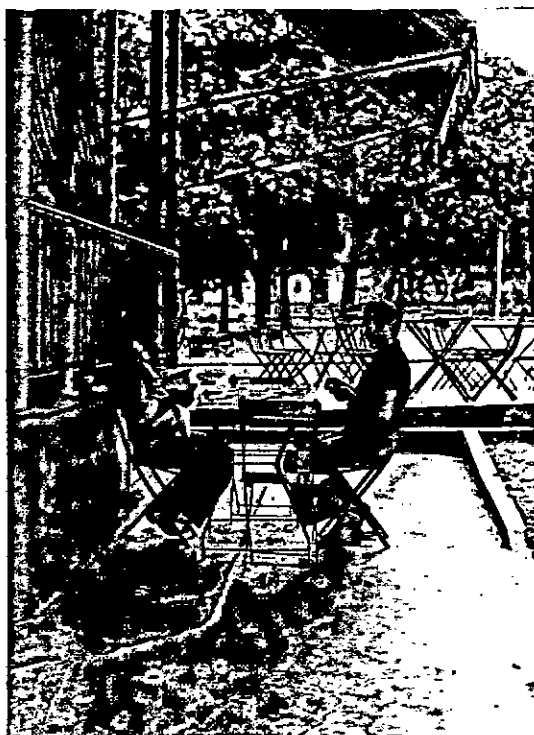
- Grandes grupos

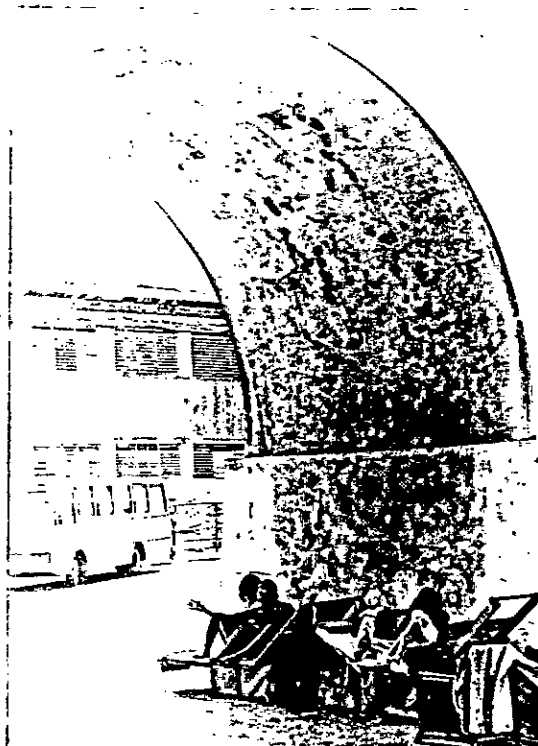


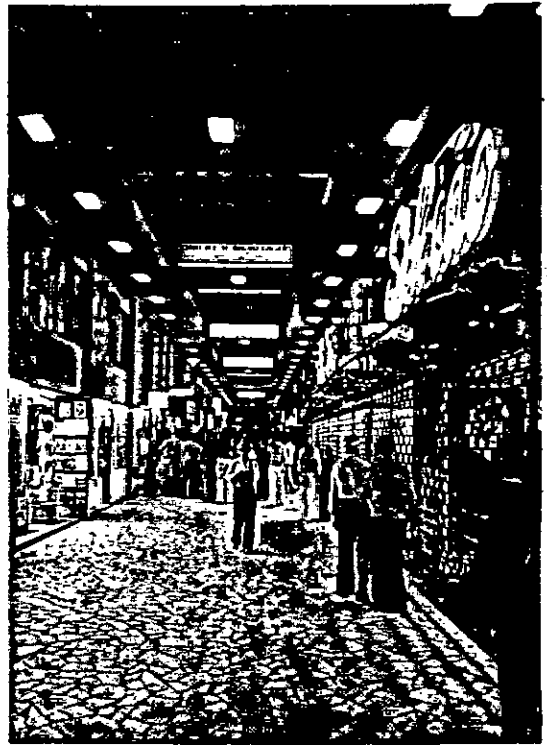
- Ponto de ambulantes



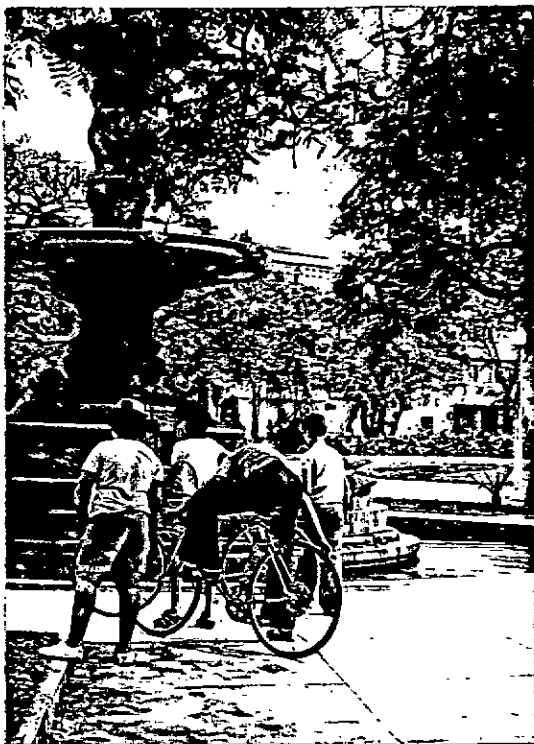
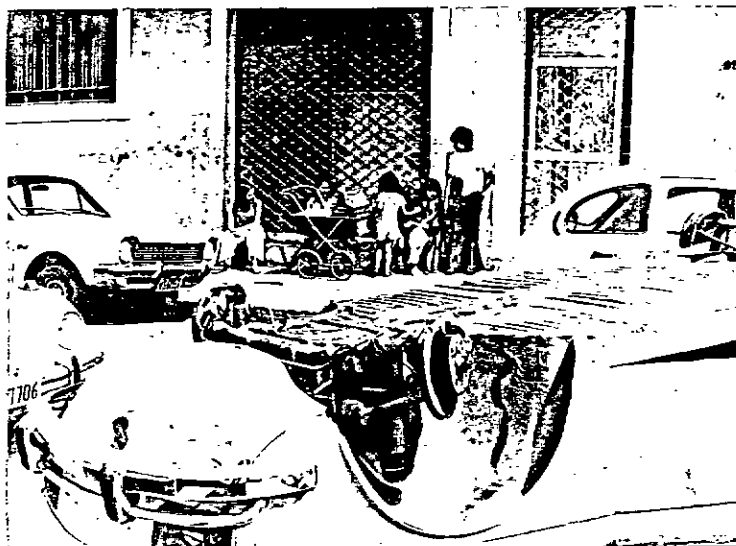


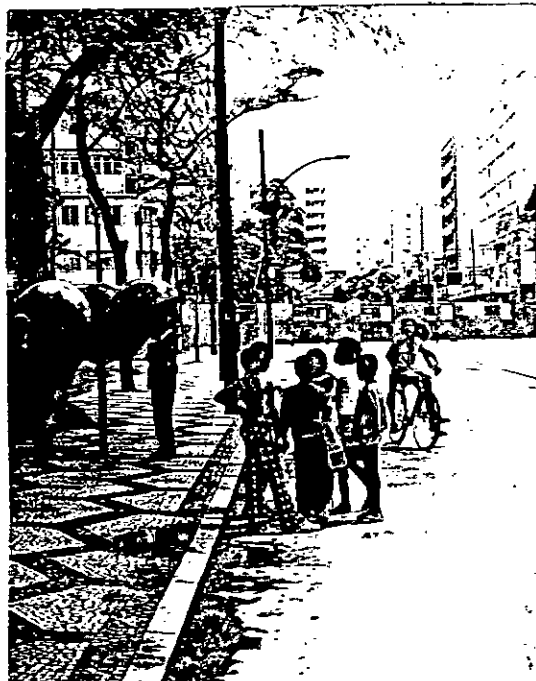
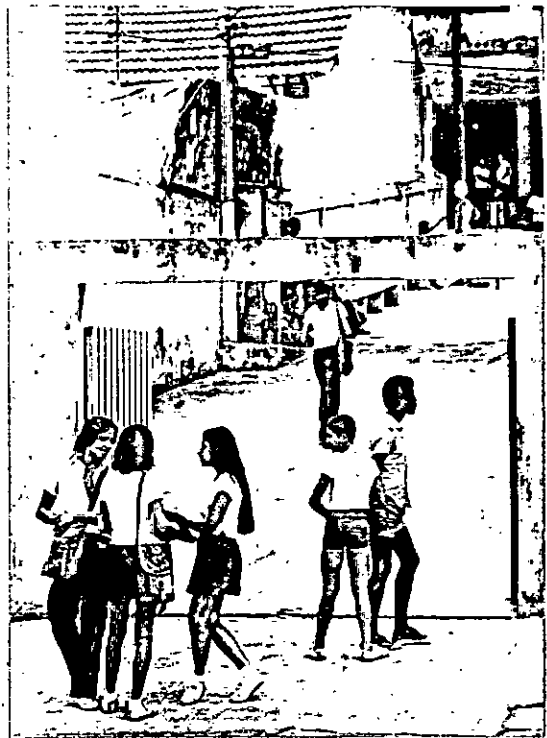
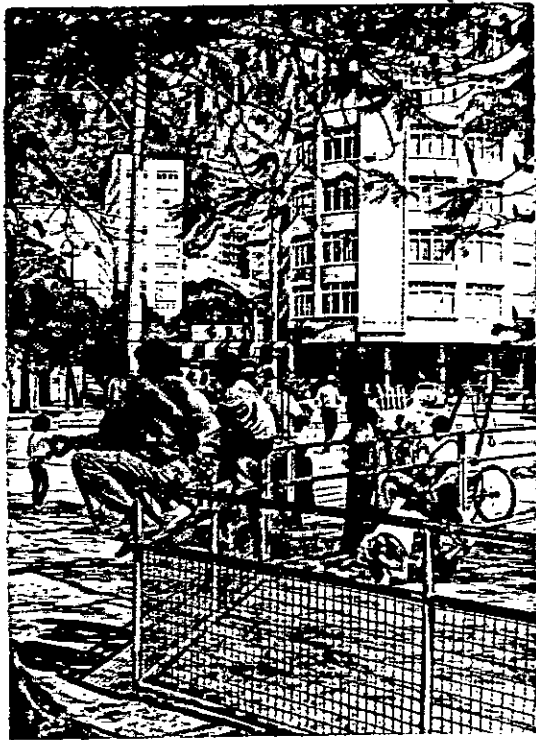
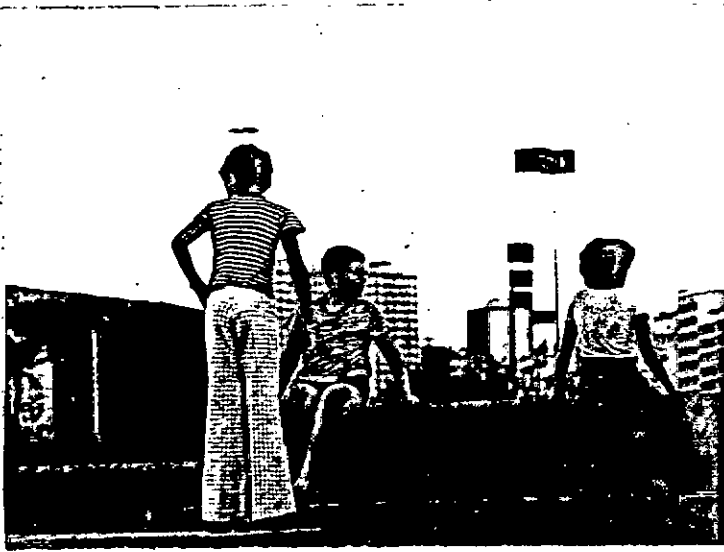




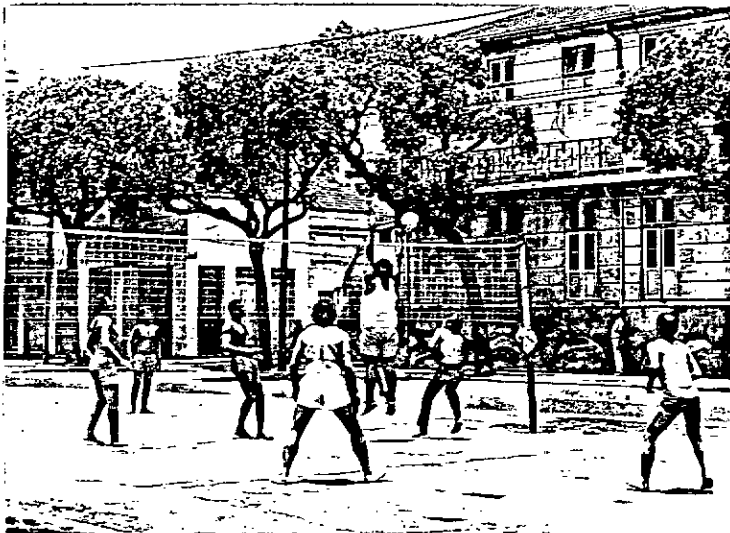
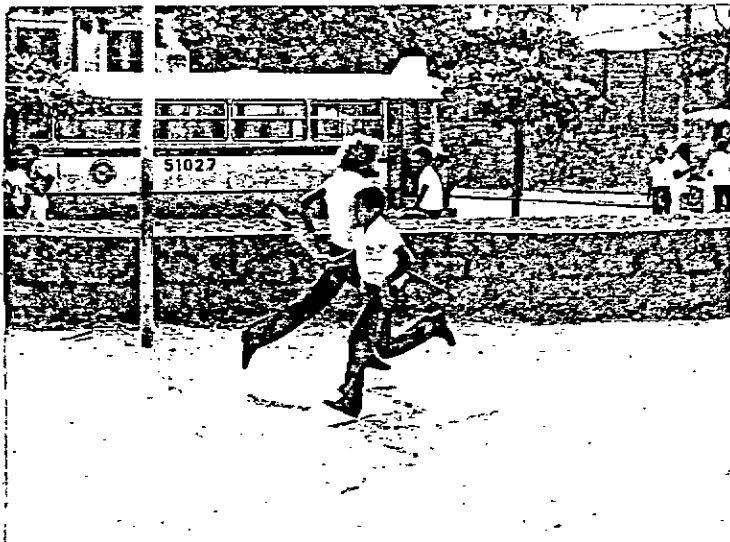


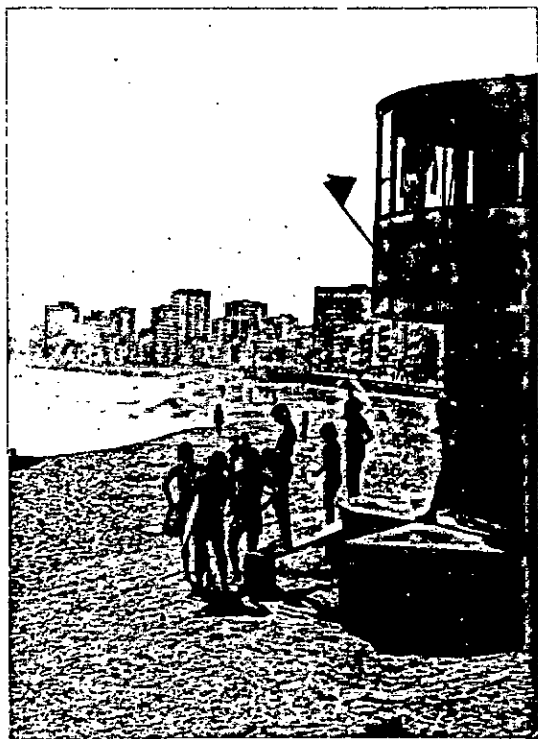
- O encontro das crianças e adolescentes



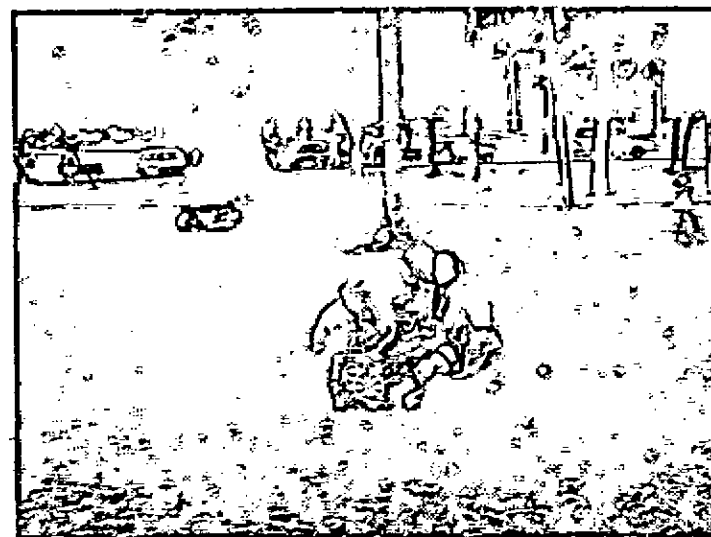
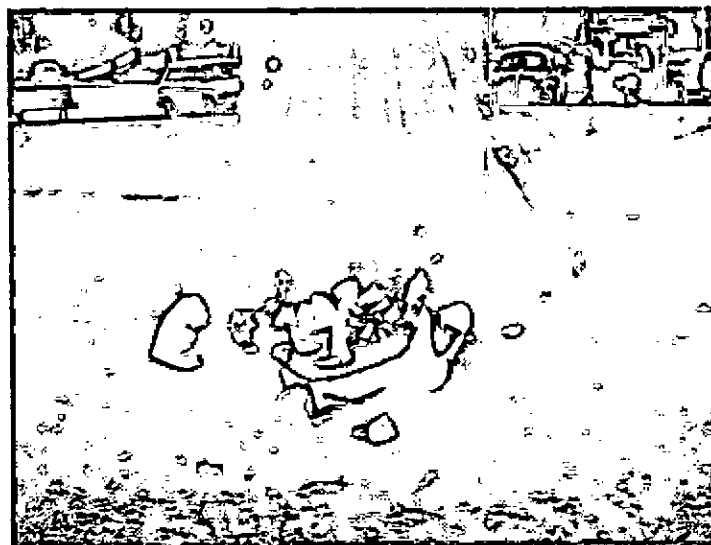
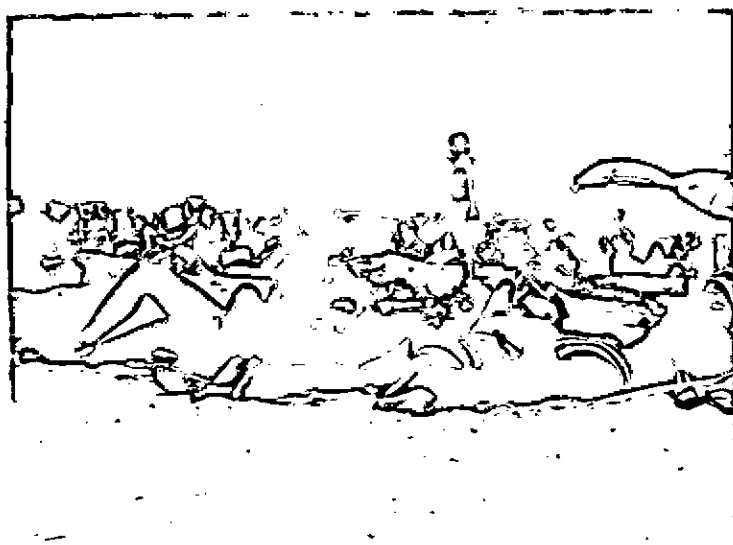
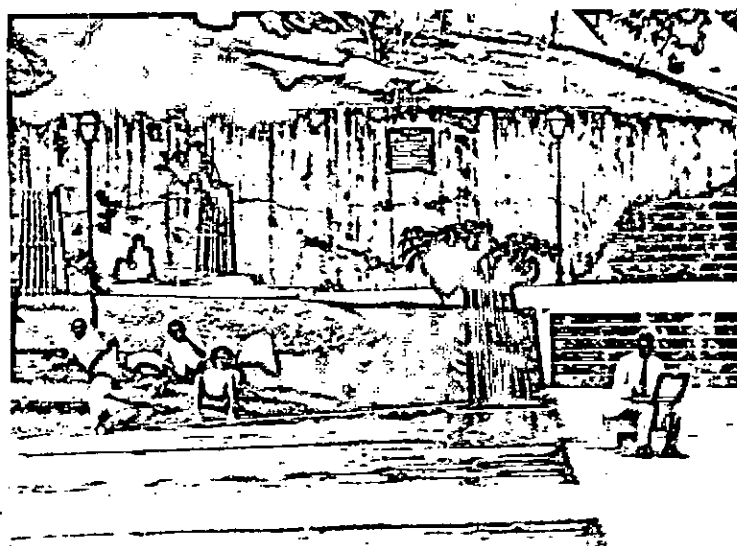


- A brincadeira

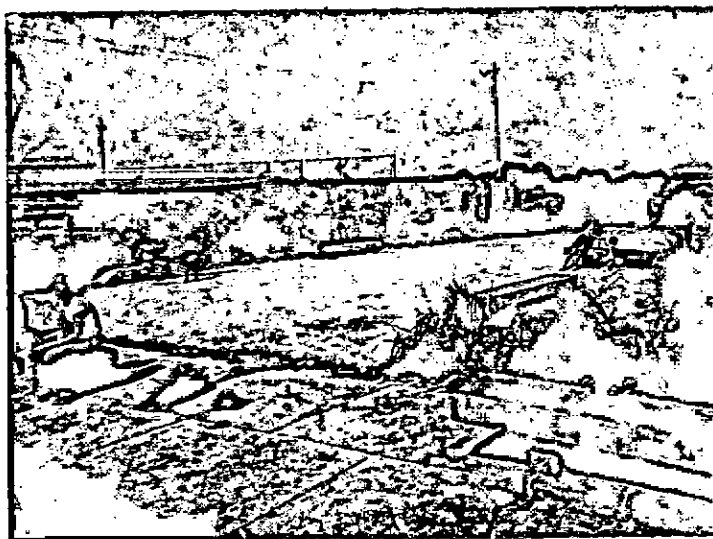
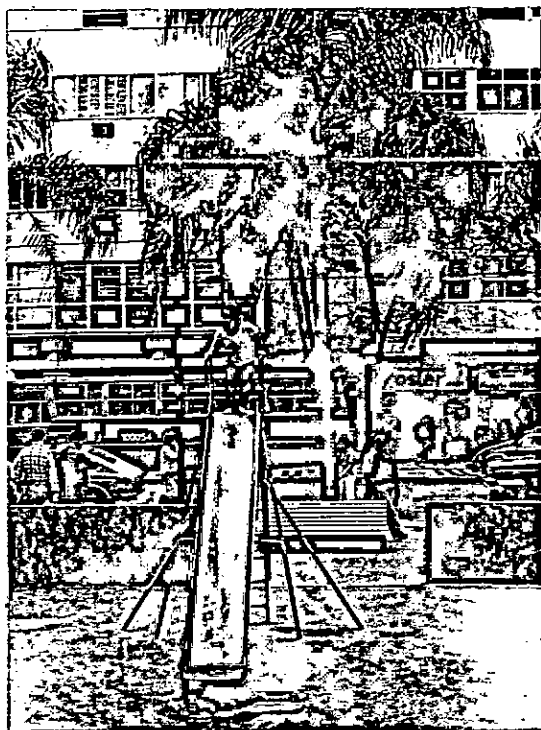
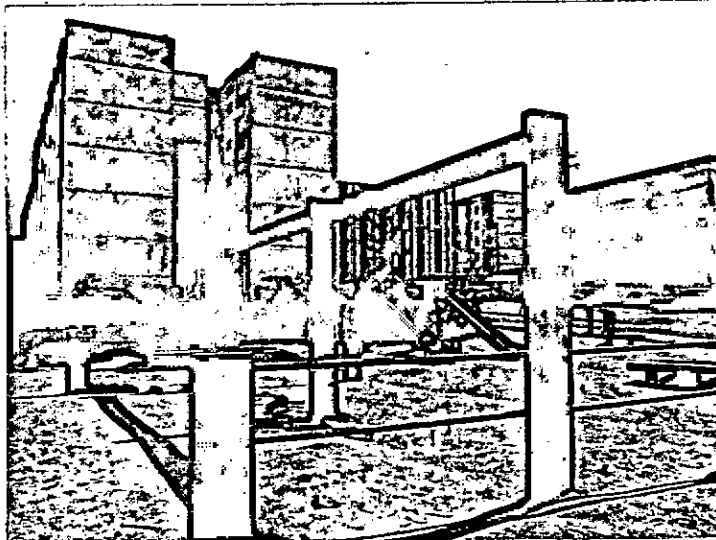
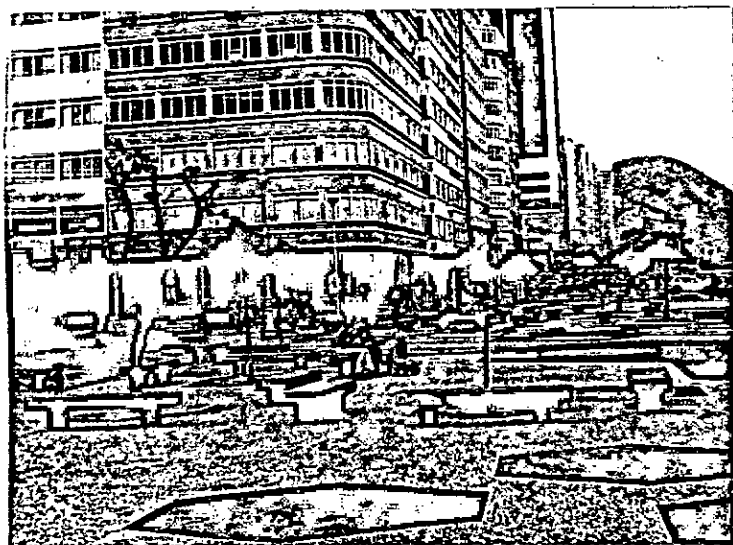
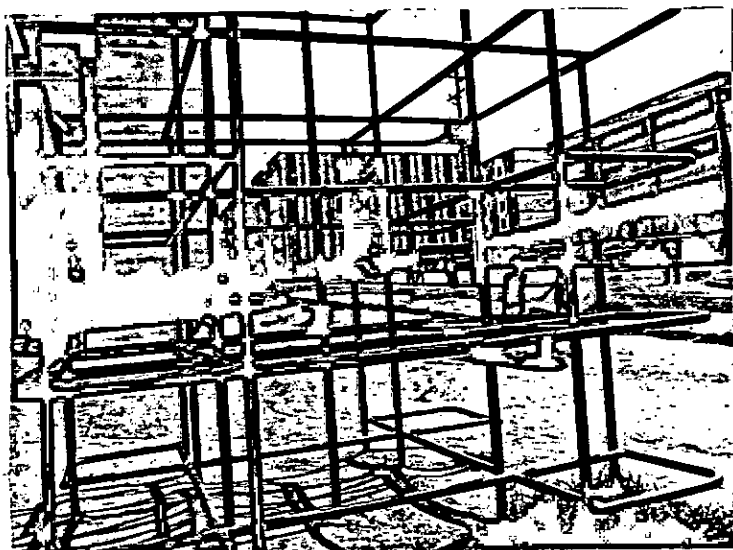


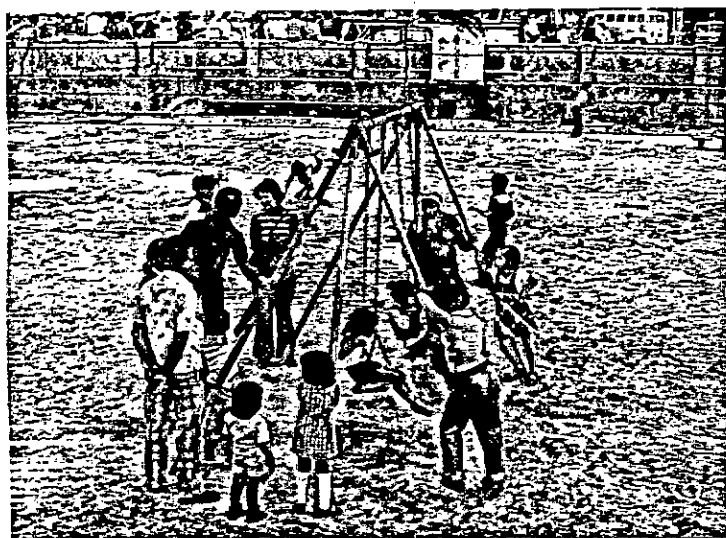
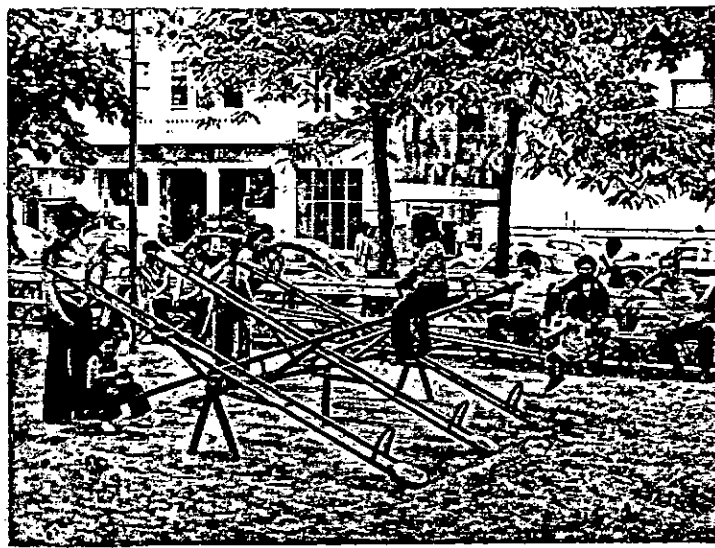


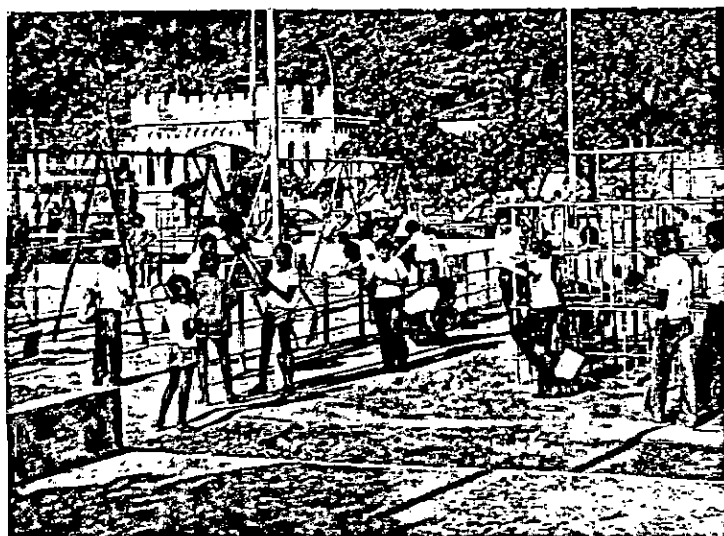
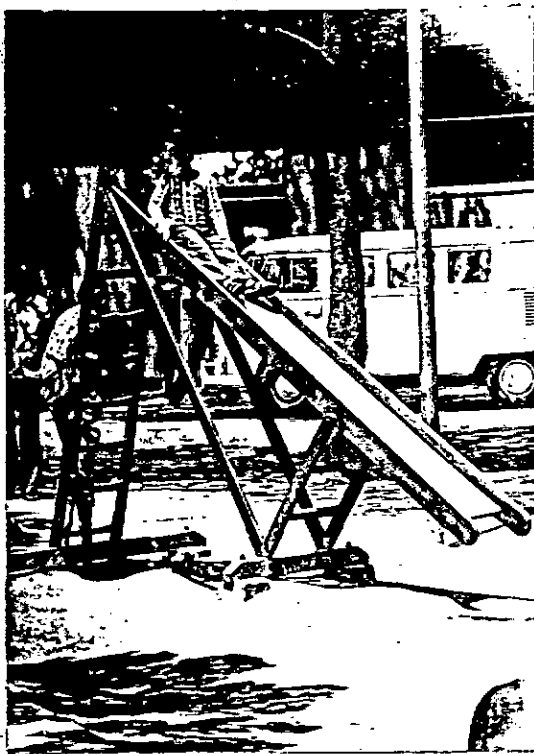
- Equipamento natural



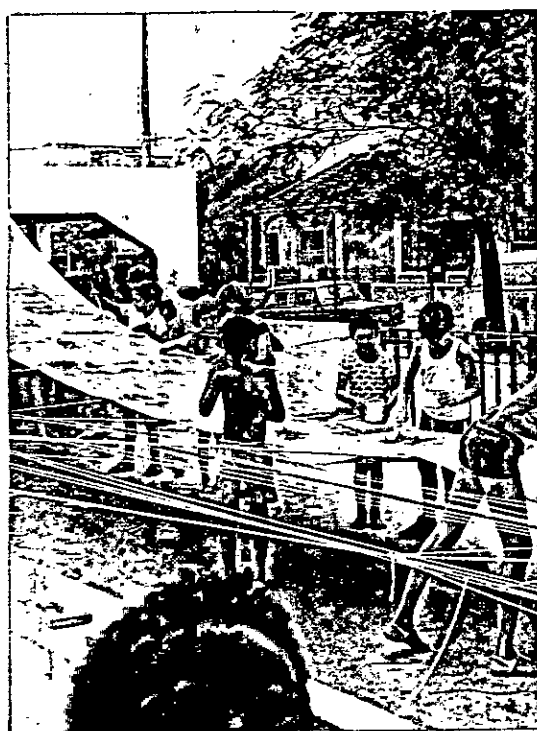
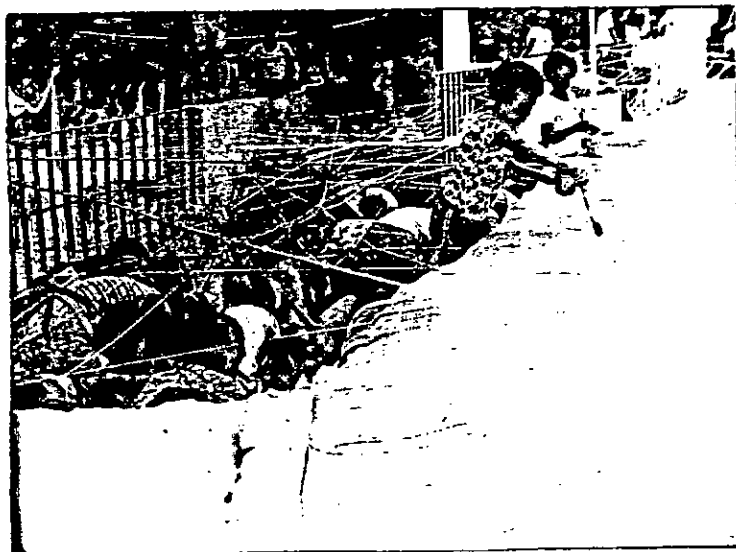
- Algumas praças







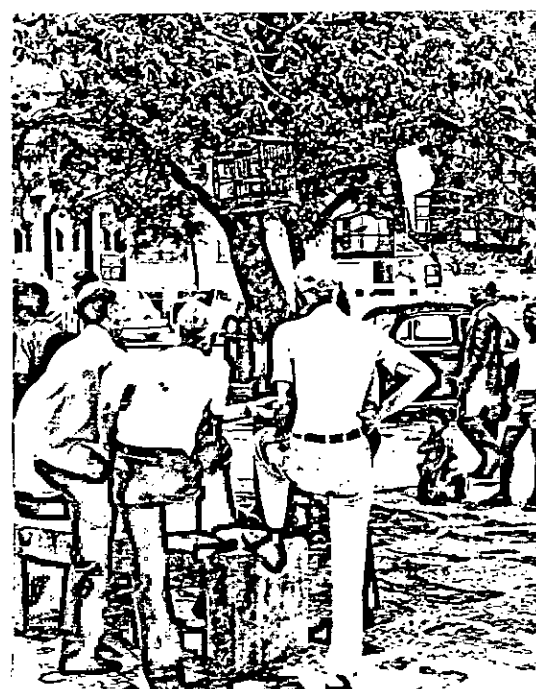
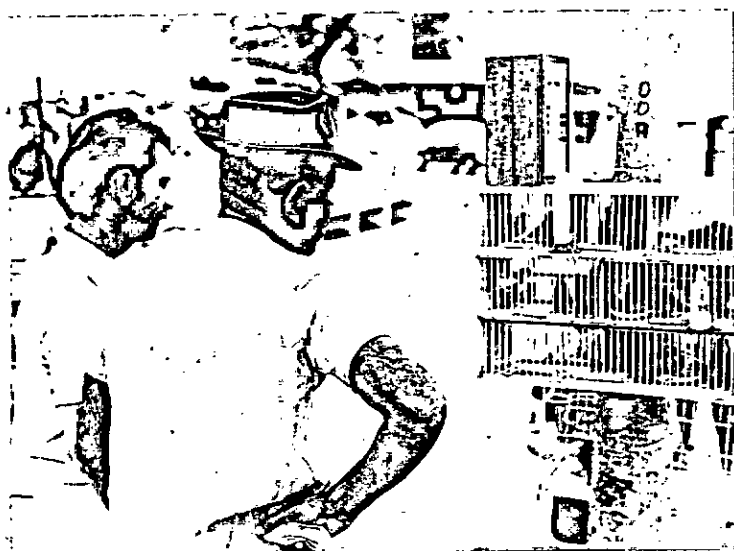
- Atividade criativa programada



- espetáculo na praça

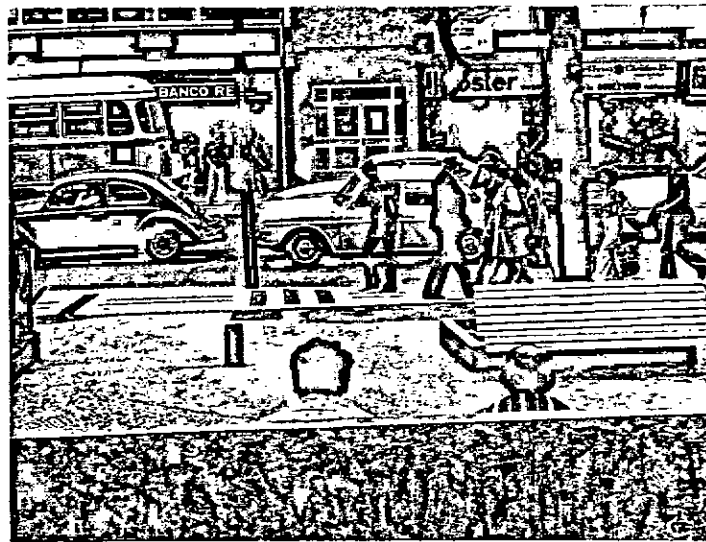


- Encontro dos passarinhos



- Encontro dos colecionadores





É nossa opinião que a criação de uma tecnologia adequada à nossa realidade, fundamentada no conhecimento da formação da cultura e do ambiente que habitamos, determinaria uma atuação útil e concreta do técnico sobre nosso habitat. A nosso ver, uma das alternativas de formação deste conhecimento seria a partir de um estreito contacto entre a universidade e as comunidades a que servem, permanentemente realimentados através da implantação de centros de pesquisa e núcleos de prestação de serviços à comunidade.

REFERÊNCIAS DAS FOTOGRAFIAS

Centro -	Passeio Público Campo de Santana Cinelândia Praça Cruz Vermelha Rua das Marrecas Avenida Rio Branco Rua Buenos Aires
Lapa -	Largo da Lapa
Santa Teresa -	Rua Alm. Alexandrino Rua Eliseu Visconti Rua Fallet
Catete -	Largo do Machado
Flamengo -	Aterro do Flamengo
Botafogo -	Rua Assunção Rua Novo Mundo
Leme -	Praça Alm. Júlio Noronha Calçadão
Copacabana -	Praça do Lido Praça Serzedelo Correia Praça Bairro Peixoto Av. Atlântica Av.N.S. de Copacabana
Ipanema -	Av. Vieira Souto Praia
Rio Comprido -	Praça Condessa Paulo Frontin Rua Campos Sales

Tijuca -	Praça Saenz Pena Praça Xavier Brito
Maracanã -	Praça Varnhagem
Quinta -	Parque Imperial Zoológico
Jacarezinho -	Av. Suburbana - Imediações
Del Castilho -	Conjuntos Habitacionais
Cordovil -	Conjuntos Habitacionais (Cidade Alta)
Irajá	Praça Vista Alegre

BIBLIOGRAFIA

O Fenomeno Urbano: Otávio Guilherme Velho
Economia Política da Urbanização: Paul Singer
A Questão Urbana: Manuel Castells
O Espaço Geográfico: Oliver Dollfus
Espaço Pessoal: Robert Sommer
A Dimensão Oculta: Edward Hall
Introdução a Economia: Carlos Lessa e Antonio Castro
Introdução a Antropologia Social: Lucy Mair
Sociologia Industrial: Eugene V. Schneider
A Nova Classe Média: C. Wright Mills
A Verdade e as Formas Jurídicas: Michel Foucault
Manual de Diseño: Gui Bonsieppe
O Sistema dos Objetos: Jean Baudrillard
O Significado do Botequim: Luis Antonio Machado da Silva
Estruturas de Classe e Estratificação Social: Antonio R. Bertelli -
Octávio Guilherme Velho - Moacir G.S. Palmeira

Cursos de Complementação:

Planejamento Urbano e Poluição Ambiental
Joca Serran - Feema

Arquitetura Experimental

Sonia - Sindicato dos Arquitetos do Brasil
Reinaldo

Demais Fontes de Pesquisa:

Jornais Diários e Periódicos: JB, O Globo, Opinião, Saúde do Mundo,
Jornal de Arquitetura, Cadernos de Jornalismo e Comunicação, etc.
Revistas especializadas em Arquitetura, Urbanismo, Saúde, etc.

Orientação: Rosine Josef Perelberg
Washington Lessa (relator)

Colaboração: Joca Serran
Luis Antonio Machado da Silva

Revisão: Beatriz

Datilografia: Waleska Maritza Iara Rudge Encarnação

Agradecemos também, às demais pessoas, que colaboraram conosco.

ÍNDICE FOTOGRÁFICO

Rio - 2 Tempos 33

Copacabana - Flamengo

Centro - Centro

Lapa - Rocinha

Ocupação do Espaço 34

Centro - Santa Tereza

Cotafogo - Cordovil

Lapa - Lagoa

Rocinha - Santa Tereza

Flamengo - Cordovil

Santa Tereza - Santa Tereza

Verticalismo 36

Cordovil - Barra

Barra - Gávea

Flamengo - Cordovil

Flamengo - Copacabana

Cordovil - Flamengo

Centro - Centro

Objetos de Morar 38

Santa Tereza - Flamengo

Copacabana - Jacarezinho

Cordovil - Jacarezinho

Locomover-se	39
Centro - Jacarezinho	
Rocinha - Centro	
Lapa - Jacarezinho	
Limites	40
Lapa - Ipanema	
Botafogo - Centro	
Centro - Centro	
O Ritmo	41
Centro - Tijuca	
Copacabana - Centro	
Centro - Centro	
Sub-Emprego	42
Centro - Rio Comprido	
Lapa - Tijuca	
Centro - Cordovil	
As Pessoas	43
Centro - Centro	
Barra - Centro	
Centro - Rocinha	
Necessidade	44
Copacabana - Flamengo	
Tijuca - Copacabana	
Centro - Tijuca	

-Ajuntamento	82
Centro - Centro	
Cordovil - Centro	
Copacabana - Quinta	
 Ajuntamento na Praça	 83
Copacabana - Copacabana	
Catete - Centro	
Centro - Centro	
 Sõ	 84
Copacabana - Copacabana	
Copacabana - Centro	
Copacabana - Copacabana	
 Bar e Botequim	 85
Quinta - Rio Comprido	
Rio Comprido - Centro	
Centro - Rio Comprido	
 Lanchonete	 86
Centro - Rio Comprido	
Tijuca - Centro	
Centro - Centro	
 Feira Livre, Armazém e Quitanda	 87
Jacarezinho - Rio Comprido	
Rio Comprido - Rio Comprido	
Rio Comprido - Rio Comprido	

Supermercado 88

Rio Comprido - Rio Comprido

Rio Comprido - Rio Comprido

Rio Comprido - Rio Comprido

Bonde 89

Santa Tereza - Santa Tereza

Santa Tereza - Santa Tereza

Santa Tereza - Santa Tereza

Transporte Urbano 90

Lapa - Centro

Centro - Maracanã

Centro - Centro

Trabalho 91

Centro - Centro

Centro - Jacarezinho

Jacarezinho - Centro

O Papo 92

Lapa - Tijuca

Copacabana - Centro

Copacabana

Copacabana - Copacabana

Copacabana - Copacabana

Rio Comprido - Centro

Jacarezinho - Tijuca

Jacarezinho - Centro

Ipanema - Centro

Centro - Centro

Copacabana - Leme

Centro - Copacabana

Grandes Grupos 96

Quinta - Centro

Copacabana - Centro

Santa Tereza - Copacabana

Ponta de Ambulantes 97

Jacarezinho - Copacabana

Flamengo - Jacarezinho

Catete - Copacabana

Cordovil - Copacabana

Centro - Cordovil

Flamengo - Tijuca

O Jogo 99

Centro - Santa Tereza

Quinta - Quinta

Centro - Santa Tereza

Outros 100

Rio Comprido - Lapa

Rocinha - Lapa

Alto da Boa Vista - Tijuca

Rodoviária Novo Rio - Catete

Catete - Centro

Quinta - Catete

O Encontro das Crianças e Adolescentes

102

Botafogo - Tijuca

Quinta Copacabana

Centro - Ipanema

Flamengo - Tijuca

Tijuca - Jacarezinho

Tijuca - Leme

A Brincadeira

104

Tijuca - Leme

Leme - Lapa

Centro - Tijuca

Santa Tereza - Del Castilho

Leme - Ipanema

Leme - Leme

Equipamento Natural

106

Lapa - Quinta

Copacabana - Quinta

Flamengo - Quinta

Flamengo - Quinta

Algumas Praças 107

Cordovil - Cordovil

Copacabana - Cordovil

Copacabana - Cordovil

O Brinquedo de Praça 108

Centro - Copacabana

Flamengo - Copacabana

Flamengo - Centro

Cordovil - Centro

Tijuca - Del castilho

Leme - Flamengo

Atividade Criativa Programada .. 110

Irajá - Leme

Leme - Irajá

Irajá - Leme

Espetáculo na Praça 111

Catete - Flamengo

Catete - Catete

Catete - Flamengo

Encontro dos Passarinheiros 112

Maracanã, Praça Varnhagem

Encontro dos Colecionadores 113

Centro, Passeio Público

Pág. 114

Copacabana